Diário de Lisboa

ANO 66 Nº 20 231 Quinta-feira, 4 de Dezembro de 1986 Preço 40$00

PS recusa cimeira com o PRD e o PCP

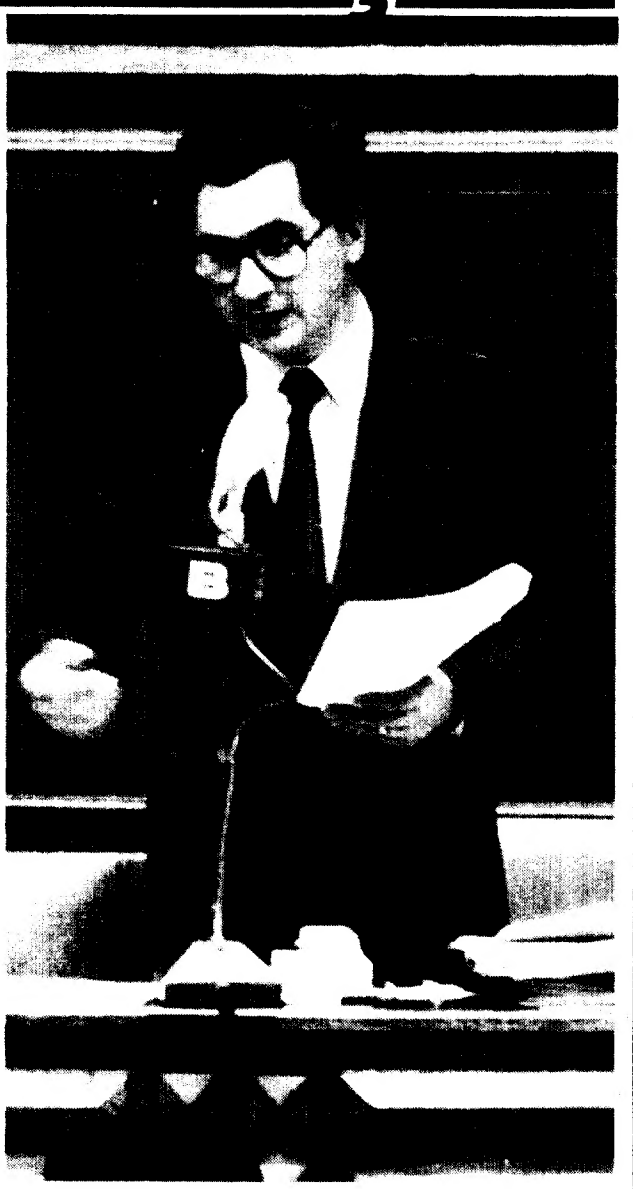
Pág. 4

CAVACO DESAFIA OPOSIÇÃO

Apresentem uma moção de censura!

Cavaco Silva com Fernando Nogueira nos corredores de S.Bento

Cavaco Silva desafiou hoje a Oposição a apresentar uma moção de censura ao seu Governo. Foi já ao princípio da tarde, quando discursava no Parlamento no termo da discussão na especialidade do Orçamento de Estado. O primeiro-ministro acusou os deputados da Oposição de actuação ilegitima ao «desvirtuarem» as «bases de funcionamento» do sistema democrático, acrescentando que, para eles, a Constituição da República fornece um artigo pelo qual podem avançar com uma moção de censura ao Governo. Criticou ainda a Oposição por «parlamentarizar o Orçamento» e referiu que, em diversos países europeus, se assiste a uma evolução no sentido da contenção dos poderes financeiros dos Parlamentos. Outro desafio foi lançado pelo primeiro-ministro ao anunciar desde já que o seu Governo não prescinde da sua competência na execução do Orçamento, o que deixa antever que poderá desrespeitar algumas das alterações introduzidas pelo Parlamento.



Abstenção do PRD e apoio do CDS salvam Cavaco

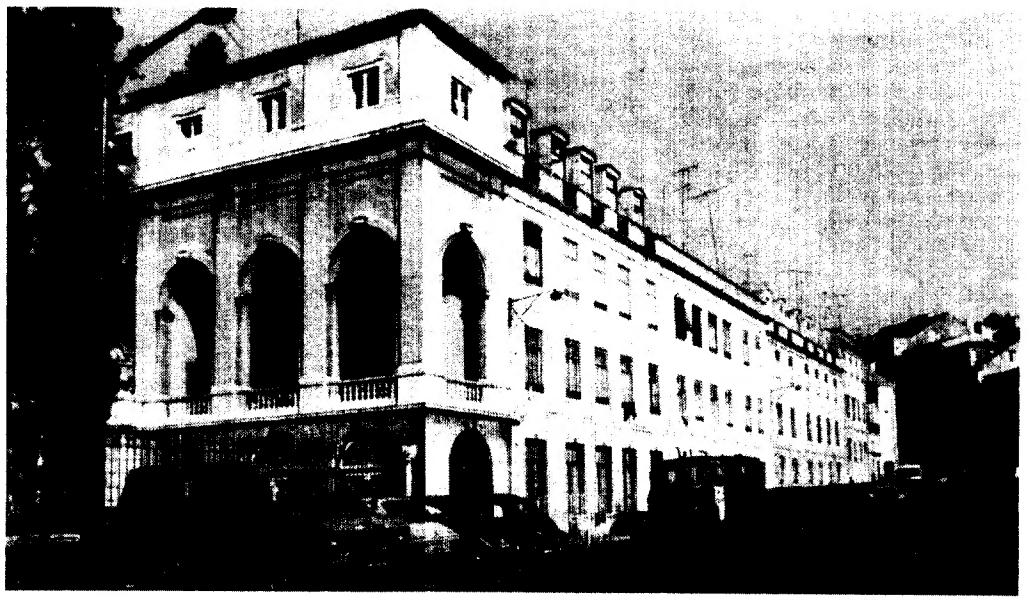
Pág. 11

QUE FUTURO PARA A APU?

Cunhal e Tengarrinha encontram-se ao fim da tarde

Pág. 4

Ressuscitado plano com 16 anos



Nova torre de Abecesis fica à beira de S. Bento

Uma proposta ontem aprovada por maioria na Câmara de Lisboa viabilizou um projecto, com mais de 16 anos, que visa edificar junto ao Palácio de S.Bento um conjunto arquitectónico, no qual se insere uma torre.

Pág. 9

21 futebolistas em greve: uma luta exemplar

António Pedro Vasconcelos

Treze jogadores de futebol estão há vários meses em greve de solidariedade com os seus 8 colegas, arbitrariamente afastados da Selecção Nacional. É uma luta exemplar. O caso, com as suas peripécias e as suas consequências, têm sido noticiado ruidosamente na nossa imprensa da especialidade. Quase sempre mais atenta ao acessóriodo que ao essencial, mais preocupada com as razões de circunstância do que com a questão de fundo, o certo é que a Imprensa desportiva tem dado ao «caso Saltillo» cobertura de 1.ª página. Mas — aparte o «Expresso», onde Carlos Matos faz figura de Cavaleiro Solitário — o resto da comunicação social, receosa de tomar partido, tem lançado sobre esta questão nacional um silêncio embaraçado e que se finge distraído.

É um silêncio que se tornou quase oficial. O pior é que esta falta de um eco na consciência das pessoas, que os jornalistas têm por missão suscitar, começa a tornar-se inquietante, porque começa a ser um hábito. O jornalismo polémico, que toma partido, parece estar morto em Portugal — agora precisamente que era possível fazê-lo! — e o que é terrível é que, como acontece com os mortos que nos eram queridos, habituamo-nos à sua ausência.

Dir-me-ão que exagero. Que o caso já fez correr muita tinta, já ocupou muitos noticiários, mobilizou muitas câmaras de televisão. É verdade. Mas não vi até hoje nenhum intelectual, nenhum homem político — mais uma vez, salve-se uma honrosa excepção, a de Manuel Alegre, que viu chumbada na A.R. uma moção para que abrissem um inquérito aos acontecimentos de Saltillo — não vi até hoje ninguém fazer claramente sua esta luta que 21 jogadores de futebol mantêm desde o México, em nome do respeito pelas regras elementares da democracia.

Porque é disso que se trata. O que está em causa nesta história de Saltillo não são tanto as razões particulares de cada um — o disse ou não disse, fez ou não fez — sujeitas à prova de detector de mentiras ou de um qualquer inquiridor. O que traduz este confronto, quer se queira quer não, é a luta do 25 de Abril contra a «Velha Senhora», a luta dos jogadores de futebol pela sua emancipação como homens, como profissionais e como cidadãos. É a luta entre dois mundos opostos e inconciliáveis: dum lado, a prepotência, a arrogância e a ameaça; do outro, a exigência do respeito pelos direitos de cada um, pela concertação, pelo diálogo democrático. De um lado, um obscuro advogado de província, que fez carreira no jornalismo desportivo e que, após uma efémera passagem pela presidência de um partido não menos efémero — o PDC — se viu colocado no posto máximo do futebol português, incapaz de assegurar uma presença digna de Portugal no México; do outro, 21 jogadores, quase todos promovidos de anónimos cidadãos de várias origens e ofícios a vedetas de 1.ª página, que «dão o litro» nos estádios por uns minutos de glória, que têm, por todo, um pouco mais de uma dezena de anos para assegurar o futuro e a quem se pede ainda que joguem por amor às camisolas — essas camisolas que hoje se alugam pormilhões! — e que exigem uma coisa muito simples: o direito a serem respeitados e a terem uma palavra nos negócios que se fazem à sua conta. Como não perceber que o que está em jogo desde Saltillo é a luta da liberdade contra a tutela, da democracia contra o paternalismo?

Toda a gente parece estar de acordo sobre um ponto: os jogadores foram inábeis na escolha da oportunidade para fazer valer as suas reivindicações — nas vésperas da abertura do Mundial, perante o olhar dos jornalistas de todo o Mundo. Mas como poderiam eles fazer ouvir os seus direitos se não dando-lhes publicidade? Por uma vez, estas querelas, que são velhas no nosso futebol, não se mantêm no segredo dos balneários nem das secretarias. A verdade é que foi graças a isso e à desastrada campanha do México que eles estão hoje a um passo de abater as podres estruturas da Federação e as velhas mentalidades que governam o futebol português.

O grito de Saltillo é o Ipiranga do nosso futebol — uma das últimas fortalezas onde o 25 de Abril não chegou ainda. Se os jogadores se revoltaram, após uma concentração estupidamente longa, a 2000 metros de altitude, com treinos deficientes, é porque ficaram entregues à autoridade frouxa de um treinador bom-rapaz e ao arbítrio surdo-mudo de um dirigente sem rosto. Que pensar de uma Federação nostálgica que se lembra de ir buscar José Torres, depois de ter tido a ideia peregrina de resuscitar Otto Glória, patética sombra do que foi, para tentar, por um passe de mágica, reeditar o sucesso dos Magriços? A História não se repete, lembrava o velho Marx, e quando se repete é sempre a comédia do que foi. Que pensar de uma autoridade que imita ridiculamente a inflexibilidade de Mme. Tatcher onde se impunha negociar, e se enreda depois num jogo de castigos que têm tanto de sinistro como de caricato? A autoridade não precisa de levantar a voz nem de se pôr nos bicos dos pés para se afirmar e, sobretudo, não tem medo de negociar.

Conheço, nos últimos tempos, poucos exemplos dessa espécie de «fascismo vulgar», que é a administração da autoridade pelos medíocres, do que os que têm partido do Silva Resende. Castigar 8 jogadores escolhidos entre os 22 que tomaram uma atitude solidária é um gesto ignóbil e que revela um desprezo total pelos outros 14. Foi assim que o compreenderam os visados — com a excepção infeliz de Álvaro que à última hora «borregou» — recusando o gesto paternalista que os tratava como pobres de espírito, de vontade fraca, aliciados por 8 sinistros cabecilhas. Consta-me que nos seminários e nos colégios internos de outros tempos, se usava desses métodos para convidar à delação.

O que se passa a seguir não é mais edificante: inventar à pressa, com novo passe de mágica, um meio de salvar a cara, numa Assembleia que timidamente começava a contestar a sua autoridade, anunciando publicamente a clemência soberana para a maioria dos rebeldes e mantendo no index pessoal uns tantos insurrectos de Saltillo, é uma manobra sem dignidade nem coerência, ditada mais pelo medo das consequências do que pelo sossego de espírito. Mais uma vez os jogadores perceberam que este homem doutros tempos, que confunde a assistência com citações de Séneca em latim, procurava dividi-los, — e não cederam. Honra lhes seja.

Que pedem eles? Ser tratados com a dignidade a que têm direito os grandes artistas do espectáculo. É legítimo que os grandes craques de futebol, como os de ténis ou de music-hall, ganhem bem a sua vida porque o futebol é um espectáculo e o espectáculo de futebol é um negócio rentável. Porque não hão-de os jogadores ter o direito de negociar os seus contratos e exigir condições, como Mac Enroe ou Yves Montand? A França orgulha-se de Platini e do seu avião particular, porque, mesmo a jogar na Juventus, ele aparece nas primeiras páginas das revistas de todo o mundo e faz falar da França, como outrora Anquetil ou Brigitte Bardot. Como não havemos nós que, nos estádios, admiramos Futre e Carlos Manuel, Gomes e Jaime Pacheco, de lhes reconhecer por sua vez o direito de não quererem ser tratados com a palmatória?

Faltam poucos meses para Portugal jogar com Itália, num jogo de que pode depender definitivamente a cada vez mais precária qualificação de Portugal para o Europeu de 88. O caso da Selecção Nacional tem que se resolver já. Vale a pena ainda fazer um inquérito aos acontecimentos de Saltillo, onde os réus não sejam apenas os jogadores? Talvez — até porque neste momento são os jogadores que o exijem —, mas é bom que se saiba de antemão que há factos que são difíceis de pesar na fria balança das responsabilidades: quem julga e como a competência de um treinador e o carácter de um dirigente? O presidente da Federação Portuguesa de Futebol, esse, já deu provas sobejas de incompetência e pouca autoridade, para insistir em ser juiz nesta inditosa história mexicana. Se lhe resta um luar de dignidade e um pouco de respeito pelo futebol que dirige, resta-lhe também uma saída: a demissão.

Lisboa, 27 de Novembro 1986

Os tecnocratas, de esquerda e de direita

Beja Santos

Anda um espectro pela Europa — o espectro do tecnocratismo; tecnocratismo na versão demo-liberal que comanda as operações do Livro Branco da CEE e a respectiva constituição do Mercado Interno, até 1992; tecnocratismo no aprofundamento das desigualdades do consumo, onde os consumidores pobres pagam cada vez mais caro e os consumidores «superespecialistas» qualificados têm um poder de compra tão garantido como a «superespecialidade» profissional do quaternário informático, burótico ou telemático; tecnocratismo como sancionamento ao autoritarismo na demolição de liberdades, direitos e garantias, inquestionáveis, desde 1789; tecnocratismo, enfim, como poder regulador do capitalismo monopolista e as suas estratégias de concentração do saber, do industrialismo tecnológico, feito cada vez mais «ego consumans», «homo oeconomicus», cada vez menos «homo faber», «homo sapiens habilis».

Os tecnocratas de esquerda aproveitam-se da enorme confusão que anda pelos labirintos do socialismo designado por: Estado-Protector de distribuição e repartição, autogestionário, científico, real, pós-Keynesiano, reformista, popular. São tantas as fragmentações como as desilusões indisfarçáveis: desemprego à vista ou oculto, escolaridade forçada, drogas, reformas compulsivas ou doces.

Os tecnocratas de direita sentem-se constrangidos a tomar, declaradamente partido, entre o capitalismo de produção e o capitalismo de consumo. A questão não é fácil como observa um sociólogo: «Outrora o capitalismo de produção tomava como referência as necessidades: gerava os produtos que satisfaziam essas necessidades, informando os consumidores sobre a existência dos produtos; agora o capitalismo de consumo toma como referências os próprios produtos — produz as necessidades de consumir esses produtos e forma os consumidores para as satisfazer».

Longe de nós comprometer o tecnocrata com a ideologia. O seu poder procede da consigna «quanto mais, melhor», e o desenvolvimeno como finalidade em si mesma tornou-se apanágio da paralisia à esquerda e à direita.

Outrora, havia uma nitidez na demarcação de paradigma: a fábrica, a noção de classe, o bastão da polícia, as dúzias de famílias poderosas, as bandeiras vermelhas, o tradicionalismo, o situacionismo. O desfoque na escada de valores é brutal: a revolução fez-se trivialidade no televisor, o desemprego não escolhe estatuto, o ensino é uma selecção natural do bairro do Restelo ao bairro do Relógio. A história do pensamento ocidental já não se apresenta como um duelo de vida ou de morte entre as diversas concepções míticas e científicas do mundo. No século XIX e até meados deste século, a cultura fragmentava-se em dois territórios: os homens de letras, comprometidos nas causas mais díspares éticas (como Zola ou Sartre) e os profissionais de bata branca, com a estatura de Claude Bernard ou Pavlov ou Oppenheimer. O confronto, agora, é muitíssimo mais violento e as actuais mitologias literárias responsabilizam directa ou indirectamente os passos gigantes da ciência. É claro que houve os «30 gloriosos» que deram um banho lustral aos valores da técnica, mas andam todos com uma noção apurada das agressividades ao meio ambiente (desde a dioxina, passando por Tchernobyl, até aos lixos drenados no Reno). Se na civilização do audio visual uma imagem vale mil palavras (segundo McLuhan) a obra do tecnocrata assenta na assepia do seu discurso. Aliás, o peso do tecnocrata é directamente proporcional à míngua de poder do intelectual. Sabe-se que a literatura perdeu carisma, nestes tempos de semiótica e da dissolução do indivíduo na mole urbana, está desautorizada pelos novos critérios dominantes da nossa cultura: pouco significa no software dos computadores.

O tecnocrata é um anjo de vingança, desde os baluartes da engenharia nuclear, passando pelas biotecnologias, até culminar, no mais insensibilizado equilíbrio da balança de transacções correntes: a nossa civilização parecia ser obra de grandes individualidades, mas nenhuma outra civilização precisou tanto de recorrer às regulamentações técnicas, aos proteccionismos, às falsidades da concorrência, ao populismo das soluções da oligarquia dos técnicos. O tecnocrata tem a miniaturização do seu lado: em última instância, passaremos todos a estar fechados na memória de um computador. Ele domina absolutamente esse lado do futuro; ele é a peça fundamental da corrida armamentista.

A fé no homem perdeu terreno no Velho Continente. Os deuses de hoje, os poderes de hoje, definem-se pela capacidade de triunfar nos «mass media.»

E pronto, estamos chegados à encruzilhada fatal: como agem os tecnocratas de esquerda e de direita.

À direita, não há que esperar grandes alterações de conduta: denegrimento das empresas públicas, dinamização da bolsa de valores, utilização da proposta do Mercado Interno da CEE para fazer definhar a luta sindical; e, como convém, pôr a enxurrada das novas tecnologias ao serviço da destruição dos valores da esquerda, a saber: a moral do trabalho para todos, a justiça social (o tecnocrata de direita é um acérrimo defensor da economia de duas velocidades, com os empregados e consumidores altamente qualificados e desqualificados, com os extremos à vista).

À esquerda, uma astúcia muito cuidada em demorar a sintonia entre os desenvolvimentos (económico, social e cultural), na libertação das liberdades (mais poder, inclusive outorgado pela Constituição, aos cidadãos, todo o apoio às formas mais autónomas da gestão do tempo) na defesa da identidade nacional (há pouco por onde escolher entre uma Europa de Cidadãos e a Europa das Multinacionais), numa atitude prudente da discussão da divisão internacional do trabalho, assegurando que Portugal não se torne na lixeira oficial do não imaginário Ocidente.

O excedente, como é natural, é obra para os autênticos valores da esquerda...e da direita.

A esquerda (e a direita) em Convenção

Gil Sequeira Teixeira

Não se pode, nesta data, fazer o balanço ou prever os contributos que a Convenção de Esquerda Democrática poderá trazer para o ideário político português, e, das opiniões que até ao momento têm despontado num ou noutro quadrante político sobre aquele «forum de participação» têm incidido mais em questões marginais, do tipo de quem tutela ou organiza a convenção, de quem foi convidado na primeira e na última hora, de directivas de responsáveis políticos aconselhando ou desaconselhando os seus militantes ou simpatizantes a estarem presentes ou ausentes, nos casos de discordância com o fundamento da paternidade ou da exclusividade do patrocínio da formação política 9leia-se Partido Socialista) que a apoia, e outras razões próximas desta.

Verdade seja dita, no Regulamento da Convenção diz-se (nos objectivos) que «a Convenção da Esquerda Democrática (CED) é convocada a apelo do Partido Socialista, por um vasto grupo de personalidades (...) aberta a todos aqueles que rejeitem uma concepção conservadora da sociedade, (...) **de esquerda ou de direita»,** o sublinhado pertence-nos.

Logo, **regulamentarmente** o Partido Socialista desempenha apenas o papel de **apelante,** os participantes o de **apelados,** cabendo aos cidadãos em geral, a instância julgadora, apreciar ou não validade do recurso, a Convenção, interposta.

Vistas as questões marginais, não se confunda com prejudiciais, gostaria de produzir algumas alegações, perdão emitir algumas opiniões sobre o que considero o;

Diâmetro sociopolítico, Esquerda-Direita, português

Relativamente à Direita.

Em minha opinião, a Direita portuguesa, nos últimos cinco anos, tem vindo a reencontrar o seu espaço político próprio, quer ao nível dos Valores Fundamentais que defende, quer ao nível da acção político-económico que tem desenvolvido.

Paradoxalmente, essa **estabilidade de valores e acções sociopolítica desenvolvidas** não tem correspondido às formações partidárias que se situam no espaço político da Direita.

Poderíamos dizer que a Direita portuguesa se encontra dividida em termos de **ideario** e de **acção política.**

Pelo **ideário** responde o Centro Democrático Social.

Pela **acção política** tem respondido o Partido Social Democrata.

Pelo conjunto respondem os dois partidos políticos.

São **aliados naturais,** acima das vontades ou dos «quereres» dos respectivos líderes partidários. O primeiro representa o cérebro, o passado histórico, o repositório de ideias, as fontes do Sistema Político. O segundo, o corpo, os membros, o instrumento por meio do qual a ideia se revela, a máquina ao serviço do Sistema Político. Por isso os líderes políticos do CDS e do PSD não divergem, nunca podem divergir, quando muito quererão chamar a si o **comando total,** questão meramente de ordem pessoal, do que ideológica ou programática.

Mesmo que Cavaco Silva assumisse a **liderança total da Direita,** o que duvidamos, teria de ir sempre buscar os fundamentos da sua **praxis política** aos ensinamentos do ministério do CDS.

O CDS e o PSD são as partes de um todo que representa a Direita em Portugal, partes essas que se não têm crescido também não se pode dizer que tenham tido grandes desaires ou reveses no que respeita às bases sociais de apoio.

E a Esquerda?

A Esquerda em Portugal, ao contrário da Direita, tem sofrido significativas alterações nos últimos tempos, quer nos Valores Fundamentais que propugna quer das entidades políticas que pretendem assumir o controlo da **acção política** que cabe ou está adstrita ao seu âmbito de intervenção.

Com rigor, pode dizer-se que a Esquerda, hoje, se encontra repartida por **três subsistemas políticos** com identidade própria, a que correspondem outras tantas linhas de orientação política com conteúdos diferentes.

Clarificando, o PS, o PCP e o PRD não são, ou significam, as partes de um todo que se pode entender por Esquerda.

As referidas formações partidárias, **situando-se no espaço político da Esquerda,** significam projectos políticos diferentes, com um ideário e um programa de acção política próprio de cada formação partidária.

Não foi por acaso que o PRD, **depois de passada a fase do pragmatismo,** teve de se decidir por uma definição ideológica, sob pena de se vir a confundir, de ser confundido, ou de ser assimilado, com qualquer das formações políticas existentes.

Definindo-se, ou situando-se, na Esquerda teve de publicitar os Valores e Princípios Fundamentais que fazem parte do Projecto de Sociedade que defende, à margem, portanto, do pragmatismo com que inicialmente se apresentou aos sujeitos políticos.

E, se a **mancha política** do PRD não se alastrar, ou eventualmente restringir-se, não se pode afirmar que o Projecto de Sociedade de que é proponente falhou. Em nosso entender deverá dizer-se que o Programa de Acção Política do PRD, não teve a suficiente aderência dos sujeitos políticos a quem se quis destinar, admitindo-se que não vingue, note-se.

Para todos os efeitos, e contra as opiniões que parecem ser dominantes ou maioritfias, o PRD provou que o **espaço político da Esquerda** não estava totalmente preenchido e que é possível enriquecer a Esquerda com outros Valores e até estratégias políticas diferentes.

Ignorar a evidência deste facto, na minha opinião, não é um contributo para o fortalecimento da Esquerda.

Não se entenda, porém, que é nossa opinião que a Esquerda se encontra irremediavelmente dividida com o aparecimento de mais esta formação política, o PRD, e que este partido político irá fazer frente ou conflituar com o PS ou o PCP, disputando-lhes os Valores Fundamentais ou o terreno político.

Ostensivamente, não dizemos que o PRD possa entrar em confronto com o PSD porque o último não faz parte da Esquerda, como atrás se refere.

Da mesmo forma não faz muito sentido o PRD afirmar-se como situando-se entre o PS e o PSD, querendo significar que se encontra bastante distante do PCP.

O PRD, fazendo parte da Esquerda, não tem a mínima relação de parentesco, próximo ou afastada, com o PSD.

O PRD, pela sua definição ideológica, representa um dos três segmentos políticos que integram o semieixo da Esquerda em Portugal.

É esta a leitura que fazemos das forças político-partidárias que compõem o **diâmetro político,** Esquerda-Direita, do espectro sociopolítico português.

Ao fim da tarde, na sede do PCP

Cunhal e Tengarrinha debatem futuro da APU

Álvaro Cunhal e José Tengarrinha chefiam as delegações do PCP e do MDP/CDE que vão, hoje ao fim da tarde, na sede central dos comunistas, em Lisboa, debater o futuro da Aliança Povo Unido. No comunicado da sua Comissão Política, ontem divulgado, o PCP -recorde-se- considerava que as conclusões do Encontro Nacional do MDP, realizado durante o fim de semana, equivaliam, na prática, ao rompimento da APU, coligação que integra aqueles dois partidos e os «Verdes».

O Encontro do MDP decidíu apresentar ao PCP diversas propostas, nomeadamente a de que os dois partidos «deverão esforçar-se por chegar a acordo sobre a constituição de listas e sobre o funcionamento da coligação». Noutra proposta, aponta-se para o alargamento da APU a outras forças, mesmo com o sacrifício da sigla e, nos casos em que não fosse possível chegar a acordo, cada força política poderia apresentar listas próprias, mas não sob a forma da sigla APU.

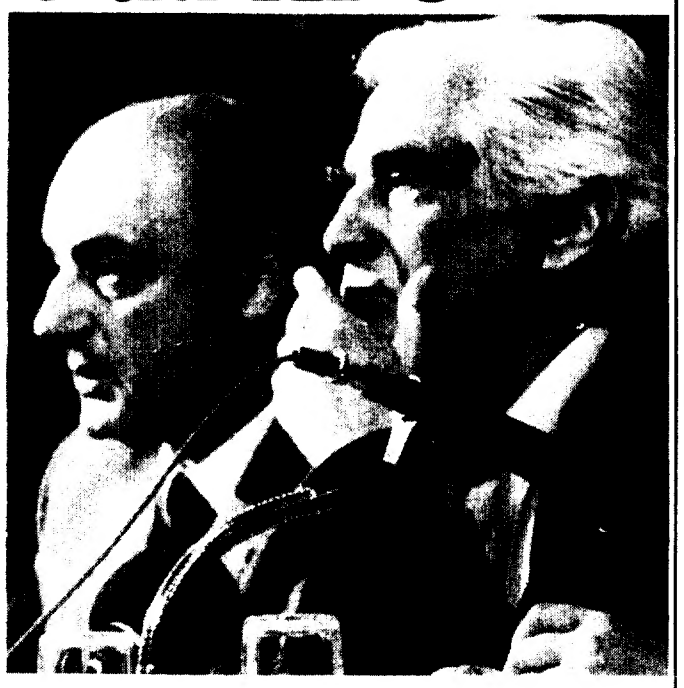
O MDP decidíu ainda, na mesma reunião, preparar-se para concorrer isoladamente em eleições legislativas e coligado nas autárquicas.

O PCP, por sua vez, respondeu que «não é certo» que o partido «possa estar de acordo com a continuação da coligação para as eleições autárquicas, não havendo acordo para as legislativas». Relativamente à sigla, defende o PCP que o seu sacrifício «introduziria a completa insegurança, incerteza, falta de princípios e irregularidade na condução do processo da campanha eleitoral».

Cunhal vai à China

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, parte no sábado para a China, em visita oficial de 4 dias, a convite do seu homólogo do PCC, Hu Yaobang.

O líder comunista português, que segue acompanhado por Albano Nunes e Vítor Dias, membros do CC do PCP, seguirá de Pequim para Hanói, no dia 14, a fim de participar no VI congresso do Partido Comunista do Vietname, que se realiza de 15 a 19 do corrente.



Não à proposta do PCP

PS prefere contactos bilaterais com a Oposição

A proposta de Angelo Veloso, em nome do CC do PCP, de uma convenção dos principais partidos da Oposição para estudo de uma alternativa ao actual Executivo, foi recusada formalmente pelo PS, em comunicado da sua direcção.

O comunicado dos socialistas considera «mais útil prosseguir na via que encetou de contactos bilaterais com os partidos da Oposição para esclarecimento mútuo de posições».

O PS critica ainda, no citado comunicado, a posição da representante do PRD, Glória Padrão, manifestada durante o programa televisivo «Primeira Página», frisando que tal posição «revela bem a inutilidade de tal iniciativa».

«Essa ambiguidade - refere o PS- vem, aliás, na sequência do apoio que o PRD tem dado ao Governo nas votações do Orçamento».

Fonte do PRD, citada pela ANOP, disse que os renovadores não tomarão posição sobre a proposta do PCP antes da reunião da sua comissão directiva, prevista para hoje.

Autonomia e Orçamento em questão?

Mota Amaral reúne com Cunhal e Constâncio

Mota Amaral reuniu, esta manhã, a seu pedido, com os secretários-gerais do PS e do PCP.

Ignoram-se os motivos que levaram o chefe do Governo regional dos Açores a solicitar encontros com Vítor Constâncio e Álvaro Cunhal, mas tudo indica que o tema central será a polémica recentemente estabelecida em torno do estatuto autonómico açoriano e eventualmente a «fatia» do Orçamento-87, em debate na AR, no tocante àquela região autónoma.

O dirigente regional encontra-se desde ontem em Lisboa, tendo participado na reunião da Comissão Permanente do seu partido, o PSD.

Os encontros de Mota Amaral com Cunhal e Constâncio estão a ser encarados nos meios políticos com alguma expectativa pois não é vulgar um líder regional avistar-se formalmente com dirigentes da Oposição quando se desloca ao continente.

Encontro com Soares

A meio da tarde, Mota Amaral será recebido no palácio de Belém pelo Presidente da República, Mário Soares.

O Chefe de Estado, registe-se, recebeu, por sua vez, a meio da manhã, em audiência considerada «normal» e de «trabalho», o Ministro da República para os Açores, brigadeiro Rocha Vieira.

Com as verbas do FEDER

Mais 14,5 milhões da Comunidade para o desenvolvimento regional

- ***Abastecimento de água ao vale do Tejo, estradas em Viseu, Aveiro e Guarda e obras municipais no novo pacote de projectos aprovados***

A Comissão das Comunidades Europeias aprovo um um novo conjunto de projectos portugueses que englobam uma comparticipação financeira da CEE da ordem dos 14,5 milhões de contos — informou o deputado ao Parlamento Europeu, Fernando Gomes.

Os projectos, que serão financiados pelas verbas do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), integram grandes obras de carácter nacional e regional, nas quais a CEE participa com 10 milhões de contos, e infra-estruturas requeridas pelas autarquias locais, para as quais a Comunidade propôs uma verba de 4,5 milhões de contos.

O valor global deste conjunto de projectos agora aprovado pela Comissão das Comunidades é de 46,8 milhões de contos, envolvendo 188 obras consideradas prioritárias pelo governo de Lisboa e pela CEE para o desenvolvimento regional, disse o deputado europeu, em declarações à ANOP.

Fernando Gomes, destacou, no âmbito dos projectos agora aprovados, a comparticipação de quatro milhões de contos para infra-estruturas rodoviárias nos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda e atribuição de dois milhões e 270 mil contos para a ampliação do actual sistema de abastecimento de água no val do Tejo.

A atribuição de verbas do FEDER, a sétima proposta em 1986 é a quinta para Portugal, inclui igualmente o financiamento com 1.017 mil contos, da variante de Ponta Delgada e a construção de uma central térmica diesel na ilha de S. Miguel, para a qual a CEE comparticipa com uma verba de 853 mil contos.

Por regiões, as verbas aprovadas para os financiamento de carácter municipal distribuem-se do seguinte modo: Algarve — 357.300 contos; Alentejo — 557.700; Região Centro — 1.158.800; Região Norte — 588.200; Madeira — 395.700 e Açores 1.362.300.

Fernando Gomes frisou que «de todos os fundos estruturais o que melhores resultados apresenta para Portugal é o FEDER», acrescentando que «até ao momento foram já aprovadas comparticipações num total de 59,6 milhões de contos, correspondentes a compromissos de financiamento de 711 projectos».

Até ao princípio do mês de Dezembro — continuou o deputado socialista europeu — «foram já transferidos para Porugal cerca de 23 milhões de contos, tudo levando a crer que até ao final do ano venham a ser transferidas verbas para perfazer os 50 por cento do valor das comparticipações aprovadas».

Israel quer mais 200 trabalhadores portugueses

O ministro israelita da indústria e do comércio, Ariel Sharon, propôs a «importação» de mais 200 trabalhadores portugueses, a acrescentar aos 100 já residentes no país, para fazer face à «alarmante escassez de mão-de-obra» em algumas empresas.

Sharon afirmou haver «indústrias em Israel que não atingem o nível máximo de produção por falta de trabalhadores».

O ministro do Trabalho e Assistência Social, Moisés Katsav, manifestou a sua «total oposição» à proposta de Ariel Sharon.

«Não precisamos de importar trabalhadores do exterior», quando existe um índice de desemprego na ordem dos 7,5 por cento na força laboral israelita — esclareceu Katsav.

O ministro da Indústria e Comércio, a esta afirmação, comentou que «em Israel não existem desempregados, mas sim folgazões».

O salário de um trabalhador da indústria em Israel, segundo estatísticas oficiais, ronda os 4,9 dólares/hora (cerca de 750 escudos/hora).

Soares e Cavaco recebem embaixador soviético

O embaixador itinerante soviético, Vladimir Suslov, foi recebido ontem em audiências separadas pelo presidente da República, Mário Soares, primeiro-ministro, Cavaco Silva e ministro dos Negócios Esrangeiros, Pires de Miranda com quem trocou impressões sobre as conversações de Genebra. Durante o enciontro com o chefe do Estado e governantes portugueses, Suslov abordou outras questões refentes, designadamente, às relações luso-soviéticas e outros temas «prementes da actualidade»

À sa´da da audiência com Cavaco Silva, o enviado especial da União Soviética relçou o empenho do seu país no desenvolvimento das relações entre os dois países. Falou da próxima visita de ßoares a Moscovo, prevista para 1987, e não confirmou qualquer convite, do mes,mo género, a Cavaco Silva.

PCP e MPLA assinam acordo de cooperação

O PCP assinou ontem, em Lisboa, com o MPLA-Partido do Trabalho, um protocolo de acordo de cooperação para 1986/1988. O documento, que contém as iniciativas previstas pelos dois partidos com vista ao reforço dos «laços se amizade, solidariedade e cooperação», foi assinado durante a visita que uma delegação do partido angolano está a efectuar a Portugal, a convite do PCP.

A delegação do MPLA, chefiada por Dukni Castro, membro suplente do Comité Central e director do departamento das relações exteriores, foi já recebida pelo líder do PCP Alvaro Cunhal. A missão angolana trocou, também, com uma delegação comunista «informações sobre a situação política nos países respectivos, actividade de cada partido e aspectos da situação internacional»

Constâncio encontra-se com Rocha de Matos

O secretário-geral do PS, Vitor Constâncio, reúne-se hoje com a direcção da Associação Industrial Portuguesa (AIP), presidida por Rocha de Matos. Da delegação socialista fará parte António Guterres, responsável pelo pelouro da Indústria do chamado governo-sombra do Partido Socialista.

A iniciativa da AIP pretende o desenvolvimento do diálogo entre as áreas política e emporesarial, tendo já sido mantidos contactos entre a direcção da Associação e o CDS, MDP/CDE e PRD. Brevemente será agendado um encontro com dirigentes do PSD.

Eleições do PS na Madeira

Hoje, na ilha da Madeira, realizam-seeleições para o secretariado da Fcderação Regional do PS as quais poderão levar à demissão de alguns dirigentes desta estrutura local partidária.

Ao sufrágio aprdssentam-se duas listas: a A, ligada à situação e aparelho do partido, e a B próxima do grupo representado no último congresso regional pela moção «Mais ilhéus, menos ilhas». Fontes partdárias contactadas admitiram já que a lista B está condenada à derrota.

'Alternativa verde' quer revisão da lei eleitoral

O secretariado nacional da Liga de Ecologistas «Alternativa Verde» defendeu ontem a revisão urgente da legislação eleitoral a nível autárquico, com vista a possibilitar a candidatura de listas de cidadãos independentes às câmaras municipais.

Em comunicado publicado na sequência de uma reunião do respectivo Secretariado Nacional, a Liga de Ecologistas da esquerda liberal e cristã salienta que o PPM, PRD, sectores do PS e do PSD «haviam prometido, em campanha eleitoral, esta revisão». Na sua primeira reunião após a constituição da «Alternativa Verde», o secretariado da organização deliberou «aprofundar o relacionamento com os principais partidos da «esquerda democrática» portuguesa, atribuindo ao PSD, PS, PRD, PPM e Partido Ecologista «Os Verdes» um carácter de privilégio de interlocução.

O secretariado da organização decidiu também aprofundar os seus contactos com o partido «Verde» de Espanha com o objectivo de estabelecer um plano de ligação ibérica de relacionamento ecologista.

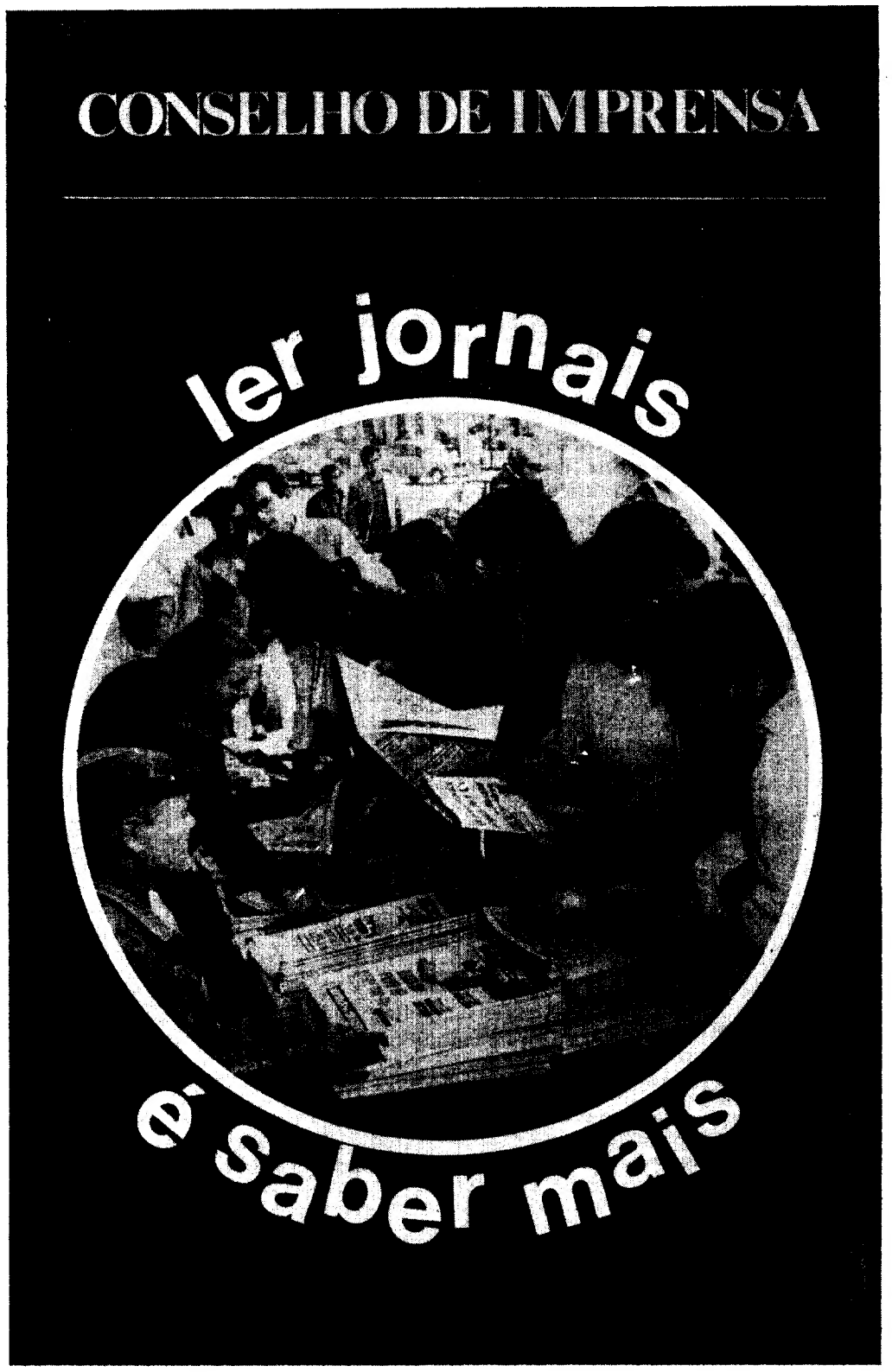
Sai o subsecretário açoriano

Mudanças no Gabinete da Integração Europeia

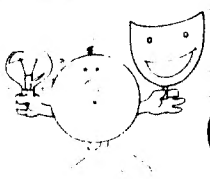
O subsecretário açoriano para a Integração Europeia Externa, Freitas Siva, vai deixar o cargo para intgrar ainda esta semana a missão permanente de Portugal na CEE, revelou uma fonte diplomática.

Com a sua saída do lugar quere ocuopava no gabinete do secretário de Estado da Administração Local, o governo açoriano devera

á deixar de ter um titular exclusivamente dedicado à integração europeia e cooperação externa, áreas que serão trnsferidas para outros departamentos do Executivo. A designaçãao de Freitas Siva para membro da missão portuguesa em Bruxelas vai ao encontroda reivindicação açoriana de representação do arquipélago em todas as instâncias comunitárias.



CONCURSO RTP



FAZ DE conta

Nome _____

Idade _____ Profissão _____

Morada _____

Localidade _____

Cod. Postal _____ Telefone _____

Freguesia _____

Concelho _____

Tem Televisor ? _____ Nº Licenco _____

RECORTE PELO TRACEJADO
PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS Código Postal dos C.T.T. e envie para CONCURSO FAZ DE CONTA
APARTADO 4 789 — 508 LISBOA — CODEX

Mais um à vida, entre Cascais e Sintra

Taxistas exigem que o Governo publique projecto de segurança

●*Moção aprovada esta madrugada foi também entregue no Parlamento*

«Mais segurança para os taxistas» — exigem estes numa moção aprovada esta madrugada na concentração que realizaram na Praça de Espanha em protesto contra o assassínio, ontem à tarde, de mais um condutor de táxis, da praça de Cascais. O corpo de José Jorge Alves, de 58 anos, foi encontrado cerca das 14 horas, junto ao cruzamento dos Capuchos, na estrada que liga Malveira da Serra a Sintra — apurou o «DL» junto da GNR de Colares.

Motoristas de taxi concentrados em S. Bento, para exigirem mais segurança

A PJ investiga este caso que provocou transtorno e revolta em toda a população de Cascais e Estoril, e ontem e esta madrugada movimentou não apenas os taxistas da marginal de Cascais, como os da capital e de toda a Grande Lisboa.

A Judiciária não sabe ainda se o crime foi cometido por uma ou mais pessoas, muito embora haja tirado as impressões digitais deixadas nos fechos do automóvel que foi encontrado, a meio da tarde de ontem, junto do Pavilhão Gimnodesportivo de Cascais. Um indivíduo não identificado ouviu tiros na Estrada dos Capuchos, entre Cascais e a Malveira da Serra, alertando as autoridades. A PSP de Cascais, à qual o caso foi comunicado, contactou de imediato a GNR de Colares. E foi esta que tomou conta da ocorrência, ao princípio da tarde, destacando uma brigada para o local, a qual deparaaria com o corpo, sem vida, de José Jorge Alves, na mata do cruzamento dos Capuchos.

O motorista de táxi, solteiro, pessoa muito estimada entre a classe e a população que lidava com ele de perto — como esta manhã nos disse uma funcionária da praça de táxis do Estoril, a que a de Cascais pertencia —, foi abatido com dois tiros de pistola de nove milímetros. As autoridades ainda não revelaram se o móbil do crime teria sido o roubo e quais os objectos eventualmente recuperados. O corpo do taxista deverá ser ainda hoje autopsiado.

Um ou dois assassinos? É este o desafio colocado à Brigada de Homicídios da PJ, à qual cabem as investigações. Indivíduos não referenciados terão visto o taxista apanhar dois passageiros saídos na Estação de Cascais, mas há também quem assegure que José Jorge Alves terá saído da vila apenas com um.

Esta madrugada junto ao Parlamento

«Pretendemos que o projecto de segurança para os motoristas de táxi seja retirado das gavetas dos ministérios e que sejam tomadas medidas concretas», afirmam os taxistas na moção aprovada esta madrugada na concentração da Praça de Espanha e pouco depois entregue na Assembleia da República, se bem que o documento tenha como principal destinário Cavaco Silva e, nele, todo o Governo, ou os ministérios relacionados com o projecto de segurança.

Os taxistas dirigiram-se para a Assembleia da República por saberem que os deputados ali estavam reunidos, de madrugada, às voltas com a discussão do Orçamento na especialidade e, por outro lado — como um deles nos afirmou na ocasião —, sensibilizar também o Parlamento, e através dele todos os portugueses, para a urgência do projecto, num País que » tem polícias a mais e segurança a menos», vincou o mesmo taxista.

O ambiente que esta manhã se vivia em Cascais era em tudo igual ao de ontem, logo que o caso foi conhecido: tenso, de revolta incontível. O luto posto pelos taxistas da zona — Estoril e Cascais — estendeu-se também a Lisboa, cujos taxistas, de resto, compareceram em peso, esta madrugada, na Praça de Espanha.

José Jorge Alves, que nascera em 3 de Outubro de 1928, residia na Abuxarda, perto de Alvide, concelho de Cascais. Foi o segundo taxista do concelho assassinado desde 1976. «Há cerca de oito anos, um outro taxista havia sido assassinado aqui», disse uma fonte da Rádios-Táxis de Cascais.

Serralheiro de Almada era traficante de droga

A GNR acaba de deter em Almada um serralheiro de 40 anos, António Simões, mais conhecido por «Tonecas», o qual tinha pendentes mandados de captura de vários tribunais por crimes de assalto, roubo e posse, e tráfico de droga. «Tonecas», que recolheu à cadeia do Montijo, terá ainda participado no assalto a um posto de venda de combustíveis, ocorrido recentemente em Vila Franca de Xira.

Acusado de assassinar e violar sexagenária

A Polícia Judiciária de Chaves acaba de deter o presumível autor do assassínio, antecedido de sevícias sexuais, de Felicíssima da Conceição Alves, de 63 anos, ocorrido em 21 do mês passado, na sua residência em Macedo de Cavaleiros. Trata-se de José Jorge, de 54 anos, por alcunha «O Piteiro», divorciado e comerciante, cuja identificação foi possível através de uma chave falsa que tinha em seu poder, utilizada para franquear a residência da vtima.

Há pânico e desconfiança entre portugueses

Cooperantes em Bissau pedem autópsia de N'Zambi em Lisboa

Professores portugueses que trabalham na Guiné-Bissau solicitaram ao secretário de Estado da Cooperação, Cornélio da Silva, uma nova autópsia em Portugal à colega que morreu no domingo em Bissau, em circunstâncias estranhas.

Maria Amélia Ferreira, conhecida por Maria N'Zambi, foi encontrada morta no seu quarto no Hotel Ancar, numa posição que leva a supor ter cometido suicídio.

Contudo, uma autópsia efectuada em Bissau indica que Maria N'Zambi morreu de asfixia, tendo as autoridades guineenses detido para averiguações o seu companheiro, Joaquim José (Jota-Jota), de nacionalidade angolana, mas que pouco depois seria posto em liberdade.

Em carta enviada ao secretário de Estado Cornélio da Silva, a que a NP teve acesso, os professores portugueses solicitam «a averiguação da verdadeira causa da morte, dada a apreensão e o pânico que reinam entre os cooperantes moradores no Hotel Ancar».

Mais adiante lê-se na carta que, «em consequência da deficientíssima autópsia realizada, bem como dos precários meios humanos e materiais da Polícia Judiciária da Guiné-Bissau a quem o caso foi entregue, os signatários solicitam uma nova autópsia em Portugal, sendo o seu resultado comunicado aos cooperantes e às autoridades da Guiné-Bissau».

Os cooperantes portugueses dizem também que «a procura da verdade é condição 'sine qua non' para o esclarecimento das perigosas dúvidas, que estão a semear o pânico» e que «a nossa segurança física e psíquica impõem o esclarecimento da verdade sobre as circunstâncias desta morte».

O corpo de Maria N'Zambi, que se encontra depositado na capela do Hospital 3 de Agosto, vem para Portugal amanhã, por via aérea.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Foi a altura de intervir o advogado de acusação:

— Senhor doutor juiz, estamos em presença de uma quadrilha da pior espécie. Se não pusermos cobro aos seus desmandos, a imagem do nosso país ficará seriamente agravada.

«O material acumulado que testemunha os seus crimes enche mais de 80 volumes mas mesmo assim não dão uma pálida ideia da gravidade da situação. Foi já pedida a colaboração da Interpol, da CIA e do FBI. O próprio Reagan prometeu dar uma ajudinha.

«Incrivelmente inacreditável! «Eles puseram a língua de fora aos transeuntes. Piscaram o olho às raparigas. Recusaram-se a comer a sopa se não lhes contassem a história da Branca de Neve. Atiraram o guardanapo ao chão. Mandaram o Amândio pró trabalho. Andaram de triciclo pelos corredores do hotel. Recusaram-se a tomar o xarope receitado pelo médico. Refugiavam-se nos quartos para jogar o dominó e drogavam-se com as histórias de embalar da televisão portuguesa, como se provou pela análise organoléptica do córtex cerebral. Alguns chegaram mesmo a dizer: «Sem o Vitinho, nada feito».

«Dois deles imitavam os pardais, debicavam nas migalhas e diziam: **Piu, piu!**

A tanto, senhor juiz, chegou o desplante destes patifes!

«Houve de tudo. Ou não punham os suspensórios, ou não rezavam a aye-maria , ou saíam descalços para a rua, ou exigiam dinheiro para comprar gelados. Diziam palavrões como «dignidade, reivindicações, salário, diálogo» e outras expressões igualmente subversivas. Chegaram ao ponto de exigir que os tratassem como homens e não como bonecos!!! Onde iremos nós parar, excelência, se este exemplo pega?

«A quadrilha está a pôr em causa a Autoridade Divina e esse é o crime mais hediondo que está por trás de todos os seus crimes. Peço para eles a pena capital ou seja: que lhes seja arrancada a língua.

«Com a maior urgência, doutor juiz. Antes que eles comecem para aí a badalar...»

*** MANIFESTO ***

Em doze anos Portugal mudou. Fundou-se o regime democrático. Encerrou-se a era colonial. Consolidou-se o poder autárquico. Desenvolveu-se livremente o movimento sindical, cooperativo e associativo. Portugal integrou-se na Comunidade Económica Europeia. Mas há ainda um longo caminho a percorrer. A população aumentou, os recursos diminuíram. Há que corrigir desigualdades e assimetrias, acelerar o desenvolvimento sem destruir o quadro de vida, garantir o aprofundamento da justiça social, fortalecer a identificação cultural portuguesa na Europa e no Mundo, lutar por uma sociedade aberta.

Ao longo destes doze anos o mundo mudou também. Os choques petrolíferos, a crise financeira à escala mundial, a tensão entre as superpotências, o medo nuclear e o consequente sucesso dos movimentos pacifistas, a revolução tecnológica e a explosão dos meios de comunicação social, tudo isto mudou a face do mundo e influenciou a realidade portuguesa. Novos desafios polarizam o moderno debate ideológico, obrigando a destrinçar com clareza o que entre as propostas tradicionais da esquerda assenta em princípios e valores imutáveis e o que era apenas herança de uma conjuntura histórica hoje ultrapassada.

CONVENÇÃO DA ESQUERDA DEMOCRÁTICA

Plenário Nacional em
6 e 7 de Dezembro
Local: Cinema Império
10.00 horas — Entrada livre

O movimento de renovação da esquerda democrática portuguesa é já uma realidade. Mas importa aprofundá-lo num diálogo aberto e sem preconceitos entre todos aqueles que se identificam com os seus valores essenciais e os querem debater à luz das novas realidades culturais, económicas e sociais.

Só aprofundando esse debate a esquerda democrática portuguesa criará condições para as vitórias políticas necessárias à construção de uma sociedade pluralista, fundada na tolerância, incentivadora da participação e da criatividade, valorizando a diferença e a iniciativa individual num quadro de solidariedade social alargada.

Para isso é necessário um estado efectivamente descentralizado, composto por cidadãos informados com transparência e rigor, que exprimam e votem em liberdade, capazes de assumir como missão cívica a defesa da paz, a preservação do património e do meio ambiente, a protecção do consumidor, dando assim uma cada vez maior expressão aos direitos participativos num clima de diálogo, concertação e convivialidade.

Apoiamos por isso a realização desta Convenção na certeza de que ela pode ser um importante instrumento de modernização da Esquerda Democrática portuguesa.

COMISSÃO PROMOTORA NACIONAL

A. Magalhães Basto – Farmac.; A. Rocha e Melo – Neurocirurg.; Abílio Cardoso; Abílio Curto – Autarca; Abílio Mendes; Adelina Cruz – Tec. Public.; Adelino da Palma Carlos – Prof. Catedr.; Adelino Teixeira Carvalho – Metalurg.; Adriano Jordão – Pianista; Adrião Sampaio – Analista; Afonso de Barros – Prof. Univ.; Afonso Camões – Jornal.; Afonso Henriques Carvalho; Afonso Lobão – Tec. C.R.S.S.; Afonso Praça – Jornal.; Agostinho de Carvalho – Agrón.; Agostinho Cunha Almeida – Prof.; Agostinho Domingues – Deput.; Albano Manuel Teixeira Mesquita – Tec. Super. C.R.S.S.; Albertina Guerreiro – Prof.; Alberto Andrade – Bancár.; Alberto Carneiro – Escult.; Alberto Coelho Silva – Reformado; Alberto Costa – Advog.; Alberto Magalhães – Psicól.; Alberto Martins – Advog.; Alberto Oliveira e Silva – Deput.; Alberto Seixas Santos – Cineasta; Albino Joaquim Pinto Marques; Albino José Mendonça; Alcídio de Oliveira Gomes; Alexandra Almeida – Secret.; Alexandre Melo – Prof. Univ.; Alexandre Rosa – Sociól.; Alfredo Barros; Alfredo Bruto da Costa – Eng.; Alfredo Ferreira de Sousa – Prof.; Alfredo Marques – Prof. Univ.; Alfredo Reis – Prof.; Alfredo Tropa – Realizador; Alice Filipe Pereira; Alípio Cacela e Cunha – Agric.; Almeida Faria – Escritor; Almerindo Marques – Gestor; Almiro Mateus – Médico; Aloísio da Fonseca – Deput.; Álvaro Alves Augusto – Prof.; Álvaro Arranja; Álvaro Marques – Advog.; Álvaro Neves da Silva – Gestor; Álvaro Rodrigues – Eng.; Alzira Lemos – Jurista CCF; Amadeu José M. Gomes Faria – Estud.; Amadeu Lopes Sabino – Jurista; Amélia Pinto Pais – Prof.; Américo Monteiro Rodrigues; Américo Silva Ribeiro – Advog.; Amílcar Ambrósio – Eng.; Amílcar Ribeiro – Médico; Ana Benavente – Sociól.; Ana Lemos Pires – Prof.; Ana Maria Alves – Historiad.; Ana Maria Benard da Costa – Técn. MEC; Ana Maria Bettencourt – Esc. Super. Setúbal; Ana Maria Carneiro; Ana Maria Pessoa – Bibliotec.; Ana Maria Seiça Neves; Aníbal Lira – Sindical.; Antónia de Sousa – Jornal.; Antero Braga – Advog.; Antero de Castro – Econom.; António Almeida e Costa – Presid. Inst. Politécn.; António Alves Moreira (Portugal); António Aníbal Silva – Eng.; António Baptista Rodrigues – Veterin.; António Barreto – Deput.; António Branco Filipe – Sociól.; António Cabral – Escritor; António Cândido Alves – Agrón; António Cândido Dias de Castro – Solicit.; António Coimbra Martins – Deput. Europeu; António Correa de Campos – Prof. Esc. Nac. Saúde Públ.; António Cortes Simões – Advog.; António Costa – Advog.; António Costa Pinto – Prof. Univ./Investig.; António Costa Reis; António Dias da Cunha – Empresário; António Dinis Delgado da Fonseca – Major/Reserva; António Duarte – Jornal.; António Esteves – Jornal.; António Fonseca Ferreira – Eng.; António Fontes – Advog.; António Forte; António Gomes da Costa – Gestor; António Gomes Marques – Lic. Filosofia; António Jesus; António José Filipe Santos – Cooperativ.; António José Monteiro Queirós; António José Loureiro Borges – Gestor; António José Pinto – Emp. escrit.; António José Santinho Pacheco – Autarca; António José Seguro – Presid. do C.N.J.; António Júlio Valarinho – Escritor; António Lemos Cardoso – Eng.; António Macedo – Deput.; António Manuel Pina – Jornal.; António Manuel Santiago Oliveira – Econom.; António Manuel Sousa Fernandes – Prof. Univ.; António Moreira da Cruz – Gestor; António Noronha da Silva – Del. Prop. Méd.; António Oliveira das Neves – Econom.; António Pedro Vasconcelos – Realizador; António Pereira e Almeida – Advog.; António Pinto Pais – Bancár.; António R. Andrade Afonso – Prof. Univ.; António Ramos Rosa – Poeta; António Rebelo de Sousa – Econom.; António Regedor; António Reis – Gestor; António Reis – Prof. Univ.; António Renato Santos Aguiar – Autarca; António Rocha Andrade; António Saleiro – Autarca; António Sampaio Caramelo – Advog.; António Sousa Gomes – Gestor; António Sousa Simões; António Taborda – Advog.; António Torres Pedroso – Advog.; António Vitorino – Sec. Estado (Macau); Aquilino Ribeiro Machado – Eng.; Araújo Barbosa – Cooperativ.; Ário de Azevedo – Reitor Univ. Évora; Arlindo Fernandes; Arlindo Neves – Autarca; Armando Casa Nova – Cooperativ.; Armando Gomes – Advog.; Armando Jorge Nunes – Func. Públ.; rmando Lacerda; Armando Ramalho de Almeida; Armando Santos – Sindical.; Armando Trigo de Abreu – Eng.; Armando Vara – Deput.; Arménio Losa – Arquit.; Arnaldo Fleming – Sociól.; Arnaldo Jordão do Vale – Téc. Farmácia; Arnaldo Leite – Cooperativ.; Arnaldo Saraiva – Prof. Univ.; Arnaldo Silva – Func. Públ.; Artur Cunha Leal – Advog.; Artur José Felisberto; Artur Lemos Azevedo – Lic. História; Artur Marques de Carvalho – Mestre Hist. Arte; Artur Penedos – Bancár.; Artur Portela – Escritor; Artur Rosa – Arquit.; Augusto Manuel Silva Soares – Operário; Augusto Mateus – Prof. Univ.; Augusto Pereira – Prof. Univ.; Augusto Santos Silva – Prof. Univ.; Aventino Teixeira – Militar/Reserva; Azuil Dinis – Advog.; Baptista da Silva – Empresário/V. Castelo; Barbosa de Oliveira – Sindical.; Bernardino Guimarães – Estud.; Bernardo Futscher Pereira – Investig.; Bertina Sousa Gomes; Boaventura Sousa Santos – Direc. Fac. Economia/Coimbra; Bobela da Mota – Ex.-Comis. Nac. p/ Reabilit.; Cáceres Monteiro – Jornal.; Camilo Barata – Prof.; Carlos Alberto S. Almaça – Prof. Univ.; Carlos Amaral Dias; Carlos Andrade Neves – Econom.; Carlos Araújo Sequeira – Advog.; Carlos Augusto Ventura – Prof.; Carlos Cambotas; Carlos César – Deput. Regional; Carlos Duarte – Arquit.; Carlos Fabião – Coronel/Reserva; Carlos Figueira – Econom.; Carlos Fino – Jornal.; Carlos Jorge Barral – Gestor; Carlos Lage – Deputado; Carlos Manuel Santos Neto – Prof.; Carlos Marques dos Santos – Prof.; Carlos Monjardino – Sec. Estado (Macau); Carlos Nuno Santos Costa – Sindical.; Carlos Patrício Fernandes Braga – Eng.; Carlos Pinto – Deput.; Carlos Santos Ferreira – Gestor; Carlos Searas; Carlos Silva – Eng.; Carlos Silva – Cooperativ.; Carlos Sousa – Jornal.; Carlos Vargas – Jornal.; Carlos Zorrinho; Carolina Tito de Morais – Psicól.; Carromeu Gomes; Casimiro de Brito – Escritor; Cecília Barreira – Prof. Univ.; Cecília Caria Mendes – Advog.; César Augusto Nunes Viana – Prof. Univ.; César Oliveira – Historiad.; Cesário Borga – Jornal.; Clara Crabee Rocha – Prof. Univ.; Cláudia Moreno – Psicól.; Conceição Castel Branco; Conceição Ribeiro – Secret.; Costa Pereira – Gestor; Custódio Maldonado Freitas – Gestor; Daniel Amaral – Econom.; David Morais Ferreira – Téc. Contas; Delfim Santana Godinho – Eng.; Deolinga Santos Costa – Prof.; Diamantino Silva Elias – Tec. Farmc.; Dimas de Almeida – Pastor Protest.; Diná Santos Ferreira; Diogo Duarte – Advog.; Diogo Pires Aurélio – Prof.; Diogo Portugal – Médico; Dionísio Silva Rodrigues – Eng.; Domingos Megre – Empresário; Domingos Pinho – Pintor; Dórdio Guimarães – Realizador; Duarte Braz – Téc. FAOJ; Duarte Feitor – Sindical; Duarte Nuno Simões – Arquit.; Dúnia Rosale Entrudo Palma – Eng. Quím.; Edite Estrela – Prof.; Edmundo Pedro – Tradutor; Eduardo Cruz – Gestor; Eduardo Ferro Rodrigues – Econom.; Eduardo Geada – Cineasta; Eduardo Jesuíno Fernandes; Eduardo Lourenço – Prof. Univ.; Eduardo Luís Cortesão – Prof. Univ.; Eduardo Pedroso – Advog.; Eduardo Pereira – Deput.; Eduardo Prado Coelho – Prof. Univ.; Eduardo Rebelo – Jornal.; Eduardo Teixeira Portela – Advog.; Eduardo Vilaça – Admin. Públ.; Eliane Teixeira – Prof.; Elisa Damião – Sindical.; Elsa Grilo – Estud.; Emanuel Jardim Fernandes – Deput. Regional; Emanuel Lima Leite; Emanuel Ramires Fernandes – Advog.; Emídio Fernandes Farrica – Médico; Emídio Rangel – Jornal.; Emídio Santana – Assoc. Inquilinos Lisbonenses; Estela Galvão Teles – Prof. Univ.; Eugénia Vasco Vilar – Solicitad.; Fátima Barbosa – Industrial; Fátima Carvalho – Sindical.; Fátima Grácio – Func. Públ.; Fátima Patriarca – Historiad.; Fausto Martins – Gestor; Fernanda Mestrinho – Jornal.; Fernanda Pereira; Fernandes da Fonseca – Prof. Cated.; Fernando Alçada – Dir.-Ger. Acção Cultural; Fernando Antunes – Jornal.; Fernando Azevedo – Pintor; Fernando Barão; Fernando Belo – Prof. Univ.; Fernando Cadima – Prof.; Fernando Carrera – Médico; Fernando Catroga – Prof. Univ.; Fernando Dacosta – Escritor; Fernando Ferreira da Costa – Cooperativ.; Fernando Fonseca Santos – Advog.; Fernando Gomes – Deput. Europeu; Fernando Gomes da Silva – Agrón./Prof. Univ.; Fernando Jacinco Zarco Flores – Eng.; Fernando Jorge Oliveira Neves – Autarca; Fernando José Baeta Neves – Téc. MEC; Fernando José Baptista Martinho; Fernando José Lopes Oliveira; Fernando Lopes – Deput.; Fernando Loureiro – Sindical.; Fernando Manata – Juiz; Fernando Marques da Costa – Investig.; Fernando Moreira – Médico; Fernando Namora – Escritor; Fernando Pereira Marques – Historiad.; Fernando Pernes – Crítico/Arte; Fernando Piteira Santos – Dir.-Adj. («D. Lisboa»); Fernando Ribeiro Dias – Empresário; Fernando Sacramento – Empresário; Fernando Seixas – Jornal.; Fidélio Guerreiro; Filipe Fernandes – Chefe Serviços Propag. Méd.; Filipe Nogueira – Estud.; Filipe Santos – Comerciante; Filomena Mónica – Sociól.; Flávia Monsarraz – Escultora; Flávio Furtado de Paiva – Cooperativ.; Francisco Ascenso Machado – Geólogo; Francisco Barbeiro; Francisco Belard – Jornal.; Francisco Costa Mateus – Jornal.; Francisco Cunha – Emp. Escrit.; Francisco Jerónimo – Comerciante; Francisco Fróis David – Prof.; Francisco Guerra Damota; Francisco José Rodrigues – Prof.; Francisco José Severino – Econom.; Francisco Lino Neto – Eng.; Francisco Lyon de Castro – Editor; Francisco Manuel Nunes da Mota – Lic. Filosofia; Francisco Marcelo Curto – Deput.; Francisco Soares – Econom.; Francisco Teixeira – Estud.; Francisco Tremoceiro; Germano Silva – Jornal.; Gil Teixeira – Advog.; Gomes Coelho – Func. TLP; Gonçalo Ladeira Cruz; Gonçalo Monteiro – Gestor; Gonçalves da Costa – Major/Reserva; Graça Lobo – Actriz; Graça Macedo – Presid. Interina IPL; Graça Morais – Pintora; Graça Sampaio Cabral – Sociól.; Gualter Basílio – Control. Comercial; Guida Maria – Actriz; Guilherme Oliveira Martins – Advog.; Guilherme da Palma Carlos – Advog.; Guilherme Pinto – Advog.; Guilherme Santos – Autarca; Gustavo Pimenta – Advog.; Heitor Carvalheiras – Autarca; Hélder Castanheira – Prof.; Helena Almeida – Pintora; Helena Cidade-Moura – Prof.; Helena Marques – Dir.-Adj. («D. Notícias»); Helena Resende – Prof. Univ.; Helena Roseta – Arquit.; Helena Sanches Osório – Jornal.; Helena Torres Marques – Deput.; Henrique Antunes Ferreira – Jornal.; Henrique Augusto Pereira – Eng.; Henrique Coelho – Sindical.; Henrique Dinis Pinhão Pereira – Eng. Mec.; Henrique Diz – Prof.; Henrique Martins – Advog.; Henrique Matias – Autarca; Henrique Medina Carreira – Advog.; Henrique Monteiro – Jornal.; Henrique Neto – Empresário; Henrique Troncho – Sociól.; Hernâni Caniço – Médico; Horácio André Antunes – Autarca; Humberto Daniel – Comerciante; Idalina Grácio; Igrejas Caeiro – Profiss./Rádio; Ilídio Ferreira; Ilse Losa – Escritora; Irene Veloso – Prof. Univ.; Isabel Leal – Psicól.; Isabel Maria Santos – Sindical.; Isaías Rocha – Bancár.; Jaime Carlos Corbal Moreira – Eng. Téc.; Jaime Forreta – Médico; Jaime Gama – Deput.; Jerónimo Silva Rodrigues – Emp. Escrit.; Joana Vicente – Estud.; João Almeida Eliseu – Estud.; João Barrento; João Bernard da Costa – Vice-Presid. Cinemateca; João Botelheiro – Advog.; João Caliço Grosso – Matemát.; João Carlos Mendes Antunes; João Cravinho – Deput.; João Cutileiro – Escultor; João David Pinto Correia – Prof. Univ.; João de Deus Pires Asseiro – Estud.; João Elias – Médico; João Esteves da Silva – Gestor; João Fernandes – Func. TLP; João Fernandes; João Ferraz de Abreu – Deput.; João Ferreira de Sousa – Prof. Univ.; João Grego Esteves – Jornal.; João José Jóia da Silva – Prof.; João Luís Ferreira de Sousa – Industrial; João Luís Gomes Durão – Eng. Sivic.; João Magalhães – Prof.; João Manuel Fonseca Viegas – Advog.; João Manuel Jacome dos Santos – Sindical.; João Manuel Malheiro Vilar – Profiss. Seguros; João Mário Mascarenhas – Jurista; João Matos Silva – Realizador; João Mendes – Jornal.; João Monjardino – Bióf.; João Moreira Dias – Autarca; João Pato Ribeiro; João Paulo Amorim – Médico; João Paulo Bessa – Arquit.; João Pedroso – Estud.; João Pinharanda – Prof.; João Primo Jaleco; João Proença – Sindical.; João Rosado Correia – Deput.; João Rui Gaspar de Almeida – Médico; João Rui de Sousa – Poeta; João Soares – Advog.; João Soares Louro – Gestor; João Tito de Morais – Gestor; João Tristão Vão; João Vilar – Profiss. Seguros; Joaquim Banha – Autarca; Joaquim Brandão – Advog.; Joaquim Cabral Rolo – Agrón.; Joaquim Carvalho Afonso – Téc. SEC; Joaquim Cordeiro; Joaquim Couto – Médico; Joaquim Domingos Lopes Júnior – Gestor; Joaquim Gomes Carneiro – Prof. Univ.; Joaquim Jerónimo Nascimento – Agente Sanit.; Joaquim Loureiro – Advog. Joaquim Mestre – Pres. Adm. IN/CM; Joaquim Reis Marques – Sindical.; Joaquim Rocha – Advog.; Joaquim Silva Loureiro – Advog.; Joaquim Silva Pereira – Sociól.; Joaquim Silva Pinto – Gestor; Joaquim Simões Soares da Costa – Prof.; Joaquina Beirão Pereira – Prof.; Joel Hasse Ferreira – Gestor; Jorge Alberto Rocha Brochado – Farmac.; Jorge Barata Preto – Econom.; Jorge Catarino – Médico; Jorge Custódio – Prof. Univ.; Jorge Domingos Leite Ginja – Médico; Jorge Galamba Marques – Direct./Empresa; Jorge Gonçalves – Bancár.; Jorge Humberto Fagundes – Advog.; Jorge L. Martins Almeida – Médico; Jorge Lacão – Deput.; Jorge Laranja – Bancár.; Jorge Marques Santos – Veterin.; Jorge Neto Valente – Advog.; Jorge Oliveira – Assist. Univ.; Jorge Paulo Almeida Coelho – Econom.; Jorge Santos – Advog.; Jorge Strecht Ribeiro – Advog.; Jorge Vala – Psicól.; Jorge Vargas; José Afonso Pedrosa Oliveira – Téc. CTT; José Alberto Lemos – Jornal.; José Alberto Machado – Jornal.; José Almeida Serra – Econom.; José Álvaro Moraes – Realizador; José Alves Costa – Arquit ; José Ângelo Gonçalves Paulos – Emp. Escr.; José António Furtado Fernandes – Econom.; José António Gaspar; José António Pereira Junior – Autarca; José Anselmo Vaz – Arquit.; José Apolinário – Deput.; José Armando C. Marques; José Artur Vasconcelos Silva – Eng.; José Augusto Antunes – Cirurg.; José Augusto Fillol Guimarães – Deput.; José Borges Pinto – Advog.; José Brandão – Sindical.; José Braz Pinto; José Bruno Cibrã Domingues – Advog.; José Cardoso da Silva – Gestor; José Carlos Albino – Cooperativ.; José Carlos Ferreira de Almeida – Sociól.; José Carlos Serras Gago – Sociól.; José Carlos Silva Nogueira – Comerciante; José Constantino Leal Ferreira – Sindical.; José Cunha Pereira – Médico; José David; José Duarte Jesus – Téc. Public.; José Elias de Freitas – Econom.; José Fragateiro – Director Teatro Exper. Leiria; José Gameiro – Psiquiat.; José Gil – Prof. Univ.; José Gomes Fernandes – Arquit.; José Gregório Gouveia – Deput.; José Joaquim Leitão; José Jesus Sousa – Comand. Bombeiros; José Jorge Melo Correia – Econom.; José Júdice – Jornal.; José Lamego – Advog.; José Leal Loureiro – Editor; José Leitão – Advog.; José Lello – Deput.; José Luís Nunes – Deput.; José Luís Nobre Santos – Eng.; José M. Ribeiro da Fonte – Prof. Univ.; José Machado Pais – Sociól.; José Madureira Pinto – Sociól.; José Manuel Antunes – Médico; José Manuel Castelão – Dir. Fundo Turismo; José Manuel Consigliery Pedroso – Gestor; José Manuel Galvão Teles – Advog.; José Manuel Garcia Lamas – Arquit.; José Manuel Paulo Rato – Econom.; José Manuel Prostes da Fonseca – Eng. Prof. Univ.; José Manuel Sampaio Cabral – Gestor; José Manuel Sobral – Historiad.; José Manuel Torres Couto – Sec. Geral UGT; José Manuel Veiga – Advog.; José Manuel Vilaça – Advog.; José Maria Brandão de Brito – Econom.; José Maria Torres Marinho – Advog.; José Matos Cruz – Crítico Cinema; José Medeiros – Prof.; José Milheiro – Econom.; José Monteiro – Gestor; José Mota – Sindical.; José Mota Torres – Deput.; José Pedro Martins Barata – Arquit.; José Pena do Amaral – Econom.; José Pinto Correia – Vice-Reitor Univ. Lisboa; José Queiroz – Eng.; José Rafael Campos Ribeiro; José Rodrigues Oliveira – Prof.; José Rosa – Ger. Bancár.; José Roseira – Bancár.; José Sanches Osório – Advog.; José Saraiva – Jornal.; José Silva Pinto – Dir. («O Jornal»); José Sócrates – Eng.; José Sousa Brito – Advog.; José Tavares Pinto – Advog.; José Tomás Gouveia Enes Baganha – Econom.; José Torres Campos – Gestor; José Valente – Prof. Univ.; José Vera Jardim – Advog.; José Vítor Adragão – Prof. Univ.; José Vidal Marques – Func. Munic.; Juan Mozzicafredo – Prof. Univ.; Judite Delgado Serrado – Prof.; Júlia Nery – Escritora; Julieta Sampaio – Prof.; Júlio Faria – Autarca; Júlio Fitas – Estud.; Júlio Henriques – Autarca; Júlio Miranda Calha – Deput.; Júlio Rendeiro – Eng.; Júlio Resende – Pintor; Justino do Fundo – Autarca; Justino Santos – Lic. Filosofia; Juvenal Xavier – Jornal.; Ladislau Botas – Autarca; Laranjeira Vaz – Psicól.; Laura Larcher Graça – Eng. Sivic.; Laureano Riba Tua – Escultor; Lauro António – Cineasta; Leonor Coutinho – Econom.; Liberto Cruz – Conselh. Embaix.; Lício Correia – Prof.; Lídia Jorge – Escritora; Liliane Simões – Prof.; Lopes Dias – Advog.; Lucas Estevão – Assessor MEC; Luciano Costa; Luciano Vilhena Pereira – Advog.; Luís Aguilar – Médico; Luís Amaro – Poeta; Luís Carvalho – Jornal.; Luís Costa Ferreira – Sindical.; Luís Cunha – Prof. Univ.; Luís Filipe Barreto – Historiad.; Luís Filipe Castro Mendes – Diplomata; Luís Folhadela – Advog. / Jornal.; Luís Melo Biscaia – Advog.; Luís Moita – Presid. CIDAC; Luís Monterroso – Autarca; Luís Parreirão – Advog.; Luís Pestana Mourão – Eng.; Luís Reto – Psicól.; Luís Roseira – Médico; Luís Valentim Matos; Luís Villas-Boas – Org. Festival Jazz Cascais; Luísa Ducla Soares – Func. Bibliot. Nacional; Luísa Sarsfield Cabral – Prof.; Madalena Barbosa; Madalena Garcia – Bibliot.; Madalena Santos Ferreira – Advog.; Maldonado Gonelha – Gestor; Manuel Afonso Strecht Monteiro – Médico; Manuel Alberto Valente – Editor; Manuel Almeida; Manuel António Gonçalves; Manuel Beça Múrias – Dir-Adj. («O Jornal»); Manuel Braga da Cruz – Sociól.; Manuel Brandão Alves – Econom.; Manuel Cabeçadas Ataíde Ferreira – Advog.; Manuel Carrilho – Prof. Univ.; Manuel da Costa – Eng.; Manuel Dias Fonseca – Prof.; Manuel Ferreira Lima – Gestor; Manuel Gouveia e Cássio – Cooperativ.; Manuel Graça Dias – Arquit.; Manuel Henrique Santana Castilho – Esc. Sup. Santarém; Manuel Henrique Vieira Torres – Dir.-Geral MEC; Manuel Jorge Magalhães e Silva – Advog.; Manuel José Sampaio; Manuel Lima Bastos – Advog.; Manuel Lopes Correia – Eng.; Manuel Marques Coelho – Prof.; Manuel Martins; Manuel Mourão; Manuel Neves Pereira Pimenta; Manuel Pedroso Marques – Oficial Exérc. Reserva; Manuel Pires; Manuel Roque – Advog.; Manuel Rosa Silva Barata – Oficial F.A. Reserva; Manuel dos Santos – Econom.; Manuel Sérgio – Doutor. Educ. Física; Manuel Vicente – Arquit.; Manuel Vilhena de Carvalho – Jurista; Manuel Vitorino de Queiroz – Cooperativ.; Manuela Bivar – Func. ANOP; Manuela Furtado – Dep. Rel. Internac. RTP; Manuela Massena – Advog.; Manuela de Melo – Jornal.; Manuela Silva – Econom.; Manuela Veiga – Estud.; Marcela Torres – Editora; Margarida Barahona – Assist. Univ.; Margarida Marques – Téc. Sup. GEP/MEC; Margarida Schiappa – Publicit.; Maria Amélia Viseu; Maria Antónia Palla – Jornal.; Maria Antonieta Almeida Pires – Prof.; Maria Antonieta Rato – Econom.; Maria da Assunção W. Caldeira Ribeiro – Emp. Escrit.; Maria Augusta Novo – Téc. Marketing; Maria Belo – Psicól.; Maria do Carmo Antunes da Silva – Advog.; Maria do Carmo Romão – Sec. Geral A.R.; Maria do Carmo Serém; Maria Carrilho – Sociól.; Maria Celeste Ferreira dos Santos – Prof.; Maria Celeste Fonseca – Econom.; Maria do Céu Esteves – Econom.; Maria da Conceição Abreu Freire – Func. Públ.; Maria da Conceição Fernandes – Advog.; Maria Cristina Neto – Antropól.; Maria Emília Rodrigues Monjardino – Cons. Embaix.; Maria Ermelinda Távora – Prof.; Maria Eugénia Arnaut Gonçalves – Lic. Filosofia; Maria Eugénia Santos Melo – Econom.; Maria Fernanda Neto Ramalhoto; Maria Helena Mendonça – Publicit.; Maria Helena Sequeira Augusto – Prof.; Maria Isabel Ferreira Lopes – Prof.; Maria João Nogueira – Téc. CTT; Maria José Araújo – Prof. Univ.; Maria José Pacheco – Prof.; Maria José Pinheiro Portugal; Maria do Loreto Paiva Couceiro – Prof.; Maria Luís Borges de Castro – Médica; Maria Luísa Jorge – Emp. Escrit.; Maria de Lurdes Beja Cachulo – Farmac.; Maria de Lurdes Faria da Silva – Prof. Univ.; Maria de Lurdes Lima Santos – Sociól.; Maria da Luz Coelho – Prof.; Maria Nobre Franco – Dir. Gal. Arte; Maria Palmira Tito de Morais – Prof./Enf. Saúde Públ.; Maria do Rosário Martins Alves – Geógrafa; Maria Teresa Coimbra – Prof.; Maria Teresa Lopes Duarte – Prof.; Maria Teresa Paiva – Dir. Colégio; Maria Virgínia Ferreira Santos – Eng.; Maria Virginia Pinto – Prof.; Mariana Borges Craveiro; Mariano Calado – Psicól.; Marílio Costa Faria – Prof.; Mário de Almeida – Autarca; Mário Baptista Coelho – Dir. Centro Nac. Cult.; Mário Beja Santos – Func. Públ.; Mário Barradas – Encenador; Mário Bettencourt Resendes – Dir.-Adjunto («D. Notícias»); Mário Branco – Pres. Casa Imprensa; Mário Cal Brandão – Deput.; Mário Cardoso dos Santos – Gestor; Mário Cláudio – Escritor; Mário Cristóvão – Estud.; Mário J. Soares – Reformado; Mário Moura – Médico; Mário Neto – Eng.; Mário Neves – Embaix.; Mário Pereira – Jornal.; Mário Valadas – Gestor; Mário Zambujal – Escritor; Marta Wengorovious – Estud.; Martins Correia – Escultor; Meliço Silvestre – Prof. Univ.; Meneses Alves – Advog.; Mesquita Machado – Autarca; Miguel Maria T. Valle D'Avillez – Jurista; Miguel Saint Aubyn – Estud.; Miguel Soromenho – Estud.; Miguel Tártaro – Emp. Escrit.; Monteiro Pinho – Gestor; Moura de Carvalho – Econom.; Murteira Nabo – Gestor; Napoleão Duarte; Narciso Miranda – Autarca; Natália Correia – Escritora; Nélson Amaral Albuquerque Veiga – Jornal.; Nélson de Matos – Editor; Nuno Botelho – Jurista; Nuno Brederode Santos – Dir. Empresa; Nuno Coutinho – Jornal.; Nuno Grande – Prof. Cated.; Nuno Portas – Arquit.; Nuno Vidal; Nuno Vieira D'Almeida – Pianista; Oliveira e Silva – Func. CTT; Orlando Curto; Orlando Magalhães – Gestor; Orlando Pinto – Prof. Univ.; Palmeiro Ribeiro – Gestor; Palmira Macedo; Parcídio Summavielle Soares – Autarca; Paulo Barreto – Estud.; Paulo Parreira – Eng.; Paulo Pedroso; Paulo Pereira – Lic. Direito; Pedro Alexandre Rato – Assist. Social; Pedro Ferro Menezes – Pediatra; Pedro Jordão – Eng.; Pedro Lúcio – Estud.; Pedro Portugal – Pintor; Pedro Proença – Pintor; Pedro Varanda de Castro – Jornal.; Pedro Vazão de Almeida – Eng.; Pedro Vieira – Jornal.; Pompeu Balsa – Médico; Porfírio Silva – Estud.; Ramiro Teixeira Verissimo – Crítico literário; Ramon de La Féria – Médico; Raul Brito – Deput.; Raul Junqueiro – Deput.; Raul Marçal Moura – Eng.; Reinaldo Costa – Func. Públ.; Reis Marques – Médico; Ricardo Bexiga – Estud.; Ricardo Sá Fernandes – Prof. Univ.; Ricardo Tavares – Econom.; Rita Veiga da Cunha – Func. C.E.E.; Rocha Barbosa; Rogério Rodrigues – Jornal.; Rosa Carvalho; Rosa Fanha Rebelo – Prof.; Ruben Raposo – Econom.; Ruben Rolo – Sindical.; Rubens Pinheiro – Estud.; Rui António P. Sousa Louro – Prof. Univ.; Rui Camacho – Jornal.; Rui Couceiro Neto Silva – Médico; Rui Cunha – Estud.; Rui Dias Duarte – Empresário; Rui Evangelista – Téc. Contas; Rui Jorge Torres Abrantes – Presid. Fundo Turismo; Rui Mário Gonçalves – Crítico Arte; Rui Namorado – Advog.; Rui Neves da Costa Rodrigues – Prof. Univ.; Rui Pimentel – Pintor; Rui Rocha – Prof. Univ.; Rui Veloso; Rui Vieira – Deput.; Salvador Paulo de Lima e Silva – Sindical.; Salvato Trigo – Prof. Univ.; Santos Ferreira – Sindical.; Saudade Cortesão; Sebastião Garcia – Advog.; Sérgio Godinho – Músico; Sérgio Hora Lopes; Sérgio Montenegro Miguel Grácio – Prof. Univ.; Sérgio Palma Brito – Gestor; Serra de Oliveira – Méd.; Sidónio Violante – Industrial; Sílvia Almeida – Func. Inst. Defesa Consumidor; Sílvia Chicó – Crítica Arte; Sofia Pinto Coelho; Susana Carvalho – Estud.; Telmo Vieira – Advog.; Teresa Ambrósio – Investig.; Teresa Coelho – Jornal.; Teresa Engana; Teresa Freitas Ferreira – Prof.; Teresa Mendes – Apoio Cultural Assoc. Emigr.; Teresa Mónica – Investig.; Teresa Olga – Produtora; Teresa Ricou (Tété) – Dir. Esc. Circo Mariano Franco; Teresa Santa Clara Gomes – Téc. Sup. SEC; Teresa de Sousa – Jornal.; Tília Fonseca; Tomaz de Almeida; Vasco Gonçalves Martins; Vasco Pulido Valente – Investig.; Vaz de Almeida – Gestor; Vergílio Ferreira – Escritor; Virgílio Vieira – Prof.; Vítor Melícias – Presid. U. Mutualidades Portug.; Vítor Ferreira da Costa – Cx. Créd. Agríc. Bombarral; Vítor Belém – Pintor; Vítor Matias Ferreira – Prof. Univ.; Vítor Caio Roque – Deput.; Vítor Faria – Advog.; Vítor Guerra – Eng.; Vítor Hugo Sequeira – Sindical.; Vítor Leal – Advog.; Vítor Pereira Dias – Gestor; Vítor Pessoa – Econom.; Vítor Wengorovious – Advog.; Vitorino Vieira Dias – Gestor; Wanda Guimarães – Sindical.; Zeferino André – Autarca; Zeferino Manuel Moreira Lopes.

Misericórdia de Cascais dinamiza Fundação

Recuperação de toxicómanos tem mais apoio do Estado

O Governo tem quase pronto um projecto de diploma que prevê uma «cooperação mais estreita» entre o Estado e instituições que trabalhem no «tratamento e recuperação de tóxico-dependentes», revelou ontem o secretário de Estado da Justiça, Garcia Marques, durante o acto da escritura de constituição da Fundação Portuguesa para o Estudo, Prevenção e Tratamento da Tóxico-Dependência, ontem realizado em Cascais. A Fundação, a primeira do género criada em Portugal, propõe-se colaborar com as instituições que trabalham sobre os problemas da droga e, como afirmou o presidente do conselho de administração e provedor da Misericórdia de Cascais, Mário Cruz, «vai criar um departamento de investigação» próprio.

A construção do Centro de Tratamento e Recuperação de Tóxico-Dependentes, com capacidade para 60 internados, é outro dos objectivos da Fundação que, em Janeiro próximo, vai iniciar acções de prevenção em escolas de Cascais e que, como disse Isabel Miguéis, dirigente da Fundação, vai necessitar «de 150 mil contos na sua fase de arranque».

O primeiro acto da também ontem empossada administração da Fundação foi a celebração de um protocolo de cooperação técnica entre a Fundação e o Instituto Superior de Educação Física (ISEF) da Universidade Técnica de Lisboa.

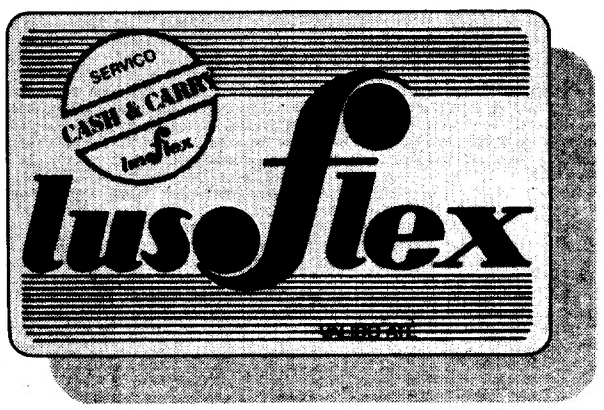
Nos termos do protocolo, o Departamento de Educação Especial e Reabilitação do ISEF vai apoiar a prevenção e tratamento de tóxico-dependentes e a sua reintegração sociopofissional, desenvolver projectos de investigação sobre o problema e integrar a área da tóxico-dependência na licenciatura em educação especial e reabilitação. A Fundação compromete-se a apoiar a realização dos projectos de investigação facultando instalações e promovendo a obtenção de meios financeiros, a garantir apoio às unidades de estágio profissionalizante da licenciatura e a apoiar acções de âmbito internacional.

A esposa do Presidente da República, dr.ª Maria Barroso, que preside ao Conselho de Solidariedade Social da Fundação, afirmou na sua intervenção que as acções de prevenção e tratamento devem privilegiar a acção dos jovens junto de outros jovens tóxico-dependentes. «Nada fazendo estamos a fechar o horizonte da esperança e a hipotecar o futuro», referiu Maria Barroso. Durante a cerimónia da escritura falou também Georges Dargent, presidente da Câmara de Cascais, entidade que já cedeu um terreno com 50.000 metros quadrados para a construção do Centro de Reabilitação.

lusoflex®

acrescentámos espaço ao seu armazém...

SERVIÇO CASH & CARRY lusoflex



...e agora com o cartão cliente poupamos-lhe tempo.

Obtenha-o e isso vai permitir-lhe fazer as suas encomendas antecipadamente, durante as 24 horas do dia, e tê-las prontas a ser carregadas, com factura/recibo preparado e tudo...
Informe-se, porque o conforto Lusoflex deve começar por si...

Envie este cupão à **Lusoflex** - Apart. 23 - 2711 Sintra Codex

Peço informações detalhadas sobre a obtenção e vantagens do cartão-cliente.

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

espumas rígidas e flexíveis de poliuretano • colchões de espuma • colchões de molas colchões de desporto • artigos para campismo

Hepatite e meningite afectam escolas

Um surto de hepatite afecta a Escola Primária de Vilarinho, na Lousã (Coimbra) onde 15 dos 42 alunos estão retidos em casa por conselho médico — disse à Anop um responsável da Delegação Escolar da Lousã.

Romeu Dias, subdelegado escolar, disse que o surto infecto-contagioso começou a verificar-se em inícios de Novembro e até hoje as análises clínicas revelaram a incidência de hepatite em 15 crianças.

Todavia, a escola continua a funcionar, já que o Centro de Saúde só poderá proceder ao seu encerramento «se metade da população escolar for afectada» — disse Romeu Dias.

Como medida de precaução, os pais de algumas crianças estão também sob vigilância médica e os responsáveis escolares mantêm-se atentos ao evoluir da situação — precisou o subdelegado escolar.

Adiantou ainda que os professores da escola foram igualmente sujeitos a análises clínicas, mas a incidência da hepatite verificada «não é significativa nem alarmante».

Romeu Dias admitiu que entretanto surjam mais casos de hepatite entre as crianças da escola e que esta possa mesmo vir a ser encerrada.

Também nalgumas escolas da Madeira se têm registado casos de meningite, mas sem gravidade.

responsáveis regionais disseram à Anop que se trata de casos isolados e estão controlados pelas autoridades sanitárias.

Líderes partidários em colóquios na Faculdade de Direito

Adriano Moreira estará presente no colóquio-debate intitulado «Desenvolver Portuigal ano 2000», no próximo dia 10, às 18 horas, no anfiteatro-2 da Faculdade de Direito de Lisboa.

A iniciativa pertence ao grupo de estudantes daquela faculdade chamado Nova Intervenção que assim inicia uma série de colóquios-debate sobre aquele tema.

O segundo colóquio terá a presença de Álvaro Cunhal e está marcado para o dia 14 de Janeiro. Vítor Constâncio estará presente no terceiro, a 21 de Janeiro. O quarto colóquio não tem ainda data marcada, mas contará com a presença de Ramalho Eanes.

O objectivo da iniciativa é compreender cada projecto partidário e fazer a escolha inerente, numa perspectiva de médio e longo prazo, entre os vários projectos que, aplicados à realidade do País, atingirão resultados diversos.

Cavaco Silva respondeu negativamente ao convite para participar na iniciativa, alegando que como Primeiro-Ministro não deve intervir publicamente como líder partidário.

Demitiu-se Conselho Directivo da Secundária de Monserrate

O conselho directivo da escola secundária de Monserrate demitiu-se ontem alegando a impossibilidade de uma gestão correcta do estabelecimento por falta de funcionários.

Este órgão de gestão apresentou a sua demissão durante uma assembleia geral de professores, alegando que a escola, com 2815 alunos e cerca de 200 professores, possui apenas cinco funcionários administrativos para um quadro de pessoal que prevê um total de 24.

O conselho directivo considerou que na actual situação «se torna impossível uma correcta gestão da escola e que a falta de funcionários poderá originar graves problemas, cujas responsabilidades não lhe podem ser imputadas».

Na reunião foi aprovado um documento, apoiado pela maioria dos professores, no qual estes se solidarizam com a posição assumida pelo conselho directivo.

Um projecto com mais de 16 anos

Câmara de Lisboa quer pôr torre em S. Bento

Nuno Ribeiro

Uma torre poderá surgir junto à Assembleia da República, de acordo com uma medida tomada ontem por maioria na Câmara Municipal de Lisboa, segundo adiantou ao «DL» um vereador da Aliança Povo Unido. Na reunião do executivo camarário foram aprovadas 23 propostas de acerto de lotes, doações e permutas de terrenos, uma das quais tem «por detrás a aprovação de um prédio, em S. Bento, que tem o dobro dos pisos que legalmente devia ter».

«No gaveto da Rua com a Praça de S. Bento, junto à Assembleia da República, a Câmara Municipal de Lisboa aprovou uma medida que tem por detrás a aprovação de um prédio com o dobro dos pisos que legalmente devia ter», declarou ao «DL» o vereador Rui Godinho.

A opinião do eleito da APU tem como fundamento a informação subscrita por um responsável camarário que sublinhava serem a volumetria e a cércia propostas exactamente o dobro da regulamentar para aquela área..

Deste modo, adiantou Rui Godinho, «reforça-se a nossa convicção de que os acertos de lote, as doações e as permutas de terrenos são quase sempre a ponta do iceberg de grandes empreendimentos já aprovados pelo presidente, nomeadamente urbanizações em zonas como Carnide, junto à Estrada da Luz e Benfica». «Sintetizando», concluiu o vereador da Aliança Povo Unido, «estas aprovações (e ontem foram aprovadas 23) de um modo geral viabilizam a construção de prédios de grandes dimensões, violando o regulamento do Plano Director, o Regulamento Geral de Edificações Urbanas e outra legislação em vigor».

Assembleia interessada

Segundo o «DL» apurou junto dos serviços da Câmara Municipal de Lisboa, o projecto que poderá vir a substituir o conjunto de prédios edificados junto aos jardins do Palácio de S.Bento, data de 1970.

«Trata-se do arranjo da Praça de S. Bento, e o que ontem foi viabilizado diz respeito a um conjunto no qual poderá sobressair uma torre que dá enfase ao conjunto urbanístico a edificar», revelou o mesmo informador.

De acordo com a mesma fonte, o projecto é da autoria do professor Alberto Pessoa, co-autor do projecto da Fundação Calouste Gulbenkian e do arranjo da Praça de Espanha, seguindo um estudo para Rua de S. Bento, anterior a 1970, realizado pelo arquitecto Cabeça Padrão.

Por outro lado, a Assembleia da República, que conhece o projecto, terá já manifestado o interesse de passar para o novo complexo alguns dos seus serviços, dada a exiguidade das suas actuais instalações.

O «DL» apurou ainda que o promotor da obra é Luis Serra Henriques, mas que o processo de indemnizações aos inquiilinos dos prédios a serem demolidos tem sido travado dado o montante das mesmas.

O facto de se tratar de um projecto com mais de 16 anos, e de estar naturalmente ultrapassado pelas novas preocupações em relação à defesa do património edificado, será em dúvida um dos argumentos a ser utilizado pelos seus opositores, e que muita polémica irá ainda suscitar.

Não formar para o desemprego

Ajudar os jovens a informar-se e orientar-se

«Ajudar os jovens a informar-se e a orientar-se» é o tema hoje em debate do seminário «Transição do jovem da escola para a vida activa» que está a decorrer em Lisboa.

O objectivo do encontro é dar a conhecer aos técnicos portugueses os projectos-piloto realizados desde 1983 no âmbito do segundo programa, a partir de 87/88.

Os projectos-piloto, que abarcam diversas áreas profissionais, da agricultora as novas tecnologias, prentedem contribuir para resolver o problema da desadaptação do ensino ao mercado de trabalho.

Margaret Mackenzie que fez ontem a alocução da abertura dos trabalhos, que terminam amanhã, sublinhou que é a primeira vez que um país europeu promove a tão alto nível um seminário dedicado aos jovens face à vida profissional.

Falando na mesma sessão, o ministro do Trabalho, Mira Amaral defendeu a necessidade de adequação dos sistemas de ensino e de formação profissional às necessiades empresariais para «não formar jovens para o desemprego».

O ministro advogou uma colaboração maior entre o seu Ministério e o Ministério da Educação, visando adequar a oferta de emprego à procura.

«Se queremos uma economia de mercado, temos de ter uma sociedade de empresérios e não de funcionários». disse Mira Amaral, para quem a distribuição do emprego pelos diversos sectores económicos precisa de correcção.

Salientou os 23 por cento da população activa empregada na agricultura, contra os 3 a 5 por cento normais nos países ocidentais industrializados.

O ministro da educação, João de Deus Pinheiro, que também assistiu à sessão inaugural do encontro, disse que a escola não deve preparar os jovens para uma profissão mas para uma escolha: «Mais do que aprender a aprender, a escola deve servir para aprender a empreender», defendeu.

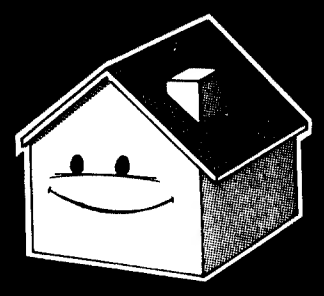
Para Deus Pinheiro, as causas do desemprego radicam nas carências de postos de trabalho e de investimento e não em problemas de educação e formação profissional, pelo que a canalização injustificada de fundos para a educação com prejuízo de sectores económicos pode significar menos emprego.

João de Deus Pinheiro e Mira Amaral disseram à Anop que os seus ministérios estão a colaborar no sentido de implementar soluções conjuntas no domínio da educação/formação, na senda da «lei da aprendizagem».

Entre os projectos em vista estão o programa «Comet», de ligação indústria-universidade em diversas vertentes, e a preparação da participação de Portugal no terceiro programa de acção da CEE sobre transição de jovens para a vida activa.

O seminário é patrocinado pelos Ministérios da Educação e do Trabalho, pela Secretaria de Estado da Juventude e pela Comissão das Comunidades Europeias.

Vai ser bom morar em Portugal!



Candidatos a bastonário apresentam-se

Leonor Beleza é ubíqua: está no Ministério da Saúde, está no que falta em cada hospital ou centro de saúde carenciado, está na raiva dos jovens médicos desempregados, está no futuro incerto de quem cursa medicina. Está afinal, em toda a parte, desde que se fale em saúde (a que temos, a que não temos e a que desejamos), da Ordem e dos médicos. Foi ela que ontem à tarde «açambarcou», embora ausente (ou na João Crisóstomo, no Ministério, ou na Assembleia da República, por causa do Orçamento), a maior fatia do debate público que os candidatos a bastonário da Ordem dos Médicos travaram no Anfiteatro de Farmacologia do Hospital de Santa Maria.

Durante três horas, Gentil Martins (o actual detentor do cargo) e Guimarães dos Santos e Machado Macedo, seus adversários na «corrida» ao próximo mandato, assestaram mais as «armas» para ela que para os grandes problemas da classe.

O candidato da Secção Regional do Norte, Guimarães dos Santos, abriu as hostilidades nesse aspecto quando afirmou que «o divórcio entre a Ordem e os médicos está a ser cada vez maior». Machado Macedo, que pelas palmas ouvidas durante a discussão promovida pela Federação das Associações de Estudantes das Faculdades de Medicina nas Universidades Portuguesas, se nos afigurou o candidato mais apoiado, falou de «ilegalidades, irregularidades, até corrupção», segundo ele «aproveitada para lançar a mancha sobre a classe». Gentil Martins, mestre no uso da palavra em assembleias médicas — como ontem o comprovou —, entende que o diálogo da Ordem, no seu mandato, foi frutuoso com todos os sectores do Governo à excepção do Ministério da Saúde. E também se referiu a Beleza, a omnipresente.

Ao exprimir-se assim, Gentil Martins replicava abertamente a Guimarães dos Santos que havia introduzido o primeiro instante «quente» do debate — que depois resvalaria fundamentalmente para questiúnculas e aspectos de menor importância, como de resto criticou um dos participantes, Carlos Carvalho — ao frisar que o presidente da Ordem devia ter renunciado às suas funções quando foram suspensos os contactos com Leonor Beleza. O candidato nortenho foi ainda contundente quando afirmou que a acção da Ordem foi «insatisfatória» nas recentes questões que a classe viveu e vive, no tocante ao problema dos jovens médicos.

As grandes questões foram iludidas

Foi entre Gentil Martins e Guimarães dos Santos que o debate viveu os seus momentos mais palpitantes. No entanto, pouco esclarecedores para os médicos que preenchiam boa parte do anfiteatro, porque do seu futuro pouco se falou. Os candidatos — três dos quatro concorrentes a bastonário, porque Hélder Camarez Pereira não se apresentou — evocaram o passado, mais ou menos recente, a ponto de Guimarães dos Santos explicar — em abono da sua candidatura — a razão por que a Secção Regional do Porto retirou o apoio, ao fim de nove anos, a Gentil Martins.

Também não faltaram os elogios a Machado Macedo, o pioneiro dos transplantes entre nós (no Hospital de Santa Cruz), que parece bem colocado (segundo observadores insuspeitos) para suceder a Gentil Martins. No entanto, o ainda bastonário defendeu-se galhardamente, sem abdicar dos seus princípios, opondo-se frontalmente a qualquer entendimento sindical — ao contrário dos seus adversários —, recusando a ideia de um Congresso Nacional de Saúde, como na parte final propôs Carlos Leça da Veiga, especialista de infectocontagiosas do Hospital de Santa Maria, onde decorreu o debate.

A ministra da Saúde pairou durante 80 por cento do debate no Anfiteatro de Farmacologia do HSM como uma sombra, um fantasma, a causa de todos os males de que enferma a classe médica. Entre eles, o do divórcio entre a Ordem e a classe, porque Gentil Martins (que foi gentil dentro do possível, porque sempre contrariou os seus concorrentes em questões de princípio e na interpretação dos estatutos) lhe atribuiu todas as culpas pelo rompimento de diálogo entre a Ordem e o Governo. Aproveitou, até, o facto de Guimarães dos Santos ter estribado parte da sua exposição inicial no «corte» de relações entre as duas partes, para dizer que foi o presidente do Norte que se aprestou a dividir a classe. «Guimarães dos Santos não devia ter falado com a ministra da Saúde», vincou. «Não temos que nos adaptar aos erros do Governo. Temos é que manter a Ordem isenta», acrescentou Gentil Martins, acusando Leonor Beleza de ter esquecido «os trabalhadores sob a sua tutela».

Faltou vivacidade

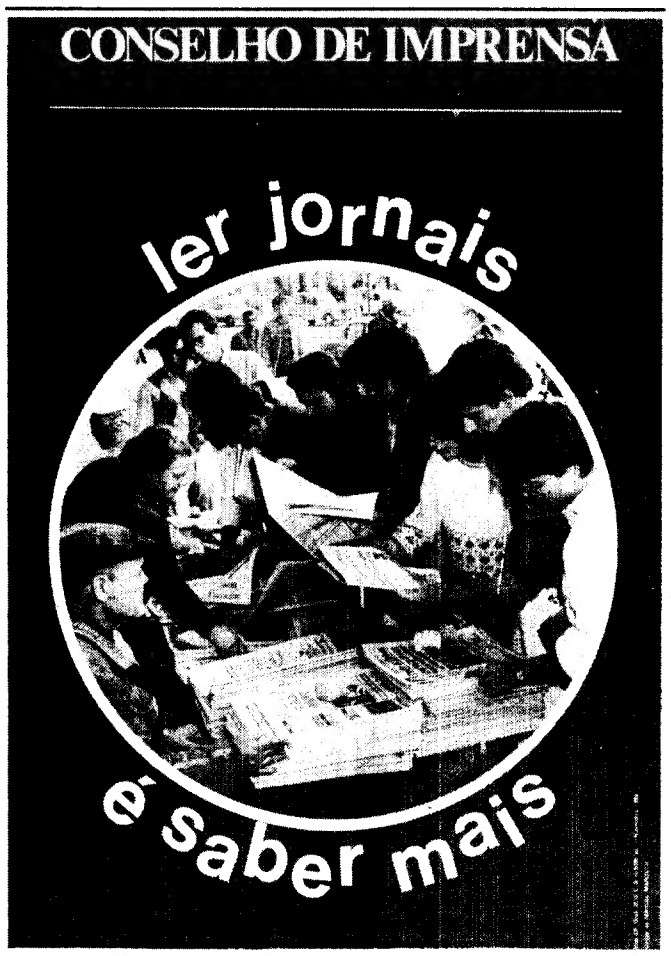
Machado Macedo corroborou várias vezes, para não dizermos todas, os posicionamentos do actual bastonário da Ordem dos Médicos sobre os problemas e desideratos da classe. De resto, parte dos elementos que integram a sua lista apoiaram a candidatura de Gentil Martins noutros tempos.

Daí que este candidato, que por duas vezes — pelo menos — acentuou ter visitado serviços hospitalares da província, tenha referido que aceitou a sua experiência para se candidatar a bastonário. «É um risco — face às acusações que têm sido feitas a Gentil Martins —, mas aceito o desafio», disse Machado Macedo, que decidiu candidatar-se em meados de Outubro ao lugar do seu amigo Gentil Martins. «Foi tão inesperado para mim como para toda a gente», frisou. A sua credibilidade profissional, a aposta na defesa da Ordem e a recuperação da imagem de respeito do médico determinaram a sua candidatura.

Dos grandes problemas da classe falou-se, mas muito a correr. De clínica geral — como se reconheceria na parte final do debate —, nada, ou praticamente nada se disse. Machado Macedo parece ter assegurado o apoio de vários sindicalistas, mas nesse apoio tem um sólido concorrente, pelo menos no Norte: Guimarães dos Santos. «Acho que os sindicalistas têm uma importância enorme», frisou o presidente da Secção Regional do Norte que na circunstância lembrou o facto de terem capacidade para convocar greves, o que está vedado à Ordem.

No dia 11 do corrente, cerca de 25 mil médicos vão às urnas. O debate de ontem não foi transcendente: faltou-lhe vivacidade (como notou um dos jovens médicos presentes, Pedro Fidalgo). Haverá um outro encontro entre os candidatos, no próximo sábado, em Coimbra. É a primeira vez que isto acontece no País.

Gentil Martins, Machado Macedo e Guimarães dos Santos: um debate animado com Beleza omnipresente



A cada um o seu programa

«Congregar e unir os médicos em torno de um ideal que lhes é comum e que nada pode ultrapassar» é uma das apostas do candidato Machado Macedo no seu «programa de acção» considera «verdade insofismável» que a classe média «tem grande força». No entanto — acrescenta — «essa força tem de ser revista e reposta», porque o médico é um dos elementos «mais motivados e preparados para preservar a saúde e/ou tratar a doença».

O candidato a Bastonário, que círculos da classe consideram o mais sério sucessor de Gentil Martins, afirma não ser apropriado que o «Manifesto Eleitoral do Presidente da Ordem dos Médicos» sirva de «programa de acção» e que nele se esquematizem ou enunciem pormenores das actividades que constituem o grande «Projecto da Ordem».

Gentil Martins diz no cabeçalho do seu manifesto, em nome da lista B, que «toda a classe me conhece por aquilo que, de longa data, defendo, proponho e acredito». Defende os médicos «unidos na ética, na liberdade e na responsabilidade», preconiza a necessidade de racionalizar os gastos com a Saúde e não no seu racionamento e «uma alteração real das estruturas do Sistema de Saúde». Candidata-se de novo à presidência da Ordem dos Médicos porque, entre outras razões, «acredita ter apoios válidos», que «a medicina convencionada e um seguro de saúde, a forma mais válida e socialmente mais justa para base do Sistema Nacional de Saúde» e que «o desemprego médico crescerá se se mantiver a estatização dos cuidados de saúde».

No seu programa de candidatura, Guimarães dos Santos aborda as mais prementes questões do sector (sistema hospitalar, carreira de clínica geral, internatos, política interna da Ordem e a defesa socioprofissional), frisando que deixou de ser controverso o reconhecimento de que o nosso SNS, «demasiado centralizado, burocratizado e de gestão directa — afirma — não corresponde minimamente às aspirações e necessidades da população portuguesa» e que a melhoria do nosso sistema hospitalar «terá de ser empreendida da base para o topo através de uma política regionalizada, descentralizada e responsabilizante».

Sobre a carreira de clínica geral, aquele candidato a Bastonário recomenda que a Ordem se empenhe na sua «dignificação e prestígio», promovendo, entre outras medidas, uma correcta formação específica e complementar, a alteração do actual regulamento dos centros de Saúde, uma nova forma de pagamento (letra «D» mais o pagamento por acto médico) e a dinamização do Colégio de Clínica Geral.

Orçamento tem hoje votação final

Baixa nos impostos do fuel imposta por toda a oposição

A Assembleia da República aprovou, já na madrugada de hoje, a proposta do PRD, PS, PCP e MDP para redução do imposto sobre o fuelóleo e concedeu autorização ao Governo para legislar sobre tributação dos cargos públicos, nos termos propostos pelo executivo, depois do PRD ter inviabilizado uma proposta do PS, PCP e MDP sobre a mesma matéria. A discussão na especialidade das receitas do Orçamento prossegue hoje com muitos artigos adiados desde ontem, um «pacote» dos chamados «artigos novos» e ainda a esperada alocução do Primeiro-Ministro antes de partir para Londres.

Durante a sessão da tarde, o plenário adiou a decisão de tributar os lucros da Tabaqueira, bem como todo o regime tributário sobre tabacos, e aprovou por unanimidade, com a concordância do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, alargar aos aperitivos a redução da taxa de IVA para 16 por cento que o Governo tinha proposto para os vermutes.

Por unanimidade foi também aprovada a extinção de oito impostos considerados sem qualquer valor tributário - imposto sobre pescas, do comércio de armamento e munições, de desenvolvimento florestal, de tonelagem e de comércio marítimo, prémios por concessões petrolíferas, taxas sobre carvões importados e alguns impostos adicionais.

O ritmo dos trabalhos seguiu lento, tendo o plenário decidido adiar também questões como o regime contratual de contrapartidas fiscais e seguros e fundos de pensões sobre a qual existem diversas propostas de alteração, a discutir e aprovar hoje.

A sessão da noite trouxe à discussão o Imposto sobre produtos petrolíferos, para cuja tabela a oposição, excluindo o CDS, apresentou uma proposta para redução do imposto sobre o fuelóleo.

A proposta previa para os valores máximo e mínimo do imposto uma redução de 4$50 e 3$00 e de 4$00 e 2$00 respectivamente para o fuelóleo com 1 e 3,5 por cento de teor de enxofre. A proposta foi criticada pelo ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, invocando a redução das margens de manobra do Orçamento em cerca de 6,5 milhões de contos, que a competitividade se pode fazer com outros instumentos, que poderia aumentar o custo relativo da mão de obra e ainda por violar a área de competência do Governo ao fixar implicitamente o preço do fuel, estabelecendo a margem de receita.

A oposição rebateu as opiniões do ministro das Finanças, tendo Silva Lopes do PRD afirmado que o Governo pode fixar o preço, mas é competência da AR fixar taxas de imposto. Da bancada do PCP, Octávio Teixeira afirmou que não se verificava qualquer quebra de receita fiscal, uma vez que as quantidades de consumo previstas para 1987 estão subavaliadas. Aquele deputado do PCP acrescentou ainda a esse argumento o facto de estarem sobreavaliados os custos previstos por barril de petróleo e da cotação do dólar, respectivamente 18 dólares e 160$00.

Foi ainda aventado que a perda de receita «é um sofisma», pois os valores com que o Governo prevê a receita se encontram abaixo do valor mínimo proposto pela oposição.

Outra questão polémica prendeu-se com a tributação dos cargos públicos, tendo sido criticado o facto do Governo não ter orçamentado os devidos montantes referentes à tributação.

O PRD, que se manteve sem intervir, acabou por votar contra a proposta do PS, PCP e MDP feita no sentido da proposta de lei do Governo ser acompanhada de estudos necessários.

Mantêm-se em discussão um conjunto de propostas de aditamento de artigos novos, alguns considerados polémicos, entre quais se encontram a proposta do PRD de proceder criminalmente em relação a ministros que despendam acima do orçamentado e um grupo de propostas do PCP, entre outras, de orçamentação de todos os subsídios e benefícios financeiros concedidos por empresas e outras instituições.

O Primeiro-Ministro esteve na Assembleia e assistiu interessado aos debates na noite de ontem, mas gorou as expectativas ao não abrir a boca. Cavaco Silva preparava-se para falar ao princípio da tarde, à hora do fecho desta edição, seguindo posteriormente para Londres. Não assistirá, portanto, à votação final do Orçamento do Estado para 1987, prevista para a noite de hoje

Em defesa da tracção animal

Foi com estupefacção que o Parlamento ouviu, esta madrugada, um jovem e dinâmico ministro defender o retorno à tracção animal.

Enfim, o senhor não levou o seu pensamento tão longe, mas bem vistas as coisas era isso mesmo que ele queria dizer.

E isto porque Miguel Cadilhe - é dele que se trata - argumentou contra uma proposta de toda a oposição, tendente a baixar o preço do fuelóleo, afirmando que «baixar o fuel faz subir o custo relativo do emprego».

Ou seja, a baixa daquele combustível industrial gera desemprego porque leva as empresas a investirem mais em energia do que em mão de obra.

Sendo assim, e este era um argumento entre quatro, tão sinuosos uns quanto os outros, a lógica ministerial deveria levar, como aliás referiu João Cravinho, do PS, a que se «aumentasse o preço do fuel para combater o desemprego»... A energia ficaria tão cara que os empresarios voltar-se-iam para soluções de mão de obra intensiva, empregando, assim, cada vez mais gente...

Para Octávio Teixeira, do PCP, a teoria de Cadilhe corresponde ao «ovo de Colombo do combate ao desemprego com base no aumento do fuel».

Uma outra ideia «genial» do Ministro das Finanças refere-se à incidência da baixa do combustível nas receitas fiscais.

Foi um drama convencê-lo de que os modelos de equilíbrio geral da economia não deixam dúvidas quanto às repercussões indirectas e alargadas a toda a actividade económica da descida do fuel.

As teses de Cadilhe sobre a relação emprego-custos da energia desencadearam uma viva reacção dos especialistas.

Cadilhe esquecia-se das coisas mais elementares, e, embatucado, mostrava-se incapaz de perceber, mas também de contestar, que a quebra das receitas directas seria compensada pelo acréscimo das indirectas, incluindo o próprio IVA. Silva Lopes deu uma ajuda na explicação, mas não havia nada a fazer: o ministro não entendeu mesmo.

Em socorro próprio, limitou-se a evocar certas posições tomadas pela CEE e pela OCDE noutros contextos, quanto ao preço do fuel, e a insinuar que os modelos de equilíbrio geral já passaram à história, quanto às receitas fiscais.

Enfim, uma lição ministerial para esquecer...

J.A.C.

Política industrial ofensiva defendida pelos economistas

A terceira Conferência Nacional dos Economistas, que reúne cerca de 900 participantes, termina hoje em Lisboa na Aula Magna da Reitoria, com o debate, em sessão geral, do tema «gestão empresarial, inovação, tecnologia e equilíbrio».

Esta sessão de encerramento é presidida pelo ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, em representação do Primeiro-Ministro.

Ontem, o economista Xavier Pintado afirmou que apenas 2,5 por cento da população portuguesa tem cursos superiores, «o que contrasta fortemente com os 27 por cento que são analfabetos e condiciona o processo de desenvolvimento tecnológico do país».

A economista Maria Clara Costa, na comunicação «technology — management — uma proposta para a indústria portuguesa», falou da crise da indústria portuguesa, que encontra raízes em causas internas como a escassez de recursos naturais, e em causas externas, como os sucessivos choques petrolíferos e as condicionantes macro-económicas que «não controlamos».

Defendeu a necessidade de se prosseguir uma política industrial «de características ofensivas», em cuja intervenção é decisivo o factor humano e os pequenos e médios empresários.

Em Portugal, adiantou, as pequenas e médias empresas são responsáveis pelo emprego de 570 000 trabalhadores, ou seja, 66 por cento dos postos de trabalho na indústria, sendo 25 000 relativos a produção artesanal.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$00	58$00
ALEMANHA FED. (marco)	73$80	75$00
ÁUSTRIA (xelim)	10$45	10$65
BÉLGICA (franco)	3$334	3$559
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$45	107$95
(notas de 5 a 1000)	105$95	108$45
DINAMARCA (coroa)	19$55	19$90
ESPANHA (peseta)	1$059	1$179
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$05	149$55
(notas de 5 a 1000)	146$55	150$05
FINLÂNDIA (marka)	29$85	30$45
FRANÇA (franco)	22$55	23$25
HOLANDA (florim)	65$30	66$40
IRLANDA (libra)	202$00	206$00
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$856	$911
NORUEGA (coroa)	19$50	20$00
REINO UNIDO (libra)	209$85	214$35
SUÉCIA (coroa)	21$20	21$70
SUÍÇA (franco)	88$55	90$05
VENEZUELA (bolívar)	5$25	6$25

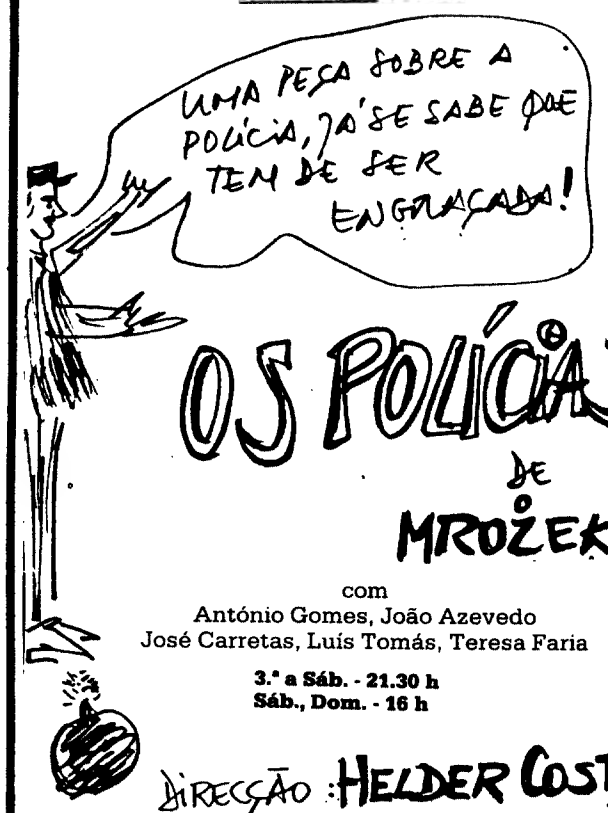
OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300



OS POLÍCIAS DE MROŽEK

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomás, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 15 de Dezembro de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar no apeadeiro de Entrecampos.
A anuidade mínima a oferecer é de 100 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 16 700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Entrecampos
Região Suburbana de Lisboa
Lisboa (Rossio)
Direcção Comercial (Passageiros)
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial (Passageiros) dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar no apeadeiro de Entrecampos.»

Caminhos de Ferro Portugueses

A visita de Gorbachev à Índia

"Declaração de Deli" um documento utópico?

Vladimir Simonov
(Exclusivo Novosti/«DL»)

Os quatro dias da visita à Índia do líder soviético Mikhail Gorbachev, a semana passada, foram o testemunho da existência de uma das mais importantes alianças políticas do pós-guerra no cenário mundial. Trata-se da ligação existente entre a maior potência socialista do Mundo, a URSS e a maior potência não-alinhada do planeta, a Índia.

A visita deu lugar, como seria de esperar, à assinatura de importantes documentos bilaterais, tanto no campo económico, sector em que as trocas comerciais vão ser estimuladas, como em particular nos campos tecnológicos. Esta última cooperação parece ser promissora, atendendo a que não se pode ter hoje da Índia — porque ela já não corresponde à realidade — uma visão de atraso. É certo que o desenvolvimento indiano é bastante desigual mas Nova Deli está hoje, praticamente, em vias de se tornar uma potência especial.

O principal documento político saído das reuniões preparatórias da visita e das dez horas de conversações havidas entre Gorbachev e Gandhi foi a «declaração de Deli» sobre «os princípios do mundo livre das armas nucleares e sem violência», síntese dos princípios políticos que duas potências, uma socialista e outra não-alinhada, gostariam que regressem o mundo.

Os dez princípios da declaração são silmutaneamente uma visão filosófica do mundo futuro e um catálogo de medidas práticas destinadas a tornar a coexistência pacífica uma norma das relações internacionais, em que a vida humana será reconhecida como o mais elevado valor.

Utópico este documento? Tanto como os entendimentos conseguidos e frustrados em Reiquejavique. Para o levar por diante é necessário «vontade política». Não é aliás por acaso que a declaração convida à conclusão dos trabalhos iniciados na capital islandesa entre a URSS e os EUA.

Para lograr o objectivo delineado pelos líderes da URSS e da Índia, ou seja, construir um mundo livre da violência e armas nucleares, é necessário pôr termo à corrida armamentista e reforçar a segurança internacional. Dirigindo-se à comunidade das nações. Gorbachev e Gandhi manifestaram a convicção de ser possível garantir a segurança substituindo-a ao «equilíbrio do medo».

O seu «optimismo» assenta na real possibilidade de tomar determinadas medidas globais. A União Soviética e a Índia propõem que sejam eliminados os arsenais nucleares e químicos, impedida a militarização do espaço e proibidos os ensaios das armas nucleares e a criação de novos tipos de armas de extermínio em massa. Os dois países pronunciam-se, igualmente, pela redução dos armamentos convencionais e forças armadas.

Enquanto as armas nucleares não forem destruídas, os dirigentes dos dois países exortam todos os Estados a concluírem de imediato uma convenção internacional para proibir o uso ou a ameaça do uso dessas armas. A URSS e a Índia consideram que esta convenção seria um passo concreto em direcção ao total desarmamento nuclear.

As duas grandes potências anunciaram perante todo o mundo tencionarem trabalhar para alcançar os referidos objectivos. Provam-no as propostas soviéticas formuladas em Nova Deli tendentes a reforçar a estabilidade político-militar no Índido e a disposição da URSS em participar na elaboração das garantias da segurança para as comunicações marítimas e aéreas nessa região.

Simultaneamente, os dois Estados declararam-se favoráveis à normalização da situação dos pontos quentes do planeta e apelaram a todos os Estados para contribuírem, de forma construtiva, para a normalização da situação mundial.

A materialização do documento abrirá o caminho para uma sociedade fundada na confiança e harmonia das relações interestatais. Nisso reside a importância histórica da declaração da Nova Deli assinada em nome de mais de um milhar de milhões de didadãos dos dois países.

Tensão "política e militar" preocupa Pacto de Varsóvia

Sete ministros da Defesa do Pacto de Varsóvia terminaram uma reunião de três dias manifestando preocupação sobre o crescimento da tensão «política e militar» no mundo e culparam a Administração norte-americana dessa situação.

Uma declaração conjunta destes políticos sugere que as despesas militares dos países integrados naquele pacto serão aumentadas e que a preparação dos exércitos do Bloco de Leste será intensificada.

Os ministros presentes na reunião manifestaram uma «profunda preocupação com o agravamento da situação político-militar no Continente Europeu e no Mundo, situação essa resultante das actividades levadas a cabo pela NATO e pelos Estados Unidos, que se opõem à limitação da corrida às armas e a uma proibição de testes nucleares, continuando a expansão do seu potencial militar».

Os participantes na reunião afirmaram igualmente ter delineado iniciativas no campo da defesa «para evitar a violação do presente equilíbrio militar entre o Pacto de Varsóvia e a NATO».

Eurogrupos da NATO

Por seu turno, os ministros da Defesa de países da NATO decidiram em comunicado divulgado após uma reunião do Eurogrupo, os ministros reiteraram o seu apoio às tentativas norte-americanas de negociar separadamente com a URSS reduções de mísseis de médio e curto alcance.

O documento exprime ainda a determinação do Eurogrupo em manter forte a capacidade defensiva da Europa «apoiando esforços especiais para o fortalecimento das respectivas forças convencionais».

Para conseguir este objectivo, os ministros propõem uma melhoria da utilização de recursos comuns e um reforço da cooperação.

No âmbito de programas específicos, os países europeus que integram a estrutura militar da NATO, prevêem o aperfeiçoamento no próximo ano de tanques Leopard 2 e Challenger, bem como o recrutamento de 150 novos soldados especializados em blindados.

Novos sistemas de mísseis e de helicópteros de transporte e combate estão igualmente incluídos nos projectos da Aliança Atlântica para o reforço da defesa europeia.

Na sequência do esc

Só 48 por com a per

As declarações contrad gan a propósito do cha nuam a ter efeitos nega presidente junto da op dos Unidos, que se inte de das sua afirmações dos norte-americanos permanência de Reag tanto, o antigo preside Sadr, afirmou que a ve nas ao seu país passou co entre Washington

A venda secreta de armas norte-americanos ao Irão tornou-se numa autêntica bola de neve. As investigações sobre a operação iniciada há 18 meses têm posto a descoberto um plano de financiamento internacional a movimentos apelidados por Reagan de «combatentes pela liberdade» e tanto os congressitas, como a imprensa, se recusam a acreditar que apenas dois homens tivessem conhecimento das ramificações da diplomacia secreta com o Irão.

A posição do presidente é particularmente delicada e uma sondagem telefónica ontem realizada dava conta que apenas 48 por cento dos norte-americanos se mostravam favoráveis à sua permanência na Presidência, o que significa uma grande descida comparativamete aos 67 por cento que assim pensavam em Setembro.

Um membro do Comité dos Serviços Secretos do Senado dos Estados Unidos aconselhou ontem Ronald Reagan a admitir ter autorizado a transferência de fundos provenientes da venda de armas ao Irão para os rebeldes anti-sandinistas. «É chegada a altura de o presidente dizer a verdade ao povo nor-

Irão reforça contingente militar

O Irão enviou 100 mil voluntários para a frente de batalha, depois do presidente do Parlamento, Hashemi Rafsanjani, ter afirmado que as vítimas de guerra do Irão levaram as superpotências a mendigar relações com Teerão.

Gritando «morte à América», os voluntários do «Corpo Mohammed», reuniram-se no Estádio de Azadi, em Teerão, ao mesmo tempo que pombas brancas sobrevoavam o recinto e helicópteros lançavam flores.

«Hoje, Teerão é um feixe de luz», dizia a Rádio estatal iraniana, acrescentando: «'O Corpo Mohammed' está a chegar. O Ocidente e o Oriente devem ficar a saber que o grito de morte à América e morte a Israel nunca desparecerá no Irão muçulmano».

escândalo iraniano

or cento dos americanos concordam ermanência de Reagan na presidência

ntraditórias de Ronald Rea- chamado «Irangate» conti- negativos na imagem do a opinião pública dos Esta- interroga sobre a veracida- ções e hoje só 48 por cento nos mostram favoráveis à eagan na Presidência. Entre- esidente do Irão, Bani- a venda de armas america- ssou por um acordo políti- ton e Teerão.

Os republicanos exigem a demissão do chefe de gabinete da Casa Branca, Donald Regan, que aparentemente caiu também em desgraça junto da primeira dama, Nancy Reagan. Nancy desmentiu, contudo, que tivesse algo a ver com a «limpeza» da Casa Branca.

te-americano», afirmou, acrescentando que não acreditava que o ex-conselheiro nacional de Segurança, John Poindexter, e o seu assessor, Oliver North, fossem os únicos a ter conhecimento da operação secreta.

Por outro lado, os próprios republicanos exigem de Ronald Reagan medidas mais severas. O líder da minoria republicana na Câmara dos Representantes, Robert Michel, ameaçou ontem demitir-se caso o chefe de gabinete do presidente, Donald Regan, continue em funções. Michel uniu-se ao senador Richard Lugar que solicitou uma «barrela » na Casa Branca a começar pelo chefe de gabinete.

Esta posição surge na sequência de dúvidas sobre se Regan tinha ou não conhecimento das operações ilegais do Conselho Nacional de Segurança.

Poindexter recusa testemunhar

O comportamento de elementos da administração ligados ao escândalo têm contribuido para alimentar as críticas do Senado, que reagiu furiosamente à recusa do ex-conselheiro Nacional de Segurança, John Poindexter.

Poindexter, que se demitiu na semana passada, foi chamado terça-feira a responder a perguntas da Comissão do Senado que investiga a operação com o Irão. Na altura, o vice-almirante declarou ao presidente da Comissão que não estava preparado para testemunhar, mas foi de novo convocado.

A relutância de Poindexter em submeter-se a interrogatório da comissão, composta por democratas e republicanos, surgiu um dia depois do presidente Reagan ter prometido ao Senado plena cooperação no acesso às provas do escândalo iraniano.

Os lideres republicanos estiveram ontem reunidos com o Presidente, pelo segundo dia consecutivo, para discutirem questões relacionadas com a transferência de fundos para os ««contras» da Nicarágua e a existência de um fundo secreto num banco suiço para ajudar os rebeldes do Afeganistão e Angola, para além dos «contras».

O «Washington Post» revelava na sua edição de ontem que a conta bancária na Suiça para onde fora transferido o dinheiro desviado da venda de armas ao Irão era manipulada pela CIA e que tinha fundos provenientes dos Estados Unidos, Arábia Saudita e outros países, destinados ao financiamento dos «combatemtes pela liberdade».

A CIA negou, entretanto, qualquer envolvimento nas transferências clandestinas de dinheiro para os «contras» e outros movimentos rebeldes, mas um senador republicano, membro da Comissão para os Assuntos de Espionagem, disse que o Congresso dos Estados Undios «poderá vir a pedir a exoneração de William Casey», actual director da CIA.

Acordo político

O ex-presidente iraniano, Bani-Sadr, actualmente exilado em Paris, afirmou à Associated Press (AP) que a iniciativa para uma reaproximação entre o Irão e os Estados Unidos partiu das autoridades de Teerão.

Os iranianos fizeram vários contactos, desde Julho de 1984, em três «centros europeus» criados para fomentar melhores relações com os EUA e «isso foi feito certamente com o acordo do Ayatollah Khomeini», declarou Bani-Sadr.

O ex-presidente reafirmou que Robert Mcfarlane, antigo conselheiro de Segurança Nacional, efectou duas viagens a Teerão, sendo acompanhado na última por um carregamento de 23 toneladas de peças sobressalentes. Bani-Sadr acrescentou que esta viagem simbolizou uma nova fase nas relações entre os Estados Unidos e o Irão: «significou um acordo político para a guerra Irão-Iraque».

O ex-presidente referiu que os EUA e o Irão estabeleceram um acordo, no princípio de 1985, segundo o qual o actual presidente iraniano Saddam Hussein seria afastado do poder.

Bani-Sadr indicou ainda que o Irão tem recebido armas e peças sobressalentes norte-americanas desde 1981 através de Israel e de uma rede internacional.

Brasil não pretende moratória na sua dívida externa

O Governo brasileiro informou o Senado que não encara a possibilidade de declarar uma moratória na sua dívida externa e exprimiu confiança de que as negociações com o FMi (Fundo Monetário Internacional) e o «Clube de Paris» concluam de maneira satisfatória.

A informação foi dada pelo próprio ministro brasileiro das Finanças, Dilson Funaro ao discursar no Senado sobre os motivos que levaram o Governo a decretar reajustamentos de preços e tarifas de serviços públicos, no passado dia 21 de Novembro.

Na sua longa intervenção (cerca de duas horas), Funaro disse que o Governo quer prosseguir no caminho do diálogo e sublinhou que «qualquer outra decisão afastarnos-á dos países industrializados».

O ministro explicou que o desacordo do Brasil com os organismos internacionais resulta do facto de «exigirmos novos empréstimos em contrapartida pelo pagamento das dívidas», recordando que é norma do «Clube de Paris», que reúne os principais países industrializados do Ocidente, não libertar recursos até passados dois anos depois da primeira amortização da dívida.

Entretanto, a tentativa do Governo brasileiro para evitar a greve geral convocada pelas centrais sindicais, do Brasil para o dia 12 fracassou devido à manutenção da exigência da revogação das medida de austeridades decretadas em 21 de Novembreo.

Dilson Funaro e o seu colega de trabalho, Almir Pazzianoto, reuniram-se ontem durante quatro horas com os dirigentes da «Confederação Geral do Trabalho» (CGT), para analisar a situação social gerada pelos reajustamentos dos preços e pela ameaça de greve.

A CGT e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) convocaram uma greve geral de 24 horas para 12 de Dezembro, a que numerosos sindicatos e alguns partidos políticos já manifestaram a sua adesão.

Os trabalhadores apresentaram ao Governo a necessidade de revogar o novo índice de preços ao consumidor, que entrou em vigor em 21 de Novembro, e que, na opinião da CGT, frustraria um aumento iminente dos salários.

Esse aumento, segundo prevê o programa de reforma económica do Governo, conhecido como «Plano Cruzado», deverá funcionar quando a inflação ultrapassar os 20 por cento por ano.

Por seu lado, o ministro brasleiro das Finanças disse que o Governo não vai alterar o índice de preços ao consumidor, porque ele é uma garantia para as pessoas com menores recursos.

Na reunião de hoje, a «CGT» apresentou também a necessidade do Governo declarar uma moratória ao pagamento da dívida externa, que neste momento ascende a cerca de 110.000 milhões de dólares, situação que Dilson Funaro rejeitou na sua intervenção de quarta-feira no Senado brasileiro.

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 2 a 16 de Dezembro de 1986), para atribuição por venda de um fogo Tipo T2, sito no Edifício 13-A – 11.º piso – Letra F – Cidade Nova – Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 2 522 901$00 (dois milhões, quinhentos e vinte e dois mil, novecentos e um escudo). E um fogo Tipo T2, sito no Edifício 14 – 5.º piso – Letra N – Cidade Nova – Santo António dos Cavaleiros pelo preço de 2 084 188$00 (dois milhões e oitenta e quatro mil, cento e oitenta e oito escudos).

1 — O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr.º Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.

2 — Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional.

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendmento máximo mensal (per capita)
1	33.750$00	90.000$00
2	22.500$00	56.250$00
3	18.000$00	39 375$00
4	16.200$00	33.750$00

3 — O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 24 de Novembro de 1986

O Vereador do Pelouro,
DUARTE NUNO ALVES CLÍMACO PINTO

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 2 a 16 de Dezembro de 1986), para atribuição por venda de um fogo Tipo T3, sito no Edifício 3-A – 1.º piso – Letra E – Cidade Nova – Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 3 206 218$00 (três milhões duzentos e seis mil, duzentos e dezoito escudos). E um fogo Tipo T3, sito no Edifício 3-C – 3.º piso – Letra N – Cidade Nova – Santo António dos Cavaleiros pelo preço de 3 164 000$00 (três milhões, cento e sessenta e quatro mil escudos).

1 — O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao sr. presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.

2 — Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal nacional.

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal ("per capita")	Rendimento máximo mensal ("per capita")
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00

3 — O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 24 de Novembro de 1986
O VEREADOR DO PELOURO
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

77 11 58 — 1000 LISBOA

XUTOS E PONTAPES XUTOS E PONTAPES XUTOS E PONTAPES
XUTOS & PONTAPES
6 DEZ. 86/22H NEW BUILDING'S
GRANDE CONCERTO
AO VIVO
DISCOTECA PATHE (P. CHILE)
PATROCÍNIO SAGRES
XUTOS E PONTAPES XUTOS E PONTAPES

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 9 de Dezembro de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar na estação de Silves.
A anuidade mínima a oferecer é de 55 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 9170$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Silves
Portimão
Lagos
Tunes
Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO

Direcção Comercial (Passageiros)
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial (Passageiros) dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar na estação de Silves.»

Caminhos de Ferro Portugueses

Futebol por aí fora

Espanha "abanou" na Albânia e a Grécia "tremeu" em Nicósia

Com o triunfo da Espanha (2-1) sobre a Albânia e da Grécia (4-2) frente ao Chipre, eleva-se a 34 o número de encontros já efectuados a contar para a fase de apuramento para o «Europeu-88», cuja fase final decorrerá na RFA.

Em Tirana, os nossos vizinhos ibéricos tiveram grande dificuldade em superar os modestos albaneses, tendo estabelecido a marca final, quando restavam apenas 7 minutos para o termo da partida.

Vejamos a «ficha do jogo» e a classificação actual do grupo 1:

Albânia: Perlat Musta: Hysen Zmijani, Rapo Taho, Skender Hokja e Bedri Omuri; Alfred Ferko (Kola 68), Mirel Josa, Yera e Sulejman Demollari; Shkenki Muca e Arben Minga.

Espanha: Zubizarreta: Miguel «Chendo» Polan, Arteche, Sanchis e Camacho; Joaquim Alonso, Rincon e Miguel «Michel» Gonzalez: Butragueño, Juan Señor (Elen Olaya 45) e Victor Muñoz.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Espanha	2	2	-	-	3-1	4
Roménia	2	1	-	1	4-1	2
Áustria	2	1	-	1	3-4	2
Albânia	1	-	-	1	1-2	0

●

Em Nicósia não foi fácil o triunfo dos gregos, já que apenas ao minuto 72 conseguiram chegar ao 2-2 para, no minuto seguinte, e aproveitando certo desnorte na defensiva dos cipriotas, fazer o 3-2 e dar o «golpe fatal» a quatro minutos do silvo derradeiro.

Vejam-se os intérpretes e a pauta classificativa do grupo 5:

Chipre: Andreas Charitou: Antónis Andrelis (Stavros Papadopoulos 67) Costas Miamiliotis e Dimitris Misou; Nicos Pantziaras, Joghn Yiangoudakis, John Ioannou e Panayiotis Marangos; George Savvides, Floros Nicolava (Andreas Kantelos 77) e Evagoras Christofi.

Grécia: Antonis Minoa; Stratos Apostolakis, Nicos Vamavakoulos, Stelios Manolas e Petros Mihos; Costas Antóniou, Dimitris Saravakos (Costas Batsinitas 46) e Savvas Kofidis; Nicos Anastopoulis, Laki Papaioannou e Tassos Metropoulos.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Grécia	3	2	-	1	7-5	4
Polónia	2	1	1	-	2-1	3
Holanda	2	1	1	-	1-0	3
Chipre	1	-	-	1	2-4	-
Hungria	2	-	-	2	1-3	

«Esperanças»

A Holanda derrotou o Luxemburgo por 2-0 em jogo do grupo 8 de qualificação para o Europeu de Futebol na categoria de esperanças.

Classificação do grupo:

	J	V	E	D	G	P
RFA	1	1	0	0	2-0	2
Holanda	2	1	0	1	2-1	2
Bulgária	2	1	0	1	1-2	2
Luxemburgo	1	0	0	1	0-2	0

«Olimpicos»

A Turquia venceu a Suíça por 3-2, em partida do grupo D europeu de qualificação para os Jogos Olímpicos de Seul, disputada em Bursa.

Classificação actual do grupo:

	J	V	E	D	G	P
Turquia	1	1	-	-	3-2	2
Suíça	2	1	-	1	3-3	2
URSS	1	-	1	-	0-0	1
Noruega	2	-	1	1	0-1	1
Bulgária	0	-	-	-	-	-

Golos na Europa

O campeonato português, com 22 golos em oito jogos, ocupa neste fim-de-semana o 8.º lugar da classificação do golo na Europa.

A classificação, relativa a 17 campeonatos, ficou assim esta belecida:

País	N.º jogos	Golos	Média
1.º Holanda	6	25	4,167
2.º Suíça	8	29	3,625
3.º Alemanha Federal	9	31	3,444
4.º Inglaterra	11	36	3,272
5.º Escócia	6	18	3,000
6.º Jugoslávia	9	26	2,888
7.º Austria	6	17	2,833
8.º Portugal	8	22	2,750
9.º Bélgica	7	19	2,714
10.º Turquia	9	23	2,556
11.º Luxemburgo	4	9	2,250
12.º França	10	22	2,200
13.º Irlanda	6	13	2,166
14.º Hungria	8	16	2,000
15.º Irlanda do Norte	7	13	1,857
16.º Roménia	8	13	1,625
17.º Itália	8	10	1,250

Nápoles não abdica do "rei"

O clube italiano Nápoles depositou na sede da Liga dos jogadores Profissionais de Futebol, em Milão, uma opção de prorrogamento por mais um ano do seu contrato com o argentino Diego Maradona.

O actual contrato entre Maradona e o Nápoles caduca em 30 de Junho de 1988, mas inclui uma cláusula que privilegia a parte contratante, caso esta manifeste interesse na manutenção do vínculo. O futebolista foi também informado oficialmente da iniciativa de prorrogação.

Em declarações aos jornalista sobre a decisão dos dirigentes do Nápoles, Maradona afirmou que a mesma o satisfaz, muito embora sobre ela tencione falar com o presidente do clube.

Segundo o futebolista **mais do que uma opção trata-se de uma cláusula contratual, sobre a qual todos estivemos de acordo quando fui transferido para o Nápoles.** Todavia fontes próximas de Maradona revelaram que existem divergências de pontos de vista sobre a matéria. O Nápoles considerou sempre que a opção lhe é favorável e vincula automaticamente o futebolista ao clube, enquanto este defende que tal vinculação exige o seu prévio consentimento.

De qualquer modo nos comentários que teceu, perante a Imprensa, sobre a opção agora realizada pelo clube, Maradona deu a entender que será sempre possível as duas partes chegarem a um acordo, encontrando-se o jogador francamente receptivo à possibilidade de alinhar mais uma época pelo Nápoles.

Hateley quer continuar em Itália

O inglês Mark Hateley, actualmente a militar na equipa italiana do Inter Milão, afirmou hoje que tenciona continuar a jogar em Itália, apesar das ofertas dos clubes ingleses.

O Liverpool, Arsenal e Portsmouth, são as equipas inglesas que têm manifestado interesse nos serviços de Hateley que estará ligado contratualmente ao Milão até Junho de 1987. **Espero poder renovar o meu contrato ao ir para outra equipa italiana,** afirmou o médio inglês de 25 anos.

Hateley adiantou que gosta de jogar em Itália, apesar de sentir por vezes saudades do seu país.

Eintracht: e vão três...

Dietrich Weise, director técnico do Eintracht Frankfurt, foi mais um treinador a ficar no desemprego antes do termo da época.

Weise, que dirigia o Eintracht Frankfurt há três anos, foi despedido por **não existir base alguma para um trabalho conjunto** referiu o presidente do clube. Na presente época a equipa germânica já teve três treinadores de futebol.

Problemas entre Weise e a Comissão Directiva do clube estiveram na base do seu despedimento, já que Weise havia comunicado ao clube que prescindia dos serviços do jogador Wolgang Kraus, o que não agradou aos dirigentes do Eintracht.

Kraus foi indicado como técnico provisória da equipa, admitindo-se que Kalli Feldkamp, actualmente ao serviço do Bayer Uerdingem, venha a ocupar o lugar de Weise.

Na sua agenda

Ginástica: Festival de encerramento no Laranjeiro

Com a participação de 23 atletas em representação do Clube Naval Setubalense, Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro, Sporting, Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio Clube, CCD da Câmara Municipal de Loures e a individual Patrícia Alves, realiza-se pelas 15 horas do próximo dia 13 no Laranjeiro, o torneio regional de encerramento, organizado pela Federação Portuguesa de Ginástica.

Ténis de mesa: Torneio Internacional das Caldas

Organizado pelo Sporting Clube das Caldas e patrocínio da autarquia e Junta de Freguesia local, decorrerá nos próximos dias 13 e 14 do corrente, no pavilhão municipal da cidade das Caldas da Rainha, a 18.ª edição do Torneio Internacional de Ténis de Mesa que regista já a inscrição de 446 atletas representando vários clubes portugueses e espanhóis.

Jordão balança:

"Para onde vou não sei ,mas sei que vou"

«Garanto que antes de me considerar apto para jogar ao meu nível não me comprometerei com ninguém. Vou agora dedicar-me por inteiro à recuperação, integrado, porventura, nos trabalhos de uma equipa, por exemplo a do Estoril, e só depois negociarei com os clubes que surjam interessados.»

Assim se exprimiu Rui Jordão, em entrevista que concedeu ao nosso colega «DN». Naturalmente que outra atitude não se esperaria do excelente futebolista dada a consciência que tem do prestígio que, ao longo de vários anos, foi cimentando nos diferentes palcos onde actuou, quer ao serviço do Benfica, do Sporting ou da selecção nacional portuguesa. Nas palavras seguintes, Jordão reforçou o seu propósito:

«Tenho perfeita consciência do que represento no futebol português e confio que essa imagem, que tanto custou a construir, não será, em circunstância alguma, beliscada. Sei que a memória e as emoções das pessoas estão muitas vezes sujeitas aos manipuladores de opinião, segundo os seus interesses de cada momento. Mas tenho humildade bastante para saber retirar-me, deixando na memória a imagem do Jordão que o adepto do futebol conhece, a dignidade para não fazer cedências de nenhuma espécie e o suporte material para não estar dependente do futebol.»

Esta manhã, Rui Jordão recomeçou a sua preparação na «velha Amoreira» junto dos «canarinhos» liderados por António Fidalgo, com a intenção de testar as suas actuais condições físico-atléticas, e obviamente, por lá terão estado «espiões» dos diversos clubes com a imcumbência de aquilatarem das potencialidades do grande futebolista.

Depois de Manuel José o haver remetido para a «prateleira» (em decisão que a todos surpreendeu) vários têm sido os interessados na sua contratação, que foi tardando até ao acordo do jogador com o Sporting no sentido da desvinculação. Com Jordão disponível, eis que se volta a falar do interesse do Farense, Rio Ave, Belenenses, Vitória de Setúbal, Estrela da Amadora e outros mais. Há também quem cite o FC Porto, e, quanto ao Benfica, garantiram ao «DL» de que Fernando Martins chegou a admitir a possibilidade de fazer regressar Jordão à Luz. O presidente da Académica (Jorge Anjinho) é peremptório ao afirmar de que «gostaria imenso de ver Jordão como jogador da Académica» e adianta o desejo que as negociações se venham a concretizar nesse sentido.

Jordão, depois de longos meses de inquietação, intranquilidade e incerteza a provocar o consequente desgaste psicológico, não sabe para onde vai, mas sabe que vai e completa o seu raciocínio junto do nosso companheiro de «A Bola», Alfredo Farinha: «poderei jogar no Benfica ou no clube do meu bairro».

Para nós, pouco importa para onde irá, mas queremos que vá.

Radisic regressou a Alvalade e o trabalho esperava por ele

Direcção da FPF condena divulgação do relatório de Saltillo

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol condenou a divulgação parcial do relatório de Saltillo e ameaçou de procedência criminal contra aqueles que lhe têm atribuído a autoria dessa quebra de sigilo.

A direcção da FPF revela que esse relatório é o documento parcial divulgado às associações, com quem acordou não dar publicidade «a fim de não prejudicar o curso do inquérito a que se ia proceder».

Em comunicado divulgado a FPF refere que apesar de ter sofrido «diversas pressões para divulgar os documentos na sua posse, sempre lhes resistiu».

Este esclarecimento foi prestado pessoalmente a Jaime Dória Cortesão (inquiridor oficial) durante a reunião da direcção a que o jurista compareceu.

Violência

A Guarda Nacional Republicana registou um total de 12 incidentes em recintos desportivos no decorrer do seu prolongamento durante o último fim-de-semana — informou a sua Repartição de Relações Públicas.

Todos os incidentes ocorreram em jogos de futebol, sendo de salientar quatro agressões a árbitros e fiscais-de-linha, quatro casos de lançamentos de objectos, duas invasões de campo e dois casos de injúrias e ameaças a árbitros.

O Porto foi o distrito onde ocorreu maior número de incidentes (4), seguindo-se Viseu e Santarém, ambos com dois e Braga, Vila Real, Aveiro e Setúbal, todos com um.

Jogadores agressores remetidos para a bancada

Os futebolistas Vitorino Jorge e Rogério Jesus, do Estrelas do Faralhão, da primeira divisão distrital setubalense, foram suspensos por sei e quatro anos, respectivamente, anunciou a Associação de Futebol de Setúbal.

As penas aplicadas pelo Conselho de Disciplina da AFS ficaram a dever-se a agressão e ofensas protagonizadas pelos dois jogadores ao árbitro do encontro Pinhalnovense-Estrelas do Faralhão, correspondente à 7.ª jornada, disputado em Pinhal Novo.

O Estrelas do Faralhão, clube onde jogou o antigo «internacional» Vítor Batista (1984/85), encontra-se em 15.º lugar na tabela classificativa.

Recorde-se que na época de 1984/85, o Estrelas do Faralhão, foi distinguido com a «Taça Disciplina» da Associação de Futebol de Setúbal.

Famalicão: «chicotada»

A direcção do FC Famalicão e o treinador responsável da sua equipa sénior de futebol José Rachão chegaram a acordo com a rescisão do contrato que os ligava há duas épocas.

A ruptura ficou a dever-se ao facto de o técnico entender não dispor de condições psicológicas para continuar o seu trabalho, mormente devido à pressão a que tem sido submetido por uma parte da massa associativa do clube.

José Rachão despediu-se ontem à tarde dos jogadores durante a última sessão de treinos que orientou.

Brasileiro treina em Braga

O avançado-centro do futebol brasileiro Osvaldo Filho, de 22 anos, está a treinar à experiência no Sporting de Braga, devendo o técnico Humberto Coelho pronunciar-se sobre a sua eventual aquisição.

Osvaldo Filho, que se encontra há alguns dias na capital minhota, pertence ao plantel do Mote Clube do Maranhão.

Arbitragem e a crítica

Dando continuidade a uma série de colóquios sobre os diferentes temas da arbitragem do futebol terá lugar amanhã (21 horas), nas instalações da Associação de Futebol de Lisboa (Rua dos Fanqueiros, 150-2º), uma sessão durante a qual será debatido «a Comunicação Social e a Arbitragem» com a presença dos jornalistas Vieira de Carvalho («O Árbitro»), Cruz dos Santos («A Bola»), do nosso camarada de redacção Neves de Sousa e do árbitro internacional Vítor Correia.

APA em assembleia

Para eleição dos membros para os seus diversos órgãos sociais, realiza-se no dia 19 do corrente (das 18 às 23 horas), a assembleia geral da Associação Portuguesa de Árbitros, que decorrerá na sua sede situada na Avenida Almirante Reis, 40 A-Lisboa.

FIFA transmite recomendações

Através da FPF recebemos uma comunicação da FIFA que importa dar conhecimento para que os clubes portugueses não ignorem as recomendações do organismo supremo do futebol internacional, quanto a transferências internacionais de jogadores e questões financeiras sobre encontros inter clubes.

Transferências internacionais de jogadores a FIFA constacta, novamente, que as verbas de transferência não são integralmente ou parcialmente pagas. Este problema pode ser, entretanto, evitado, se o clube que pede um tal montante exigir uma **garantia bancária** ao outro clube. **A FIFA** de acordo com os seus estatutos, não pode obrigar os clubes a liquidarem a verba ainda em dívida.

Jogos internacionais de clubes: se se verificarem irregularidades relacionadas com questões financeiras em caso de jogos internacionais de clubes, a FIFA só pode intervir desde que se verifiquem as seguintes condições:

a) O intermediário que acertou os jogos deve ser reconhecido pela FIFA ou pelas Confederações Continentais;

b) O contrato deve mencionar que os créditos financeiros são cobertos por uma garantia bancária.

Brasil: violência e morte

Um morto, dezenas de feridos e vários automóveis incendiados constituem o trágico balanço da violência ocorrida em Marília, no Estado brasileiro de S. Paulo, no final do jogo de futebol da segunda divisão, entre o Marilia e o Tabani.

Tudo decorreu normalmente até o árbitro dar o jogo por terminado, dois minutos antes do tempo regulamentar. Nesse momento milhares de adeptos despeitados com o resultado invadiram o campo e teve início uma batalha generalizada, a que a Polícia procurou pôr termo sem grande êxito.

Segundo a Agência Brasileira de Notícias a família da vítima (Aparecido Sizilio) apresentou queixa contra a Polícia, cujos agentes presentes no recinto acusou da autoria das feridas que provocaram a sua morte.

Uruguai: greve dos árbitros

A Associação Uruguaia de Árbitros de Futebol (AUDAF) iniciou uma greve por tempo indeterminado, exigindo melhores condições de segurança para os seus filiados nos campos do país. A decisão, adoptada pela assembleia geral da AUDAF, «**não pretende colocar pedras nos caminhos do futebol uruguaio, mas não é possível que com o sangue dos árbitros tal caminho se torne mais fácil**», afirmou o secretário-geral da Associação (Otello Roberto).

Antuérpia: "chicotada"

O Antuérpia rescindiu o contrato com o técnico Leon Nollet, depois da derrota da sua equipa frente o modesto Berchem por 2-1, em jogo do campeonato belga de futebol da primeira divisão.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
7.º JUÍZO

ANÚNCIO

Correm seus termos pela 3.ª Secção do Tribunal do 7.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, sob o n.º 4220, os autos de convocação de credores requerida por Quimitento — Fábrica de Tintas e Revestimentos, Limitada, com sede na Avenida Dr. Mário Moutinho, Lote 1733, 8.º Frente, ao Restelo, Lisboa.

São convidados a comparecer neste Tribunal, sito no Palácio da Justiça, Rua Marquês da Fronteira, Lisboa, no dia 21 de Janeiro de 1987, às 11 horas, todos os credores da requerente, com o fim de conseguir-se concordata com aquela, depois de serem apreciadas a situação dos negócios e as causas do estado de falência e de se discutirem e apreciarem os seus débitos. Os credores que não figurem na relação apresentada pela requerente podem reclamar no processo os seus créditos até dez dias antes do designado para a reunião e qualquer credor pode, nos cinco dias seguintes impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da requerente

Lisboa, 19 de Novembro de 1986

A Juiz de Direito,
Maria da Graça Pereira Marques Mira

O Escrivão de Direito,
Emílio Mendes Esteves Ferreira

«DL» 4/12/1986

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ SABER que na Execução de Setença n.º 6263/A da 2.ª Secção do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa em que são: — EXEQUENTE — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES LINDALGARVE, com sede em Armação de Pêra e EXECUTADA: — UNITUR — UNIÃO DE OPERADORES TURÍSTICOS, LDA.ª, que teve última sede conhecida na Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 31-3.º-B-C — Edifício Aviz, nesta cidade de Lisboa e actualmente ausente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando a executada, para no prazo de DEZ DIAS, depois de decorrido o dos éditos, deduzir oposição à execução, pagar à exequente a quantia de 664 738$00, ou nomear bens à penhora, sob pena de o não fazendo ser devolvido à exequente o direito de tal nomeação

LISBOA, catorze de Outubro de mil novecentos e oitenta e seis

O JUIZ DE DIREITO
Domingos Manuel Gonçalves Rodrigues

O ESCRIVÃO ADJUNTO
José Julio Rainho Palmeiro

«DL» 4/12/86 — 2.ª Pub.

PONTA ESQUERDA

Toni abre "Boladoce"

José Torres não está a ler o relatório saltilhense, mas sim a consultar o preçário da doçaria que, a partir de ontem, foi colocada ao dispor dos gulosos na «BOLADOCE» de que é proprietário o técnico benfiquista Toni. A festinha de apresentação teve lugar na tarde de ontem e muitos foram os que se deslocaram ao n.º 490 da Estrada de Benfica

Rosa em S. Paulo e Aurora na Amadora

Rosa Mota vencedora por cinco vezes consecutivas da Corrida de S. Silvestre de São Paulo, volta este ano a competir na prova paulista.

A informação foi dada pelo dirigente da Federação Paulista de Atletismo, Arlindo Óscar Gomes da Costa, que está ligado à presença dos atletas portuguesesnas manifestações desportivas brasileiras.

Entretanto, Aurora Cunha declinou convite para estar presente em São Paulo e vai alinhar na S. Silvestre da Amadora, onde já ganhou as duas últimas edições.

Dionísio Castro vai correr a S. Silvestre das Canárias e os outros atletas estão ainda indecisos quanto à prova que vão escolher para o fim de ano.

Sugerido o reatamento dos Jogos Luso-Brasileiros

A Exposição Luso-Brasileira de Desportos que acaba de ser encerrada na Faculdade de Educação Física, da Universidade de São Paulo, despertou invulgar curiosidade entre os estudantes e desportistas em geral.

Os participantes observaram que seria oportuno realizar outra vez os Jogos Luso-Brasileiros, iniciados em 1962 e promovidos até 1973 em Portugal, Angola, Moçambique e Brasil.

Nesse sentido, consideraram que as autoridades brasileiras e portuguesas deveriam retomar a iniciativa e programar para 1987 os jogos dos países e núcleos de língua portuguesa, se possível com a participação não somente de Portugal e Brasil mas também de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe e até mesmo dos núcleos imigratórios de língua portuguesa.

O DESPORTO

Ténis:

Lendl vence "Grand Prix"

O checoslovaco Ivan Lendl, eleito jogador do ano pela Associação de Tenistas Profissionais (ATP), ganhou folgadamente o Grande Prémio de 1986, repetindo os triunfos obtidos em 1981 e 1985.

Lendl, com vitórias em oito torneios, totalizou 4801 pontos, terminando a temporada com 1446 pontos de vantagem sobre o segundo classificado, o alemão-federal Boris Becker, que ganhou seis torneios.

A classificação final do Grande Prémio reflecte o domínio absoluto dos tenistas europeus sobre os americanos, nomeadamente dos Estados Unidos.

O equatoriano Andres Gomez foi o melhor tenista do continente americano, terminando na oitava posição, com 1871, seguido do norte-americano Jimmy Connors, nono classificado, com 1676 pontos.

Classificação final do Grande Prémio: 1.º Ivan Lendl (Che.) 4801 pontos; 2.º Boris Becker (RFA), 3335; 3.º Stefan Edberg (Sue.), 2757; 4.º Joakim Nystroem (Sue.), 2097; 5.º Yannick Noah (Fra.), 2055; 6.º Mats Wilander (Sue.), 1957; 7.º Henri Leconte (Fra.), 1882; 8.º Andres Gomez (Equ.) 1871; 9.º Jimmy Connors (EUA), 1676; 10.º Miroslav Mecir (Che.), 1546 e 19.º John McEnroe (EUA), 924.

Hóquei em patins

Benfica arrecada trofeu em Maputo

O Benfica venceu o Torneio Internacional de Hóquei em Patins comemorativo do 65.º aniversário do Grupo Desportivo do Maputo, ao derrotar, na final, o Sporting Clube de Portugal por 7-4.

A vitória do Benfica foi alcançada depois de prolongamento, já que no fim do tempo regulamentar as equipas estavam empatadas 3-3.

O Sporting terminou a primeira parte a vencer por 3-0, mas permitiu a recuperação do Benfica que empatou a escassos segundos do termo da partida, num tento de Leste que lhe valeria depois a vitória.

O Sporting Clube de Portugal foi o segundo classificado no torneio seguido do Ferroviário do Maputo e do Desportivo, o clube anfitrião.

Antes do jogo Benfica-Sporting realizou-se um encontro entre veteranos, com Fernando Adrião e Ramalhete de um lado e Livramento e Jorge Vicente do outro, acabando por vencer a equipa comandada por Fernando Adrião, que deliciou a assistência com pormenores técnicos que lhe valeram ser considerado o melhor jogador do Mundo nos anos sessenta.

Modalidades

Râguebi:
Taça Ibérica no sábado

O Benfica e o Clube Xerox Arquitectura, de Madrid, defrontam-se no próximo sábado, em Lisboa, num jogo em que estará em disputa a Taça Ibérica, de râguebi.

Este troféu, que começou a disputar-se em 1965 entre os campeões nacionais da modalidade dos dois países ibéricos, foi suspenso em 1971 e voltou a ser realizado, desde então sem interrupções, em 1983.

No conjunto das taças ibéricas de râguebi até agora disputadas os clubes espanhóis ganharam sete e os porturgueses três.

Xadrez:
Campeonato de Portugal

Cerca de centena e meia de jogadores participarão no VIII campeonato aberto de xadrez de Portugal, que se inicia no salão da Estufa Fria, em Lisboa, no próximo dia 13 de Dezembro.

A realização da prova pertence à Federação Portuguesa de Xadrez e conta este ano com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, e da Direcção-Geral de Turismo.

Estarão presentes jogadores de ambos os sexos e de todas as categorias, destacando-se a participação do vencedor da edição anterior do campeonato aberto de Portugal: o mestre internacional inglês Nigel Davis.

Andebol:
Jogos antecipados do «nacional»

A equipa da TAP venceu ontem o Boa-Hora por 26-19 em encontro da primeira jornada da segunda fase do campeonato nacional de andebol da primeira divisão.

No outro jogo da mesma ronda, o São Mamede ganhou ao Académico do Porto por 26-21.

Basquetebol: Rui Valente na «Taça Korac»

O árbitro português Rui Valente foi nomeado pela Federação Internacional para dirigir o jogo de basquetebol entre o Challans BC Vendee e o Caja Postal de Madrid, a disputar dia 10 do corrente.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO
PARA O CONCURSO N.º 49/86 DE 7 DE DEZEMBRO DE 1986

Penalti: 121 212 111 X1X2; O Algarve: 1X1 112 112 1222; Jornal de Amarante: 121 112 111 X1X2; Jornal da Beira: 121 112 11X 2122; Correio de Coimbra: 121 112 111 11X2; Correio do Vouga: 121 112 111 1122; A Defesa: 1X1 112 X11 X1XX; Defesa de Espinho: 1X1 112 X11 2122; Diário de Lisboa: 121 11X 112 212X; Diário de Viseu: 1X1 112 X1X 2X22; Folha do Domingo: 1X1 1X2 111 11X2; Ecos de Cacia: 121 X12 11X 212X; O Emigrante: 1X1 X1X 11X X1XX; Eu Sei Tudo: 121 112 X11 11XX; Jornal de Felgueiras: 121 11X 111 X112; Jornal do Fundão: 1X1 XX2 211 XX12; Gazeta das Caldas: 121 112 111 XX22; Gazeta de Felgueiras: 121 112 X11 X122; Rádio Totobola: 1X1 11X 11X X122; Linhas de Elvas: 121 XX1 111 21X2; Litoral: 121 1X2 112 212X; Jornal da Lixa: 121 112 X11 11X21; Maria da Fonte: 121 112 X1X 21X2; No Estúio e no Estádio: 121 112 21X XX2X; Notícias do Douro: 121 X11 111 1112; Notícias de Felgueiras: 121 112 X11 X1XX; Notícias de Guimarães: 121 112 X1X 211X; Notícias de Viseu: 121 1XX X12 2X22; Notícias de Viana: 121 1X2 X1X 2122; Reconquista: 121 112 111 X22X; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 1X1 112 11X X1X2; Clube da Manhã/RDP Comercial: XX1 112 111 X12X; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 1X1 11X 11X 21XX; Secção Desportiva/RDP Comercial: 121 112 111 2122; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 121 11X 111 XX22; RR/Diário do Desporto: 121 X1X X1X 1112; RR/Bola Branca: 121 1X2 111 X122; RR/Desporto: 121 112 111 X1X2; Rádio Sports: 121 X12 111 2X12; Jornal de Sintra: 1X1 X12 X1X 2122; Voz do Ave: 111 112 111 X112; A Voz do Domingo: 121 112 X11 X1X2; Voz de Lamego: 121 112 21X 21X2; Desporto Regional/Rádio Altitude: 121 11X 111 X12X; RDP/Rádio Guarda: 1XX 112 X1X 2211; Pista de Dança/Rádio Altitude: X21 112 111 2XX2; Comércio de Leixões: 121 112 111 XX22; De Tudo um Pouco: 121 112 111 X1X2; Jornal de Gaia: 1X1 XX2 111 X12X; Jornal da Graça: X21 11X 111 2112; Jornal de Notícias: 121 112 111 XX22; **O Primeiro de Janeiro: 121 112 11X 212X; Repórter do Dia: 121 112 11X X122; Alvo Desportivo: 121 112 111 X1X2; Rádio Alvo: 1X1 112 X1X 212X; Alvo: 121 112 X11 X112; Alvo Suplemento: 1X1 112 11X 21XX; A Voz dos Ridículos: 121 112 111 211X; Rádio Placard: 11X 2X1 1X2 1112; Estúdio 64: 1X2 1XX X21 X211.**

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Benfica-Belenenses	57	3	0	11	1	1
2. Marítimo-Porto	2	17	41	1	3	8
3. Guimarães-Portimon.	57	2	1	10	1	1
4. Rio Ave-Salgueiros	49	9	2	10	1	1
5. Chaves-Académica	50	10	0	10	2	1
6. Elvas-Sporting	3	11	46	1	2	9
7. Farense-Braga	39	18	3	8	3	1
8. Boavista-Varzim	58	1	1	10	1	1
9. Felgueiras-Fafe	36	19	5	7	4	1
10. Freamunde-Famalicão	9	28	23	1	6	5
11. U. Coimbra-Feirense	46	10	4	9	2	1
12. S. Cacém-E. Amadora	13	20	27	3	4	5
13. Sacavenense-Setúbal	2	18	40	1	4	7

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
121 112 111 X122

A tempo

Nos 80 anos de Lopes-Graça: o artista intervém

Mario Vieira de Carvalho

Fernando Lopes-Graça completa 80 anos no próximo dia 17 de Dezembro. Em 1987 completará 60 anos de actividade artística (ponto de referência é o seu «opus 1», de 1927: **Variações sobre um tema popular português**). As homenagens de Dezembro bem podiam ser o arranque para uma temporada marcada pela sua música. A melhor forma de o homenager é essa: fazer que a sua música cumpra o destino para que foi criada.

O Coro da Academia de Amadores de Música teve um acolhimento particularmente caloroso na Cova da Piedade: num meio operário comprovou que não perdeu nada da sua vitalidade de «organismo artístico popular e à comunhão com o povo destinado». No Porto, deveu-se à Associação Tempos Novos (e à iniciativa de Manuel Dias da Fonseca) o concerto da Oficina Musical em que se tocou, entre outras obras, o **Canto de Amor e de Morte** para quarteto de arcos e piano, uma obra de há 25 anos. Foi a reedição de um tipo de recital tão praticado por Lopes-Graça desde os anos quarenta, mormente no âmbito da «Sonata». Ambos os acontecimentos ilustrativos de uma **estrutura de comunicação alternativa** a que Lopes-Graça deu vida durante décadas. **Alternativa** a quê? Ao circuito oficial da vida musical, que o marginaaalizava e que marginalizava a cultura e a modernidade que ele representava.

O Coro vai reaparecer nos próximos dias. Outros recitais irão seguir-se. Amanhã à noite é a vez da Associação Portugal—URSS promover um recital de canto e piano, organizado por Maria Helena de Freitas e em que participam Nella Maissa, Elsa Saque, Fernando Serafim e Filipe de Sousa. No programa, obras separadas por mais de meio século: ao lado dos **Três poemas em prosa** de Rabindranath Tagore (1929), a **Sonata n.º 6 para piano** (1983); ao lado dos **Três Sonetilhos** de José Gomes Ferreira (1942) seis **Sonetos** de Camões, alguns deles bem recentes, ainda inéditos.

Na próxima semana o Salão Nobre do S. Carlos voltará a ser palco de uma homenagem a Lopes-Graça. Coincidindo com a inauguração de uma exposição haverá uma conferência por Bettencourt da Câmara. No próprio dia 17 é a vez de os professores e alunos da Academia de Amadores de Música comemorarem o aniversário, tocando obras do mestre e artista ligado há mais de 40 anos àquela casa onde só pôde voltar a ensinar após o 25 de Abril e onde continua activo como professr de Harmonia, director coral e membro da direcção artística.

Depois, no dia 20, a mesma Academia organiza um concerto especial, com a participação do Opus Ensemble, de Dulce Cabrita, Filipe de Sousa e de um Quarteto de Contrabaixos, para quem Lopes-Graça acabou há pouco uma obra elegíaca intitulada **Três Aequale** — portadora da epígrafe **Homenagem a Beethoven** (testemunho de uma veneração de sempre e mais da inspiração próxima vinda dos **Três Aequale** para Quarteto de Trombones do mesmo Beethoven).

Também o Centro Cultural Português em Paris quis marcar presença, com um recital de canto e piano, no próximo dia 10.

Mas o acontecimento porventura mais significativo — sem dúvida uma das melhores prendas de aniversário que Lopes-Graça podia receber nos seus 80 anos —é a estreia absoluta da obra que terminou em Março deste ano, assinalando o Ano Internacional da Paz, e em relação com o Congresso dos Intelectuais para a Paz de que fora participante em 1946 e para o qual voltara a ser convidado agora (escusando-se por motivos de saúde). Intitula-se **Em Louvor da Paz** e será interpretada pela Orquestra de Cracóvia, na presença do compositor, felizmente de novo de boa saúde e em condições de corresponder ao convite que lhe dirigiu o governo polaco.

Como habitualmente, desde há 60 anos, o artista intervém.

Produção: Marluce — Grafismo: Vitor Ramos

À venda em todo o país

Representação e distribuição —

Olhar em volta

Rui Eduardo Paes

Performance-arte, vídeo-arte e multimedia estiveram em debate nos últimos quinze dias, devido à realização, no Centro de Arte Moderna e no Forum Picoas, da Quinzena de Performance e Audiovisual Lisboa-86, respectivamente, terminados ambos no passado domingo.

Ção Pestana — linguagem do corpo numa civilização da imagem

Apesar de apenas coincidirem circunstancialmente, as duas iniciativas remeteram-se mutuamente, e houve quem saísse de um edifício correndo para o outro. Não somente porque tanto nos auditórios do Forum como na Sala Polivalente do CAM aconteceram performances ou foram passados vídeos mas em algo mais que ultrapassou esse âmbito — as mesmas tendências no sentido de uma interacção multimedia e os equívocos e insuficiências que no nosso país rondam estas correntes estéticas.

A quinzena e o festival constituíram, de facto, cada um pelo seu lado e no que de fenomenologicamente estabeleceram pelo paralelismo dos acontecimentos, uma mostra ilustradora dos impasses que as expressões artísticas contemporâneas estão a sofrer em Portugal.

É assim que, independentemente da qualidade dos cinco espectáculos, se verifica que o ACARTE da Gulbenkian deu um passo em falso com esta sua quinzena de performance-arte. Pareceu ela como que um reconhecimento institucional, mas um reconhecimento feito «a posteriori», quando aquilo a que hoje se chama de performance sofreu mutações que a caracterizam já de um modo diferente do que foi a definição inicial.

Na verdade, o reurso e integração de diversos medias por parte dos «performers» veio alterar os termos, e há mesmo quem diga que a performance morreu enquanto tal e que o seu princípio só sobrevive na contextualização de espectáculos intermédia que visam mais longe. Uma polémica a que hoje se assiste no interior desta prática estética e que não vislumbra o seu fim próximo. Manoel Barbosa, que no CAM pôs em palco um novo trabalho, «Umunrzl», com a colaboração performativa de Justine Diconstanzo e Bonifácio Humberto e a musical do duo Telectu, e vídeos e diapositivos assinados por si mesmo, é um dos que insistem no argumento de que a performance não morreu, mas simultaneamente um dos que mais penetrou no universo multimedia.

Interrogação permanente

«Interessa-me o discurso global, feito sobre fragmentos vários e com diversificados planos de imagem. É claro que a performance e o vídeo, por exemplo, são discursos diferentes, mas podem perfeitamente interligar-se. Um dos meus propósitos fundamentais é fundir imagem e movimento, e o vídeo serve-me nesse preciso sentido. Sim, o Rui Mário Gonçalves, a Sílvia Chicó, o Fernando Pernes e o Alexandre Pomar andam a dizer que a performance acabou mas basta ver os exemplos da Laurie Anderson ou da Marina Abramovic-Ulay, da Orlan, do Stuart Brisley ou do Paul McCarthy para reparar que isso não é verdade. Quem diz que a performance já morreu terá necessariamente de também afirmar que a pintura, a escultura e o cinema já acabaram, o que é absurdo» — diz Manoel Barbosa.

E continua — **«O corpo tem sofrido sucessivas fases de discurso, é naturalíssimo que isso se passe assim, e creio que ainda tem potencialidades não exploradas. A performance consiste na interrogação permanente do corpo e parece-me a mim que nesse domínio se está longe de chegar a uma saturação. Quando um Harry De Witt, que esteve em Lisboa há pouco tempo na mostra de Dança Holandesa, me diz que se considera sobretud um «performer», é isto que eu sou levado a pensar. O facto de haver artistas da comunicação sonora e da comunicação visual a fazer performance é muito salutar — é preciso deixar de endeusar a performance.»**

«Umunrzl» foi o ponto alto de uma quinzena com saldo positivo, apesar de ter uma vez mais revelado cabalmente os erros de interpretação desse serviço, que não tem sabido enquadrar as tendências actuais das artes enquanto atitudes vivas, apanhadas no seu presente. Em Novembro do ano passado houve uma quinzena multimedia no CAM, protagonizada por «performers», o que implicou, obviamente, numa inexactidão de termos, na medida em que se tomou então a performance como espectáculo multimedia exclusivo. Agora foi ao contrário — denominou-se performance o que já é multimedia. Manoel Barbosa é um artista audiovisual, transpondo as conceptualizações de uma arte corporal que ficaram estabelecidas. As suas preocupações mais recents têm que ver com choques de imagem, opostos visuais, a imagem feérica (como gosta de adjectivar) e a total ausência de imagem, num ritmo que a música, tocada em tempo real, mais reforça.

Performance, uma arte de três dimensões

Silvestre Pestana esteve à frente de uma outra criação de «medias» inter-agidos no Centro de Arte Moderna e actuou igualmente no Forum Picoas. Artista plástico com formação de «design», estando actualmente a estudar robótica, realizador de vídeos e performer, veio acompanhado de António Barros, do grupo Artitude Zero Um, e do poeta e actor Joaquim Castro Caldas. António Barros trabalhou as relacionações cénicas e espaciais dos elementos intervenientes em «Erganómetro» — **«Com a revolução dos «medias» não é possível falar-se mais em cenografia. Tem que existir uma integração, uma envolvência dos diversos elementos — o performer, a recitação do texto com postura (escultura viva), a passagem do vídeo, os diaporamas e a música.»**

Pelo seu lado, Silvestre Pestana concorda que a mudança dos materiais **«leva à mutação das condições artísticas e dos seus resultados — o que definiu a performance desde o início foram estes dois pontos: a teatralização das intervenções plásticas e o temporalismo, ou seja, a intenção de se esgotar o acto em si próprio. Logo desde que surgiu em Portugal, com o 25 de Abril, a performance distinguiu-se em duas linhas básicas, entre os que seguiam uma via mais teatral e os que vieram das artes plásticas. O elemento que deve ser preponderante numa performance é o plástico. Claro que os recursos são quase semelhantes aos teatrais, fazendo parte de uma mesma cultura audiovisual, mas a sua utilização é plástica. Diga-se, além do mais, que a performance significou no contexto das artes plásticas a passagem das artes de duas dimensões para as de t rês, o que foi um avanço precioso.»**

«As novas tecnologias aparecem aqui — continua — **como os novos pincéis e as novas cores. Mas a sua aplicação sucedeu a uma socialização do equipamento e ao aparecimento da tecnologia miniatural — só assim, aliás, se possibilitou uma vídeo-arte. Com o vídeo podemos finalmente obter o sincronismo que na televisão pouco aconteceu, embora a isso se tivesse proposto. A televisão, apesar de ser tecnologicamente sincrónica, é historicamente diacrónica — houve a transmissão directa da descida na Lua e pouco mais. Ora, o vídeo é um «media» de reprodução imediata e permite para além disso usagens variadas: sincronicamente, como registo ou de modo analítico, que é o que faz a vídeo-arte.»**

Os dois vídeos de Silvestre Pestana apresentados ao público no Audiovisual Lisboa 86 foram o exemplo diferenciador de duas formas de realização: se um era artístico, embora com manipulações simples dos recursos disponíveis («Bio Virtual»), o outro («Vivo Visual») era apenas o registo de uma sua performance, e o registo de um acto artístico não é ele próprio artístico se também a sua matéria não for trabalhada.

O ponto de vista do artista plástico

Quem fez algo neste domínio — vídeo de registo arranjado artisticamente — foi Carlos Barroco, do grupo Néon, que também dirigiu um espectáculo no Forum Picoas. Em «Performática» as imagens registadas foram depois tratadas plasticamente numa série de disposições cromáticas — **«Fiz performance nos anos 70, mas deixei de me interessar. Teve o seu tempo, que era aquele. Nesta década há que explorar outras coisas. Foi inclusive essa ruptura com a performance, que eu achei estar demasiado ligada à «body-art», que proporcionou a fundação do Néon, com a ideia de juntar vários operadores multimedia. Bem, é verdade que os «performers» andam a usar os «medias», e que os espectáculos multimedia integram a performance — há muita confusão por aí. No «Em Trânsito II» também incluo «performers», mas retiro a atitude teatral que por exemplo um Gerardo Burmestre tem, apesar de utilizar «medias» e componentes plásticos.»**

«O grupo Néon articula pintura, muito essencialmente, com fotografia, computador, vídeo, sintetizadores de som e imagem e a luz — caracteriza Carlos Barroco. **Finalidade: uma proliferação de imagens visuais e sonoras. Redescobri agora a pintura mas não estou a pintar em exclusividade, pois tenho como outra vocação as instalações. Pintar é um processo individual e nele retém-se uma só imagem, enquanto que numa instalação tecnológica na qual o corpo é utilizado apenas para criar uma situação específica, temos o aspecto quantidade e a repetição. Interessam-me as duas coisas, cada uma no seu lugar próprio. É nesta divisão que eu integro os meus vídeos, não os faço enquanto arte autónoma. Registo os acontecimentos ligados às artes plásticas, mas procuro sempre intervir plasticamente, segundo o ponto de vista do artista plástico, do pintor. É o que caracteriza também a minha atenção pelas roupas — criar um visual é como que fazer uma escultura.**

O que o festival de audiovisuais testemunhou até à exaustão foi a quase inexistência de uma vídeo-arte portuguesa, e, salvo as excepções que são de sinalizar, no geral a qualidade dos vídeos nacionais dados a público foi bastante fraca, como ficou aliás amplamente demonstrado pelo concurso incluído no âmbito da iniciativa. É um facto, mesmo sabendo que o problema deve mais à falta de meios, à ausência de formação específica e ainda ao desinteresse dos produtores artísticos do que à probreza das inventividades. Na maioria dos casos existiam as boas ideias mas falhava rotundamente a sua concretização.

Em contraste explícito estavam os vídeos catalães (uma mostra, aliás, de muito interesse) ou os dois do japonês Mineo Aayamagouchi-«Pichera» e «Inner Colour», ele que também vem da perfomance. Outros exemplos foram, já no domínio do cinema — linguagem que, diga-se a título de curiosidade, Manoel Barbosa prefere — a excelente obra que é «Home of the Brave» da cantora e compositora Laury Anderson, e algumas curtas-metragens do cinema experimental alemão, violentíssimo. A distância que existe quando as condições de trabalho se proporcionam, mesmo que minimamente.

Vítor Rua: a condição pessoal

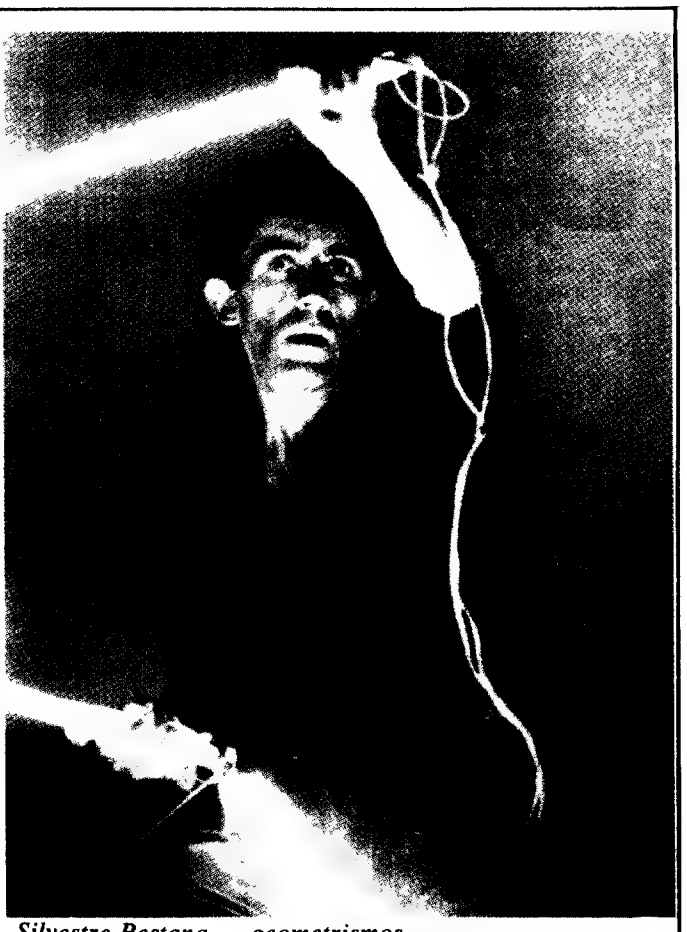
Alguns equívocos também marcaram este festival organizado pela Federação de Cinema e Audiovisuais. Exemplo: um vídeo de Vítor Rua, «Auto-loop», pensado para vídeo-instalação (conjunto plural de ecrãs de televisão) foi projectado em vez disso num tradicional auditório de cinema e o resultado, naturalmente, foi penoso. O que é revelador, somando com outros exemplos do género, de que entre nós ainda não se sabe mexer com as novas linguagens e não se adquiriram os usos e os jeitos que as novas tecnologias aplicadas à arte exigem.

Vítor Rua é um dos dois elementos do grupo Telectu — músico guitarrista e manipulador de electrónicas, para além de realizador de vídeos ele é um dos mais elucidativos casos de artistas que, equacionando numa só prática os seus diferentes interesses, surge muito frequentemente devido a essa mesma condição pessoal. Os Telectu (Vítor Rua e Jorge Lima Barreto) tocaram em três das cinco performances do CAM — nas de Rui Orfão, (VITRIOL, espectáculo multimedia mais de que performance), de Fernando Aguiar e de Manoel Barbosa.

«**Dedico-me** — diz — **às simetrias minimais entre som e imagem. Quando utilizo o re-recording no vídeo estou a transferir para ele um método de gravação musical e quando faço jogos de alterações de cores isso corresponde às alterações tímbricas. Essas alterações por meio de filtros que costumo fazer nos meus vídeos podem-se até comparar com as modificações sonoras da música concreta. E é claro que a minha maneira de tocar acaba por também receber influências das técnicas-vídeo — a minha música é gestual, expressionista: música performativa.»**

Prossegue: **«Estou a explorar uma vídeo-música, substituindo a narratividade que o vídeo, com a influência do cinema, tende a reproduzir, pela música. Mas faço outras coisas: vídeo-ambiente, como agora na perfomance do Rui Orfão; vídeo-perfomance, no qual altero o tempo real da perfomance, e que não se confunde com o vídeo para performance, onde realço em macro alguns dos aspectos da performance que está a decorrer, e vídeo-instalação, que pode ou não funcionar como**

Manoel Barbosa — performance ou espectáculo multimedia



Silvestre Pestana — geometrismos

vídeo-ambiente, tudo dependendo das circunstâncias em que é passado. Outro trabalho meu é o vídeo abstracto, pelo desaparecimento do figurativo ou por desfocagem e apagamento de contornos. Neste campos é incrível o que se pode fazer com computadores, sintetizadores e geradores de caracteres.»

Não por acaso, Vítor Rua era dos videastas portugueses no Audiovisual Lisboa 86 aquele que detinha maior número de produção — «Alien», «Halley», «Vidya», «Compgraf».

A letra animada

É na verdade extraordinário o que a electrónica permite fazer, e no Forum Picoas lá estava programado a alínea «computergrafhics» e incluído um workshop de animação por computador, apresentado por Richard e Sheila Hill. Neste capítulo foram inseridas criações portuguesas — os videogramas de Luís Filipe Oliveira, «Scriptograma Quadrado», «Scriptograma Triângulo» e «O Vosso Nome é Maria» e, ainda, «Signagens» de Ernesto Mello e Castro, o pioneiro da poesia visual entre nós, nos anos 60, actualmente trabalhando em vídeo-poesia.

«A palavra começou por ser oral e sonora e depois, com a invenção da escrita, tornou-se também visiva. Ora, a poesia visual permitiu, na década de 60, isolá-la na sua imagem visual, o que até nem tem nada de estranho, porque quando se lê apreende-se a palavra ideogramaticamente e não foneticamente» — considera Mello e Castro.

«Mas a atenção pela palavra visual não é de agora. Em quatro períodos históricos ela aconteceu — na Alexandria, na Renascença carolíngea (século XII) e no barroco (século XVII e XVIII). As pessoas, é curioso assinalar, interessam-se pela palavra enquanto imagem visiva nos períodos de transição, e estamos agora num, precisamente» — pensa.

«A poesia visual tem sido elaborada sobre diversos suportes, surgindo com a forma do espectáculo multimedia, na associação entre filmes experimentais, diaporamas e representação teatral. A performance é já uma extensão da poesia visual, mas o vídeo vem introduzir uma nova coordenada — o carácter temporal. De facto, está a permitir a reintrodução do tempo na poesia visual, e é essa a minha opção estética. Possibilita-se deste modo toda uma nova forma de leitura, a letra torna-se animada, dinâmica, transforma-se, é actora do seu próprio significado. Repare-se que na página de um livro a palavra só tem um tempo virtual, nada mais.»

«Pode-se fazer muito com um gerador de caracteres e um computador» — conclui. **«É bom que hajam novos suportes para a criação artística, porque assim são desenvolvidas novas formas de comunicação que estão necessariamente contra a incomunicabilidade existente por razões económicas e políticas. Um computador não serve só para as contas de uma determinada empresa, os meios de comunicação não devem estar concentrados nas mãos dos tecnocratas, dos políticos e dos economistas, têm de ser usados criativamente.»**

Multimedia não é colagem

Carlos Zingaro, violinista que esculpe as sonoridades do seu instrumento por meio de «devices» electrónicos, aplica constantemente essa exacta noção. Ele mesmo se posicionando numa situação de encontro de vocações — o desenho para além da música — tem actuado no estrangeiro (onde é mais conhecido do que em Portugal) juntamente com dançarinos e artistas plésticos e responsabilizou-se pela animação musical da instalação «Em trânsito II» do grupo Néon no festival de audiovisuais — **«O multimedia é uma temática que me interessa desde há uns dez anos para cá. Nessa altura comecei a querer juntar a imagem e a música, talvez derivado do facto de eu também ser um gráfico e ter trabalhado no teatro. E segui efectivamente nessa direcção porque me fartei do texto encenado e preferi o espectáculo global. No entanto, cá em Portugal só recentemente se valorizou o multimedia e hoje muito do que se faz com essa denominação é uma mera colagem e vem-nos mostrar que não basta juntar som e imagem, voz e movimento, é preciso mais. Para além disso há uma certa confusão — fala-se muito na Laurie Anderson como exemplo de multimedia, mas aquilo é ópera, e acentuadamente teatral até.»**

Mais —**«Numa instalação multimedia eu, como músico, não funciono como se estivesse num concerto, é essa a diferença. A partir das imagens que me são dadas no momento elaboro as minhas imagens musicais, é reactivo, tal como se se tratasse de um jogo.»** Mas seja como for, no Forum Picoas houve momentos em que se optou, intencionalmente, pela simplicidade mediática em detrimento da fragmentação por planos de apreensão. Fê-lo Paulo Eno Marques, na sua performance foi o caso da recitação poética de Joaquim Castro Caldas, de Ção Pestana ou do concerto dos Telectu.

O corpo no feminino

Ção Pestana foi ao reencontro, em «Aria II», da definição primeira de performance — existe o corpo, existe o espaço e os elementos simbólicos que os medeiam. **«Todas as situações são triangulares. Para mim a performance é o ponto de fuga em termos de perspectiva entre teatro e artes plásticas e portanto é como que um diálogo entre o naturalismo de um corpo e um determinado número de simbologias. Situo-me na linha da body-art — o corpo em emissão, sensível à improvisação mas planificado, num acto de desnudamento e disponibilidade, próprio de uma linguagem feminina. Gosto que as minhas performances contenham algo de catarse — crescimento, clímax e destruição, que é reabsorvido por quem assiste. Estudei medicina e biologia, talvez por isso eu pense que para fazer arte é preciso algum rigor científico. Tenho também formação de cinema e de vídeo e daí, por sua vez, a minha preocupação pelas cenografias.»**

«Só há duas mulheres em Portugal a fazer performance e eu sou uma delas. Não há arrojo nas mulheres quando se trata de elaborar uma linguagem do corpo» — acha Ção Pestana. **«As mulheres têm receio de se colocarem em situações de vulnerabilidade.»** É uma questão de intensidades e sem dúvida que o corpo no feminino é investido de um outro modo, nunca se podendo diluir num ambiente. Paulo Eno Marques, acompanhado pelo grupo Objectos Perdidos, acentuou o lado da teatralidade da presença na performance «A Loucura», e Joaquim Castro Caldas usou apenas a sua voz e dois microfones para dizer poesia. **«Fi-lo em contraponto ao universo audiovisual restante»** — justifica. No meio de tudo o mais decorreram como anomalias. Muito felizes as de Ção Pestana e Castro Caldas.

Viver uma escultura, por dentro

Espectáculo audiovisual por excelência foi o de Eduardo Sérgio, director e fundador do Gabinete de Audiovisuais do AR.CO, escultor e fotógrafo. A instalação intermédia «O Amor» pretendeu ser uma escultura ocupada no seu interior. **«Trata-se de uma realização audiovisual com unidade equilibrada entre criações de espaço, presença humana e música. Para isso estudei composição e exucução musical, tencionando uma multivisão que evitasse o barroquismo. Esta instalação é uma escultura em sentido lato — volume com ingredientes comunicativos, mas para ser apreciada por dentro, não por fora. Projectei este trabalho de maneira a que as pessoas pudessem aderir ao espaço e vivê-lo, pôr a mão, sentir os objectos e ter o prazer de receber imagens projectadas no próprio corpo. Desagrada-me o espectador passivo — a escultura é para ser vista nas suas três dimensões, portanto os espectadores têm de circular. Acontecem coisas diferentes consoante os ângulos em que se está».** Música ao vivo, projecções de fotografias, fruição coreográfica, objectos, numa articulação das mais agradáveis em todo o festival.

Continua Eduardo Sérgio — **«Vários psicólogos fizeram estudos que demonstraram poder o ser humano apreender estímulos multifacetados em simultâneo, desde que não haja excesso de elementos. Foi o que eu fiz — cinco fontes de imagem cada uma com um discurso de per si mas intercruzado. É evidente que não se pode interiorizar tudo: o tempo e a vivência espacial encarregam-se de transmitir o todo da obra, ligando as várias partes.»**

●

«Olho à minha volta, a minha mesa de trabalho ou o epicentro extensivo dos meus sensores, e manipulo esta máquina da escrita, consulto a rádio, sintonizo o vídeo, alimento o microcomputador com novos dados, faço as necessárias conexões com o sincronizador áudio, ligo as câmaras, focalizo as imagens, justapondo-as em simetrias prováveis, aumento a intensidade dos cromofiltros, retoco-as com a light-pen, ligo o lazer, acelero-a, obtenho hologramáticas configurações, retrocedo em ralenti analítico ao conflito inicial e totémico — a luta — reflexo do senhor e do escravo...» — extrato de «Diário Anónimo de um Poeta dos Anos 80», lido por Joaquim Castro Caldas na performance «Erganómetro» de Silvestre Pestana.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

e o TEATRO ESPAÇO apresentam na SALA EXPERIMENTAL

CICLO DE TEATRO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

Estreia, 6.ª feira (5), às 21.45 h.
Sabado (6), às 16.30 e 21.45 h. • Domingo (7), às 16.30 h.

«FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL» de Marcos Rey
Dias 9, 10 e 11, às 21.45 h.

«NÓ CEGO» de Carlos Vereza

Dias 12, às 21.45 h.; 13, às 16.30 e 21.45 h.; e 14, às 16.30 h.

«8... EM CADEIRA DE RODAS» de Ronald Radde
Encenação e Direcção de Actores: ÁGUEDA SENA

ESPECTACULOS NAO ACONSELHAVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

Crónica de Touros

El duende

Solilóquio

Praça de Touros de Sevilha. Sábado, 25 de Outubro de 1986. Novilhos de Torrestrella para Diego Puerta, Curro Romero, Paco Camino, Rafael de Paula, Paco Ojeda e Pepe Luis Vasquez.

Festival em benefício da Fundação Tagore, dedicada às crianças ciganas. Cartaz de estrondo, reforçado com o a-propósito de nele figurar o maior da sua raça: um cigano genial, dava glória ver, Rafael de Paula assim que plantou no portão das quadrilhas seu garbo ímpar, sua figura cingida pelo trajo negro, os folhos da camisa como flores brancas, despontando à sombra da aba larga do chapéu. Uma figura que com tal magia pisava a Maestranza, inspirada havia de vir: porque assim o determinavam os astros; ou porque o festejo lhe tocava o sentimento cigano. É certo que a faena gloriosa não chegou, brindada à praça e afinal malograda por uma bandarilha que se fora meter no buraco aberto pela vara, dobrou o touro sem atender à porfia dos primeiros muletazos de Rafael. Teve o puntilheiro de rematar-lhe a vida. Mas já seu nome, «Estudioso», entrara na história do toureio à Verónica.

★★★

Tocadas pelo «duende», as verónicas que Rafael de Paula bordou com «Estudioso» foram os instantes de maior glória da tarde, num festival em que a praça cheia exultou várias vezes de alegria: começada logo no passeio, sol, música, e já ali estava o primeiro, negro bragado, e Diego Puerta de joelhos, a larga afarolada como se tivesse o tempo voltado para trás, e as verónicas graciosas, e o mandar para trás os peões quando um desarme lhe quebrou o quite por chicuelinas, e o cite de largo repetiu, e nelas o percal floriu, primeiro quieto, depois galeando para a vara e cingido nas gaoneras; e rematado o terceiro par chegou o brinde à praça, e os passes por alto, e por baixo, e a música já acompanhando os naturais, de pés juntos e serenos, o pulso e as hastes no fechado círculo onde já não cabia o clamor, suspenso da estocada, e da agonia que a casta do touro bravo prolongava, se impotentes as hastes, queria a boca morder a terra dourada, que o sangue tingia, e os areneiros apagavam, enquanto Diego dava a volta à arena da sua Sevilha, mostrando a orelha bem ganha, revivendo feliz um passado que o convidava em vão a regressar, a repetir os tantos êxitos de outrora, tantos que se lhe perdeu o conto. A seguir veio Curro, e soaram olés para as verónicas do faraó, e palmas e pitos para seus apuros com a desconfiada muleta, na bancada dizia uma voz: «Este homem há-de ficar mais cansado toureando assim do que toureando como deve ser.» Paco Camino: e um novilho que pela direita não passava, e pela esquerda não teve outro remédio senão o de seguir o sábio engano. E houve de Ojeda aquele abrir pasmoso de faena, com passes ligados, impossíveis e seus, o touro de cá para lá sem sair de um palmo de terra, sem tocar o toureiro que nesse palmo parecia não caber, e afinal cabia; para o fim baixou de tom o trasteio, mas já estava ganha a segunda orelha da tarde; e a uma terceira não quis Pepe Luís Vasquez ser candidato, foram colectivas as palmas maiores que ouviu, quando entre os companheiros abandonava a praça, e o público a todos agradecia, na ovação final, a tarde feliz que passara; ovação que os encastados novilhos de Don Álvaro Domecq não podiam já ouvir, por seu jogo vário a mereciam também. E agora, retirados os toureiros, apagados os aplausos, na Maestranza deserta o que ficava era o mistério do «duende» que Paula trouxera consigo, para o contar naquelas verónicas inimitáveis.

★★★

O «duende», eterno indecifrado mistério. Voltamos sempre às palavras de Lorca, caladas fez em Agosto cinquenta anos, nessa trágica imperdoável madrugada em que as balas partilhou com dois ignorados bandarilheiros da sua terra de Granada, berço tornado sepultura. O «duende», para Lorca, «não é uma questão de faculdade, mas sim de verdadeiro estilo vivo; isto é, de velhíssima cultura, de criação no momento»; alguma coisa que, como Federico ouvira certa vez a um velho guitarrista, «sobe por dentro desde a planta dos pés». O «duende» subiu por dentro, desde a planta dos pés quietos de Rafael de Paula, naquelas verónicas com «Estudioso», criação no momento, imortal e breve, indefenível prodígio. O «duende» subiu por dentro da estampa cigana, fez dela uma pintura. Que verónicas: Primeiro a receber o touro nos tércios, e depois a rematar nos médios, por fim o monumento do quite, também no centro da praça, luminoso, acabado naquela meia verónica de frente; reunindo as mãos na cintura, fazendo rodar dolente o capote, adormecendo a investida, que dir-se-ia sentir o gozo daquela maravilha. Bem dizia Lorca que o «duende» não é questão de faculdade: toda a gente sabe que Paula tem os joelhos destroçados, que de faculdades não haverá outro mais carente. E contudo, quando o «duende» chega, e se lhe mete por dentro, desde a planta dos pés, o cigano manda às urtigas essas faculdades que não tem, e toureia com vagares que seriam heróicos num corpo medroso, seriam heróicos se falar de heroísmo não fosse pecado quando se alcança essa beleza que não pode ser adivinhada, como se em sonho existisse. O recital de Rafael de Paula na Maestranza, recital do toureio à verónica, parecia bruxedo, coisa sonhada, talvez não acontecida. A praça inteira levantou-se, comovida numa ovação que crescia, e tornava a crescer, e pelo meio hesitava, na dúvida do que parecia irreal. Não víamos o «duende», mas sentíamos que ele estava lá, vulnerável diante da morte que pode destruí-lo, no vértice do jogo terrível de que falava Lorca, vértice da geometria do toureio, movendo as linhas que se cruzam, e sem se tocarem se abraçam, se entrelaçam, docemente se amam. Disse um dia Paula, querendo explicar o que sentia toureando, quando a inspiração lhe chegava: «É como se tivesses outra alma dentro do teu corpo.»

A outra alma de Paula, o «duende», mistério de sentimento, tornou a encontrar-se com ele em Sevilha. Com ele e com «Estudiante», linha com a sua cruzada. Uma outra alma que talvez estivesse metida na terra, e lhe tenha subido por dentro, desde a planta dos pés, como dizia o velho guitarrista; e à mesma terra tenha voltado, entre a música calada desse toreiro genial, música que uma vez ouvida já se não pode esquecer.

Quase pronta a terceira parte de "O Polvo"

A terceira parte da série televisiva «O Polvo», um dos maiores sucessos em Itália e no estrangeiro entre as séries produzidas pela Radiotelevisão Italiana (RAI), estará concluída em Janeiro, informou em Roma o produtor da série.

Na terceira parte, Luigi Perelli substitui Damiano Damiani, o realizador das duas primeiras, e a actriz napolitana Giuliana de Sio a anterior protagonista, a brasileira Florinda Balkan, que após uma longa estada em Itália regressou ao seu país.

A figura do comissário Cattani – um polícia honesto em luta contra a Mafia – continuará a ser interpretada por Michele Placido, que a ela deve toda a sua popularidade.

«Graças a ela – reconhece o actor – foram-me feitas propostas muito interessantes da parte de grandes realizadores, como Marco Ferreri, com quem farei o meu próximo filme».

O custo da produção dos quatro episódios da terceira parte de «O Polvo» está orçado em cerca de 550 mil contos, que a RAI diz já estar praticamente coberto pelas vendas antecipadas a outras televisões da Europa, que transmitiram ou estão a transmitir as duas primeiras – como a da União Soviética, onde acaba de estrear «O Polvo-1».

Segundo Sérgio Silva, director de produção da RAI, «O Polvo-3», «mantém as características originais da série: um 'Thriller' de tom espectacular mas onde conta sobretudo a grande tensão moral que os seus realizadores souberam suscitar ao falar da Mafia, de poderes ocultos e do dramático combate contra o mal com

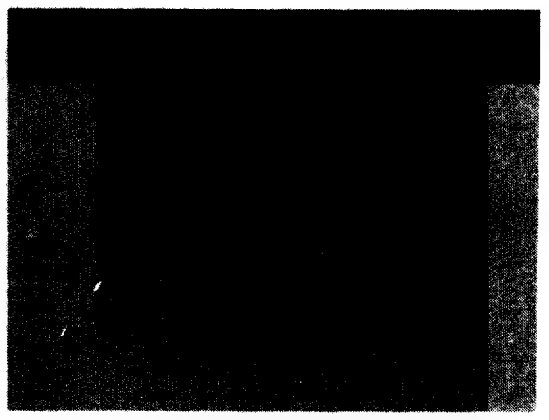
as armas da coerência e da coragem».

A segunda parte de «O Polvo» termina com o testemunho, perante um tribunal, do comissário Cattani contra uma poderosa família mafiosa, a da condessa siciliana (Florinda Bolkan) com quem mantinha uma relação.

Na terceira parte o comissário fará investigações sobre uma família da alta finança de Milão, com cuja herdeira, Julia (Giuliana de Sio) acabará por encetar nova relação.

«A minha história de amor com o comissário terá características muito diversas da que manteve com a condessa ligada à Mafia», disse a actriz. uma das mais novas revelações do cinema transalpino: «A minha personagem desconhece completamente a proveniência do dinheiro da sua família e a sua relação com o investigador é particularmente dramática e será posta a uma dura prova».

Cultural



Pintura de José Miranda Justo, desde esta noite na Quadrum — Corucheus, em Alvalade

Exposições

● Na Quadrum-Galeria de Arte, inauguração hoje, às 21,30, de uma exposição de Pintura — «Noites de Alf» — da autoria de José Miranda Justo. Patente até ao dia 31, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 sábados das15 às 19 horas.

● Na Galeria de S. Bento Rua do Machadinho, 1 — até dia 17 do corrente, uma exposição de Pintura da autoria de Francisco d'Almada e Ruth Tavela de Sousa, Patente todos os dias das 11 às 13 e das 15 às 20, excepto domingos e segundas de manhã, e feridados.

● Hoje, às 18 horas, na Galeria Bertrand do Chiado, inauguração de uma exposição de Pintura de Rocha de Sousa e também o lançamento do seu livro «Os Passos Encobertos».

● Na Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova, Estrada de Benfica, 503, patente até ao final do mês da «Grande Exposição Colectiva Fonte Nova», com trabalhos de pintura e escultura de artistas como Aida Sousa Dias, A. Colaço, Artur Bual, Boavida Amaro, Carlos Lança, Danilo Gouveia, Fausto Chaves, F. J. Simões, Germano Santo, Helena Justino, Jesus Ferreira, João Martins, Kira, Laura Cesana, Silva Palmeira e Tereza Brazão.

● Na Galeria Ana Isabel, Rua da Emenda 111-1.º, desde ontem até dia 31, uma exposição de Pintura de João Hogan. Das 14 às 19, excepto domingos.

● No Museu de Etnologia — Av. Ilha da Madeira (Restelo), até 19 de Janeiro uma exposição dedicada à arte pictórica dos índios da América, «Painted Words».

● Na Galeria Cómicos, Rua Tenente Raul Cascais a S. Mamede, 1-B, Cristina Iglésias expõe esculturas recentes.

● Na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, até dia 15, a exposição «Fotografia nas Revistas Alemãs — 1924/1933», com a colaboração do Instituto Alemão.

● Em Almada, na delegação da Alliance Française de Lisbonne, está patente até 15 de Dezembro uma exposição de Francisco Bronze «Colagens/Pintura».

Música

● No salão nobre do Teatro Nacional de S. Carlos, esta noite pelas 21 horas, um concerto de homenagem a Fernando Lopes Graça, por ocasião do seu 80º aniversário. Iniciativa da Associação Portugal-URSS e do teatro de S. Carlos. Neste concerto, por convites, participam Nella Maissa, Elsa Saque, Fernando Serafim e Filipe de Sousa.

Teatro

● Do Brasil para a Gulbenkian, para encerramento do ciclo «Dezembro Infantil», vem a Lisboa a «Companhia Aérea da Terra que, entre o dias 18 e 21 do corrente mês, apresentará o espectáculo musical «O Boi Surubim», inspirado no poema de Fernando Pessoa «O Guardador de Rebanhos».

Livros

● Na Livraria do Estado, Rua Marquês Sá da Bandeira, 16, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda apresenta uma sessão de autógrafos de Gerard Castello Lopes, autor do livro «Perto da Vista ». Esta tarde, pelas 18 horas.

● Na Livraria Barata, Av. de Roma, 11-A, amanhã às 21-30, um diálogo sobre o romance «Cortes» de Almeida Faria, com a presença do autor e de Maria Aliete Galhóz, Manuel Gusmão e Eduardo Lourenço.

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maioes 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 2

ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14, 16,30, 19, 21.30 e 24 h

Amoreiras 3

UARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Apolo 70

DUAS MULHERES E UM HOMEM
(n/acons. a m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Ávila
— T. 539930

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

GATA EM FÚRIA
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358

ESTÍMULO SEXUAL
(int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ARMADORES E PERIGOSOS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineboloco
— T. 556824

AMOR POR CORRESPONDÊNCIA
(m. 12 anos)
15,00, 18.30 e 21.30 h
DESAPARECIDO EM COMBATE
(m. 16 anos)
24 h

Cinebolso

BURLONAS SEXUAIS
(porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194

OS PUNHOS DA VINGANÇA
(int. a m. 18 anos)
14,15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Alfredo

O MOMENTO DA VERDADE (Parte II)
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
15,30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

ARMADOS E PERIGOSOS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O TUBARÃO
(n/ac. m. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

PONTO DE IMPACTO
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

MAD MAX — AS MOTOS DA MORTE
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

PAPILLON
(m. 12 anos)
Ciclo Dusty Hoffman
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

A NOITE USA LIGAS
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

A LENDA DA FLORESTA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(m. 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

Audio visual Lisboa/86
DIVINA LOUCURA
(Int. a m. 13 anos)

Gemini
— T. 734009

A DIFICIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

OS VENTOS DO HOLOCAUSTO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

DUELO IMORTAL
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134

VENTOS DO HOLOCAUSTO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

DUELO MORTAL
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Sala 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

A FIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

LOUISIANA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

A VINGANÇA DO LEOPARDO
(Int. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

ORGIAS SEM LIMITES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(m. 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305

COMANDO LEOPARDO
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O JOGO DO FALCÃO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2

INTRIGA EM FAMÍLIA
(n. acons. m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ELEVADOR
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45 19.00 e 21.30 h
DO FUNDO DO CORAÇÃO
23.30 h

Sala 4

O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A ESPOSA COMPRADA
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

BORRACHO CHOQUE... PARA MENINA CHIQUE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

TRINITÁ E SARTANA CONTRA-TODOS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

A DIFICIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
(n. acons. men. 13 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Voxmania

ROMANCE EM NOVA IORQUE
(m. 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
— T. 368480

ASSALTO AO PARQUE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Topa Gun - Ases Indomáveis», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Lua de Mel com Fantasmas» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Momento da Verdade II», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Os Salteadores da Selva Perdida», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — Descanso

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Momento da Verdadfe — II», às 21.30 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Pacto Súbito», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «A Fábrica das Loucuras», às 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Voando Sobre um Ninho de Cucos», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. men. 18 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Assalto ao Parque», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Jovens e Apaixonados», às 15.30 e 21.45 (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Braço Forte da Lei», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Duelo Imortal», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Voluntário à Força», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Cobra», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Os Salteadores de Atlantis», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Nova Iorque Fora de Horas», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Top-Gun — Ases Indomáveis», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 16.15 e 21.45 h (m. 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Rei da Comédia», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «A Cor Púrpura», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «A Arca do Jogo», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Desaparecido em Combate», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **RATO: D. João V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica**, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **DAMAIA - AMADORA: D. João V**, Av. Padre Bartolomeu de Gusmão, lote 30, loja C; **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALVALADE - POTE DE ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPo GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 86 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244 (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16, Fogueteiro (T. 2243729). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previência (T. 2472948). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 2810440). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; **Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9262006). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim (T. 9230456). Permanente.**

DL TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Castelo

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h

"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h

"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Praça de Touros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30, 5.ª, 6.ª e sábado às 16.00. Domingos e feridos às 15.00 e 17.30.

CIRCO CHEN

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Coliseu

Tel. — 36 19 97

Todos os dias da semana, às 16.00 e 21.30; domingos e feriados, às 14.30, 17.30 e 21.30; dias de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

CIRCO DO NATAL

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**NO REINO DA FANTASIA**«. Pelo TIL.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT**«, de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta **"TODA A NUDEZ SERA CASTIGADA»**, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000

De 3.ª a sáb. às 21.00; domingos só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**» de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Interp.: Rui Mendes, Júlia Correia, Julia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Breia, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**MEMÓRIAS DE UM CORPO**«, de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalheiro. Interpretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**O JOGO DO AMOR E DO ACASO**«, de Marivaux. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Intérpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Óscar Branco, Rosa Quiroga e Teresa Nunes.

Teatro Mazum — Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

«**A RUA DOS FANTASMAS**«, de Javier Vallatañe.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

De 5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«**GEORGE DANDIN**«, de Moliére. Pela Companhia de Teatro de Almada, Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite. Interpretação de António Assunção, Adelaide João, Carlos Gonçalves, Alfredo Sobreira, Ema Paul, entre outros.

Circo Cardinali

P. de Espanha

Todos os dias, às 21.30; 5.ª e sábado, às 16.00; domingo e 2.ª, às 15.00 e 17.30

Circo português, 14 atracções internacionais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**«, de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Variedades

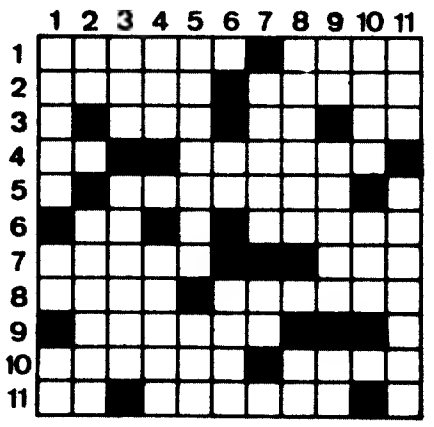
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 900



HORIZONTAIS:

1 Celebrar em verso. Enxerga.
2 Levantais. Surripiem (pop).
3 Olé. Prefixo de privação. Preposição e artigo.
4 Reis. Nome dado ao pároco, em algumas freguesias.
5 Pesarosos.
6 Crómio (s.q). Deste modo.
7 Chiadas. Rogo.
8 Concha da balança. Aplanar.
9 Ratazana.
10 Casebre. Em que lugar.
11 Milímetro (abrev). Campónio.

VERTICAIS:

1 Viatura. Duzentos em romano. Centímetro.
2 O mais. Lastimam.
3 Recusa. Dobrada.
4 Sinal ortográfico. Macacos americanos.
5 Guarnecias de asas. Freguesia do concelho de Alenquer.
6 Pertences. Anual.
7 Reprovação (fig). Nota musical.
8 Retruques. Interjeição brasileira.
9 Amónio (s.q). Restos mortais. Em o.
10 Dividir ao meio. Cólera.
11 Patrão. Tornes morno.

Resolves completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 899**

HORIZONTAIS:

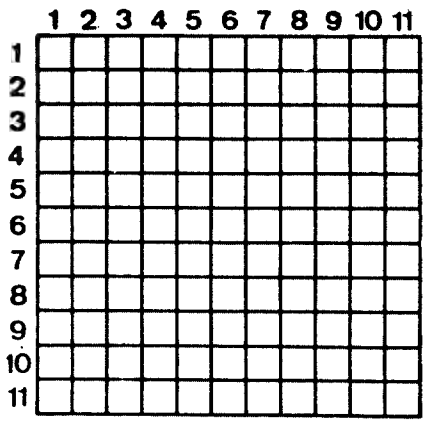
1 COMER. Baú. À.
2 Uman. Pandas.
3 Sacar. Rios.
4 Trama. Ás.
5 Comparada.
6 Puros. Unam
7 Pá. Asila. Sá.
8 Aturo. Tio.
9 Eras. Ror.
10 DC. Agrada.
11 AAA. Amasses.

VERTICAIS:

1 CUSTA. Pã. Dá.
8 Omar. Pateca.
3 Macacu. Ur.
4 Enamoraras.
5 Ramosos.
6 Psi. Am.
7 BARBA. LONGA.
8 ANI. Ruai. Rs.
9 Udo. An. Trás.
10 Asadas. Ode.
11 Ás. Samarras.

PROVÉRBIO: Comer à custa da barba longa.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 729



HORIZONTAIS:

1 Dama castelhana de rara formosura por quem D. Pedro I se apaixonou perdidamente. Coragem.
2 Pancada do relógio. Lenha.
3 Fecha as asas para descer mais depressa. Alternativa. Centiare.
4 Utensílio doméstico. Antigo superior de convento. Reis.
5 Aperfeiçoara. Acreditas.
6 Cólera. Sufixo que designa estado. Cidade da Holanda.
7 Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico. Arsénio (s.q).
8 Post scriptum. Gavinhas.
9 Ecoasse. Nota musical.
10 Caminhar. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah: oh:
11 Homem que só tem um olho (pl). Amónio (s.q).

VERTICAIS:

1 Actor e cineasta inglês autor de «Luzes da Ribalta» e criador da personagem cómica «Carlitos». Textualmente.
2 Preposição e artigo. Oásis. Rio de Itália.
3 Senhores. Cidade de Itália.
4 Ilha pertencente à província de Macau. Nome de astro.
5 Gabas-te.
6 Preposição e artigo (inv). Palmeira da Amazónia. Dê pios (inv).
7 Filtro. Rénio (s.q). Nota musical.
8 Político britânico e um dos protagonistas da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.
9 Preposição e artigo (inv). Batráquio. Ilha da Polinésia.
10 Acredites. Autores.
11 Atravessas. Víscera dupla.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 728**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Paval. Saras.	1 Passa. Calas.
2 Ape. Ela. Ede.	2 Apares. Ro.
3 Sama. Asir.	3 Vem. Rim. Ame.
4 Sr. Rs. Gotra.	4 Arem. Ciar.
5 Aérea. Ias.	5 Lé. Saura. Rã.
6 Simularas.	6 Lo. Lata.
7 Ramos.	7 Sá. Gramais.
8 Au. Catar. La.	8 Ao. Ror. Aa.
9 Aí. Ai. Ag.	9 Réstias. Li.
10 Armar. Salvo.	10 Adiras. Lava.
11 Soeras. Aias.	11 Serás. Magos.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginario. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.37**: Grandes intérpretes; **17.00**: As sonatas, para piano, de Schubert; **17.25**: Música de bailado; **18.00**: Quarteto, em lá maior, K. 464, de Mozart; **18.40**: «Stabat Mater», de Rossini; **19.40**: Trio, n.º 1, em si bemol maior, opus 99, de Schubert; **20.20**: Sonata, nº. 5, de Henk Badings; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: A oratória; **23.45**: Música de tecla; **00.15**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultado; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; **14.00**: Peça-nos em directo; **15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo (97,4 MHz)

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando

«O Pequeno Inventor», «A Familia do Lago» e «Feira de Bonecos»

18.50 - Par ou Ímpar
19.20 - Debate do Orçamento do Estado e Grandes Opções do Plano
20.00 - Telejornal
20.30 - Boletim Meteorológico
20.35 - Direito de Antena

«Partido Social Democrático » e «Associação Portuguesa de Jovens Advogados».

20.50 - Viver a Vida

14ºEpisódio: - Marcelo e Eduarda acabam por revelar um ao outro a paixão que sentem. Saboya está muito preocupado com os clientes. Marília e Rodolfo estão próximos... Estes encontros sem a Eduarda perdem a graça toda. Ela é que não quis vir, diz Marília. Rodolfo bebe bastante ao longo da reunião o que o leva a ser agressivo para Marília. Encobrindo um plano, Rodolfo liga para Eduarda convidando-a para ir à festa. Por sua vez ela liga para Marcelo. Nem tudo se irá passar como Rodolfo previu: Marcelo e Eduarda entram e Rodolfo está perplexo: com a presença de Marcelo. Marly, com cuidado, para não acordar Geraldo, liga para casa dos Saboya e fica a saber que Marcelo saiu com Eduarda. Repentinamente apercebe-se de tudo e as làgrimas rolam-lhe pela face.Denise conforma-se e Marly continua a chorar, Saboya dá pela presença de Eduarda e de Marcelo e fica contente. Ao chegar a casa, Marcelo tem o cerrado aperto de Marly que revoltada e chorosa pede explicações. Marcelo torneia a situação o melhor que pode e acaba por ganhar; a paixão de Marly é forte realidade. Algum tempo depois Saboya pergunta a Marcelo onde é que mora. Este responde-lhe que compartilha o apartamento com mais quatro pessoas. Saboya mostra compreender a situação e diz-lhe que lhe vai dar um aumento considerável porque ele merece; além disso, reconhece que Eduarda tem um fraquinho por ele e no fundo, confessa-lhe que está a fazer nele um investimento. Quero vê-lo no topo conforme disse ao Henrique . Marcelo diz a Marly que tem de ir à terra ver os pais. Marly como qualquer mulher apaixonada acredita... Só que Marcelo esqueceu-se de avisar Marly que ia à terra com Eduarda.

21.30 - Europa

«Choque Salutar»: - A opção europeia dos Portugueses, nos aspectos político e económico é o tema principal deste programa Europa.

22.05 - Telemundo

A Cee e os Estados Unidos impuseram recentemente sanções económicas contra a África do Sul, como forma de pressionar o governo de Pretória a realizar reformas políticas e sociais a acabar com o «apartheid».

22.40 - Kane e Abel

2ºEpisódio: - Os caminhos de Kane e Abel cruzam-se pela primeira vez quando o segundo, que safra da Europa, emigrara para os Estados Unidos e está empregado num hotel em Nova Iorque, atende Kane que, tendo concluído os estudos em Harvard, celebra a sua nomeação para um cargo no banco pertencente à família.

A mãe de Kane casa-se então com David Osborne, um homem de negócios algo duvidosos e que inspira pouca confiança, que a convence a investir grande parte da sua fortuna em empreendimentos e negócios mal planeados. Apesar do casamento ter parecido na altura um facto irrelevante, Kane apercebe-se de que Osborne não passa de um oportunista, interessado apenas no dinheiro da mãe. Quando esta morre, de parto, pouco depois, Kane afasta-o da família e dos bens.

Intérpretes: Peter Strauss, Sam Neill, Ron Silver, David Dukes, Fred Gwynne, Tom Byrd , entre outros.

Realizador: Buzz Kulik

23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP2

15.02 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - O Mundo Selvagem
17.00 - Mocedades
17.55 - Você Sabia Que?
18.30 - Fama 4º Episódio
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
39º Episódio
20.30 - Uma Família às Direitas 14º Episódio

«5.ª Dimensão» é no 2.º canal, quando forem 20.05: já vai no episódio n.º 39

21.00 - Jornal das Nove
21.35 - A Quinta do Dois
23.30 - É de Ler

«Os Municipios Portugueses nos séculos XII a XVI» do Prof. Humberto B. Moreno

Amanhã

RTP1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.20 - Debate do Orçamento Geral do Estado e Grandes Opções do Plano
20.00 - Telejornal
20.25 - Boletim Meteorológico
20.30 - Viver a Vida
21.10 - Este é o Meu País
21.35 - Xailes Negros
22.35 - Hitchcock Apresenta
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP2

15.02 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - O Mundo Selvagem
17.00 - A Música dos Anos 60
17.40 - Circo
18.30 - Fama
19.20 - Do Paleolítico ao Romano
20.00 - Notícias
20.05 - 5ªDimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Contraponto
22.30 - O Bravo Soldado Schweick
23.30 - Uma Boa Ideia
23.40 - É de Ler

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

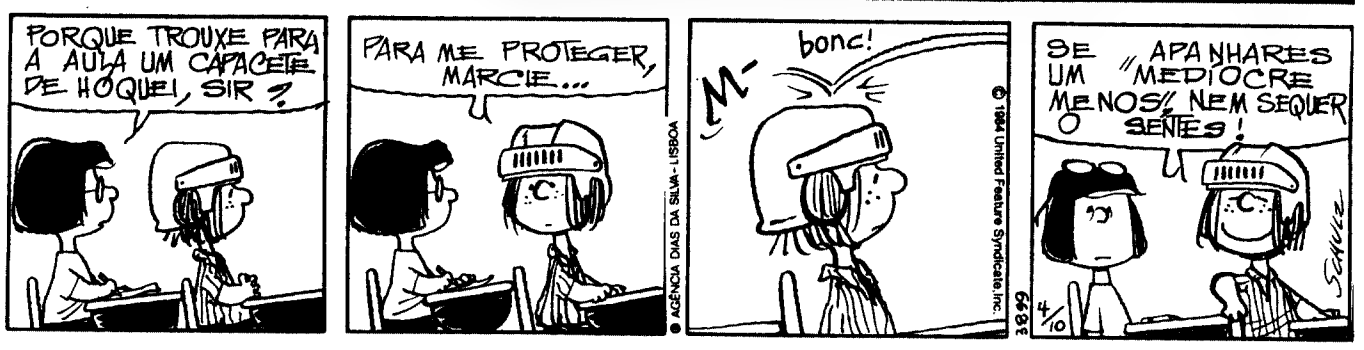
RTP1 Kane e Abel 2ºepisódio

RTP2 A Quinta do Dois

«Viver a Vida»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

DL



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.39	**4,30 m**	10.26	**0,90 m**
17.11	**4,00 m**	22.41	**1,10 m**
Dia 5			
05.29	**4,20 m**	11.19	**1,10 m**
18.04	**3,80 m**	23.32	**1,40 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	1º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	3º
PORTO	10º
COIMBRA	12º
CABO CARVOEIRO	–
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	10º
LISBOA	9º
ÉVORA	7º
BEJA	7º
FARO	12º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	12º
FUNCHAL	18º

Procurador terminou ontem alegações em Monsanto

Pedida pena máxima para Otelo

O delegado do Ministério Público no julgamento do chamado caso FUP/FP-25 pediu ontem a pena máxima de prisão para Otelo Saraiva de Carvalho e Mouta Liz, considerando-os mentores da «organização terrorista Forças Populares 25 de Abril».

O representante do Ministério Público terminou ontem a leitura da acusação que somou mais de 40 horas.

O Tribunal que julga este processo há mais de um ano, deliberou adiar a audiência até ao próximo dia 11, altura em que deverão começar as alegações dos defensores.

PS e PCP em "diálogo aberto" sobre problemas do Algarve

Delegações regionais de Faro dos Partidos Socialista e Comunista, lideradas respectivamente por Carlos Figueira e Castelo Branco, decidiram ontem à noite estabelecer um diálogo aberto» sobre os problemas de fundo do Algarve.

O encontro, que se realizou na capital algarvia a pedido dos socialistas, teve como objectivo passar em revista toda a problemática da região e estabelecer «posições convergentes» entre os dois partidos, na procura de soluções, segundo declarou à agência ANOP um dos participantes no encontro.

De acordo com a mesma fonte, tratou-se de um encontro de «grande importância» que decorreu com «cordialidade e muita abertura».

O contacto entre socialistas e comunistas foi o primeiro no Algarve, após o 25 de Abril de 1974, tendo ficado decidido a realização de um novo encontro com uma ordem de trabalhos mais específica, para aprofundar os problemas.

Socialistas de Loures contra vice-governador de Lisboa

A coordenadora Municipal do Partido Socialista em Loures denunciou, em comunicado divulgado à Imprensa, o que considera «acções prepotentes» do vice-governador Civil de Lisboa nos bairros da Assembleia Distrital da Pontinha.

A secção socialista afirma que, nomeadamente no bairro drº Mário Madeira, aquela entidade pretendeu «aumentar ilegalmente as rendas de casa, nalguns casos em mais de 1000 por cento».

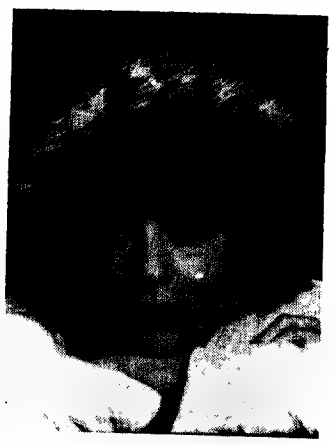
De igual modo, «sem critério e contra a Lei, tem vindo a intimidar os moradores daqueles bairros com acções de despejo, chegando ao cúmulo de pretender que alguns moradores passem a coabitar com terceiros que não desejam», refere o texto. «Estas situações iníquas», conclui o texto, «são contrárias aos moradores pobres e expressam uma politica inaceitável».

CCS recusa parecer sobre situação no "JN"

O Conselho de Comunicação Social considerou não estar habilitado a dar parecer sobre a nomeação de António Sérgio Lopes de Andrade e Albertino Almeida Martins Mendes para director e director adjunto do «Jornal de Notícias».

Trata-se de uma situação de impasse com que o CI se defronta, uma vez que o Conselho de Redacção não se pronunciou favoravelmente sobre aquela nomeação, embora tal atitude não envolva qualquer juízo depreciativo sobre os jornalistas em questão.

/D/E/C/A/R/A/S/



FERNANDO LOPES concluiu a rodagem de «Matar Saudades» com a filmagem de cenas de um «Auto de Paixão» tradicionalmente representado pelos habitantes da aldeia de Sonim, concelho de Valpaços (Trás-os-Montes). A rodagem deste último trabalho do realizador português decorreu dentro do prazo previsto de sete semanas. O filme deverá estar pronto para exibição em finais de Março de 1987.

MANUELA AGUIAR foi ontem informada em Genebra pela presidente da Comissão Federal de Estrangeiros da Suiça, com quem esteve reunida, que as mulheres portuguesas residentes naquele país vão ter «em breve» acesso a um programa de integração e educação. A secretária de Estado da Emigração disse que a responsável helvetica lhe garantiu igualmente que a comunidade portuguesa «terá em breve» um representante na Comissão Federal de Estrangeiros.

RUI VELOSO acaba de editar um novo álbum, o primeiro em três anos, e que tem como título simplesmente «Rui Veloso». O Lp, que será posto à venda no próximo dia 11, foi gravado e misturado nos estúdios de Paço de Arcos entre Abril de 1985 e Novembro de 1986, incluíndo 11 temas originais, entre os quais o actual single «Porto Covo», que abre o álbum. Outros temas de «Rui Veloso», que esteve para se chamar «Os Vês pelos Bês», são: «É Triste Ser-se Crescido», «Cavaleiro Andante», «Directo à Cabeça», Valsinha das Medalhas», «A Origem do Mal», «O Negro do Rádio de Pilhas», «Porto Sentido», «Beira», «Champanhe» e «África».

BAPTISTA-BASTOS foi esta semana contactado por um representante da editora norte-americana «Randon House», no sentido da publicação do seu livro «Viagem de um Pai e de um Filho pelas Ruas da Amargura» nos Estados Unidos e na Inglaterra. Este livro do jornalista e escritor é considerado pelo professor Óscar Lopes, no posfácio, «o livro dos livros novelísticos da geração de Baptista-Bastos, se não de toda a literatura portuguesa de aquém 1950».

JERRY LEE LEWIS, intérprete de rock and roll, de 51 anos, teve que ser hospitalizado numa clínica de Nashville para uma cura de desintoxicação de calmantes. Lewis, que também teve problemas de alcoolismo, tomava diariamente, desde há anos, calmantes para diminuir uma dor muscular nos braços. Um porta-voz do artista disse que Lewis será transferido para uma clínica num rancho da Califórnia, para desintoxicação completa.

MARIA JOAO PIRES sempre realizá o recital de piano programado para sábado, no Teatro São Carlos, pelas 21.30 horas, confirmou o Círculo de Leitores. A pianista, apesar de ter sofrido uma doença súbita no passado fim-de-semana em Zurique, estará no Palco do S. Carlos sábado à noite, para interpretar obras de Smetana, Mendelssonhn e Schumann. Trata-se de um concerto em que Maria João Pires será solista, participando ainda a orquestra do Teatro de S. Carlos, sob a direcção do maestro Werner Geissberger. No intervalo, o Círculo de Leitores, que assinala o seu 15º aniversário, entregará o seu Círculo de Cristal ao dr. Azeredo Perdigão.

Sem vítimas

Explosão de bomba numa escola de Leiria

Um engenho de fraca potência explodiu esta manhã, às 8 e 25, num caixote de lixo colocado no interior da Escola Secundária Rodrigues Lobo, em Leiria. A deflagração, que não provocou vítimas, ocorreu à hora em que os alunos se preparavam para iniciar as aulas, tendo gerado algum pânico. Um porta-voz da PSP daquela cidade disse tratar-se de um engenho artesanal de combustão lenta ou mesmo de um conjunto de bombas de Carnaval.

Pneu de "Boeing" da TAP rebentou

O pneu direito do trem principal de um «Boeing 737» da TAP rebentou ontem de manhã, cerca das 10 e 55, no Aeroporto da Portela quando o aparelho percorria a pista para deslocar de Lisboa para Milão. Um informador da transportadora aérea nacional disse não se ter registado qualquer pânico nos 116 passageiros que seguiam no aparelho.

Assassínio em Muge foi na Rádio Renascença

A GNR revelou esta manhã que o assassínio de um sexagenário na região de Muge, a que ontem fizemos referência, ocorreu no interior da vedação dos emissores da Rádio Renascença e não da RARET (Rádio Europa Livre), como inicialmente foi noticiado.

O presumível autor do crime, Hilário Nunes, residente em Glória do Ribatejo e já detido, utilizou uma caçadeira, propriedade daquela emissora, sendo a vítima um indivíduo de 66 anos, natural de Granho, Muge.

"DL" elegeu novo CR

Os jornalistas do DL elegeram novo Conselho de Redacção no passado dia 27 de Novembro. O CR do DL tem a seguinte constituição: Áurea Sampaio, Clara Viana, Daniel Reis e Eugénio Alves.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA» SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 282

Cesário Verde, o bucolista do realismo

Em homenagem a Cesário Verde, no centenário da sua morte, a Colóquio-Letras dedicou-lhe o seu último número, que acaba de sair com data de Setembro. Com a devida vénia, o Ler Escrever reproduz aqui o artigo do prof. Hélder Macedo, especialista de Cesário, incluído nesse número especial.

QUE o contraste entre a cidade e o campo é central à obra de Cesário Verde ficou demonstrado em estudos fundamentais de David Mourão-Ferreira e de Joel Serrão. Joel Serrão vê nela «uma jornada poética [...] que começa no campo e se dirige à lenta revelação da cidade«[1], sinalizando assim a evolução da obra de Cesário no sentido oposto ao anteriormente observado por Mourão-Ferreira como representando a «trajectória» de um poeta que «*fora* um enamorado da cidade» mas que, no momento de viragem decisiva cristalizado em 'O Sentimento dum Ocidental', ao conhecer melhor a cidade, deixou de o ser[2].

Numa leitura alternativa — que, naturalmente, beneficiou do conhecimento desses dois estudos — eu próprio considerei o contraste cidade-campo como a antinomia estruturante da poesia de Cesário, entendendo no entanto esses dois pólos menos em termos da progressão de um para o outro do que ao nível da significação de cada um deles. Assim entendidos, «cidade» e «campo» passariam a representar duas séries de associações semanticamente opostas: as negativas correspondendo à cidade e as positivas ao campo[3].

Essa polarização semântica é verificável logo nos poemas de juventude de Cesário e, muito particularmente, em 'Setentrional' que, apesar de evidentes hesitações de tom, já prevê a temática fundamental da sua obra mais madura. O poema faz a narrativa de um idílio no campo da perspectiva da cidade onde esse idílio é recordado. Assim, se o poema for tomado como um ponto de partida — como cronológica e tematicamente se justificaria, —, é possível ver nele tanto o início de uma viagem da cidade para o campo, com base na sua perspectiva narrativa, quanto do campo para a cidade, com base na sua matéria narrativa. Mas entendidos como pólos de uma articulação contrastiva intrínseca ao poema, cidade e campo passam a representar dois níveis diferentes de percepção, convergindo para caracterizar um *aqui e agora* através de um *além e então* — o que, se permite concordar com o predomínio inicial da cidade na obra de Cesário observado por Mourão-Ferreira, é pelas mesmas razões que tornam difícil aceitar que o poeta tenha começado por ser um «enamorado» dela. Da perspectiva da significação de 'Setentrional', a cidade — como a confinadora «Babel» de onde o poeta e a amada tinham fugido juntos para de novo se verem separados em equivalentes emparedamentos — é o lugar real e presente do não-amor; e o campo — como o tempo-espaço ideal e ausente de «um amor grande como um mar sem praias» — é a sua caracterização contrastiva, a sua avaliação crítica e, em suma, a sua metáfora antinómica.

Em termos histórico-literários, foi sempre essa também a função semântica do campo na tradição pastoril desde quando Teócrito recordou a simplicidade rural da sua mocidade siciliana da perspectiva da artificialidade urbana de

Continua na pág 6

Jrupe Emigrilian para a semana

O folhetinista do Ler Escrever, que perdeu o seu Verão para alimentar o seu «Um é Outros», solicitou-nos uma minguada trégua semanal, que em consciência lhe não podemos recusar. O policial do Ler Escrever regressa na próxima semana, terminadas que estarão as férias-relâmpago de Jrupe Emigrilian. Aos fãs, no entanto, aqui ficam as desculpas da praxe.

O Diário de Trabalho de Bertold Brecht

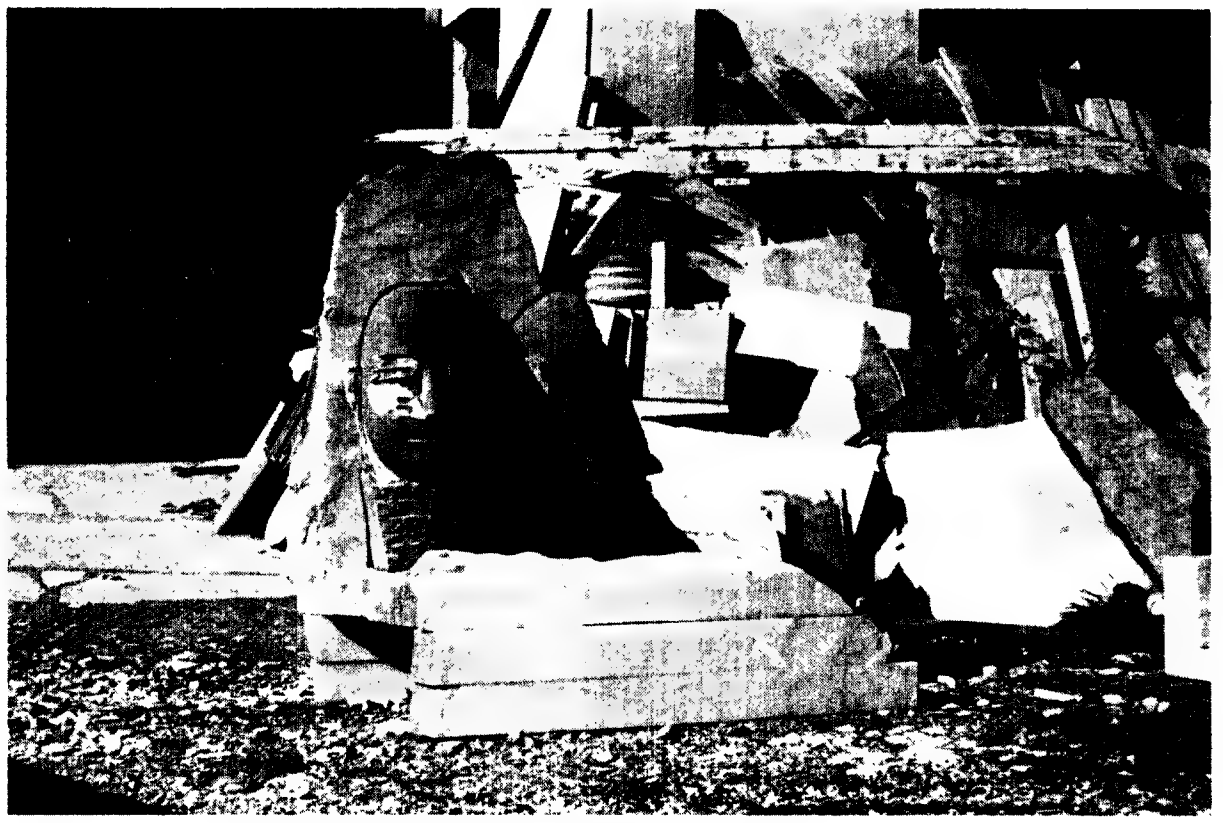
Pág. 3

Acabados de chegar

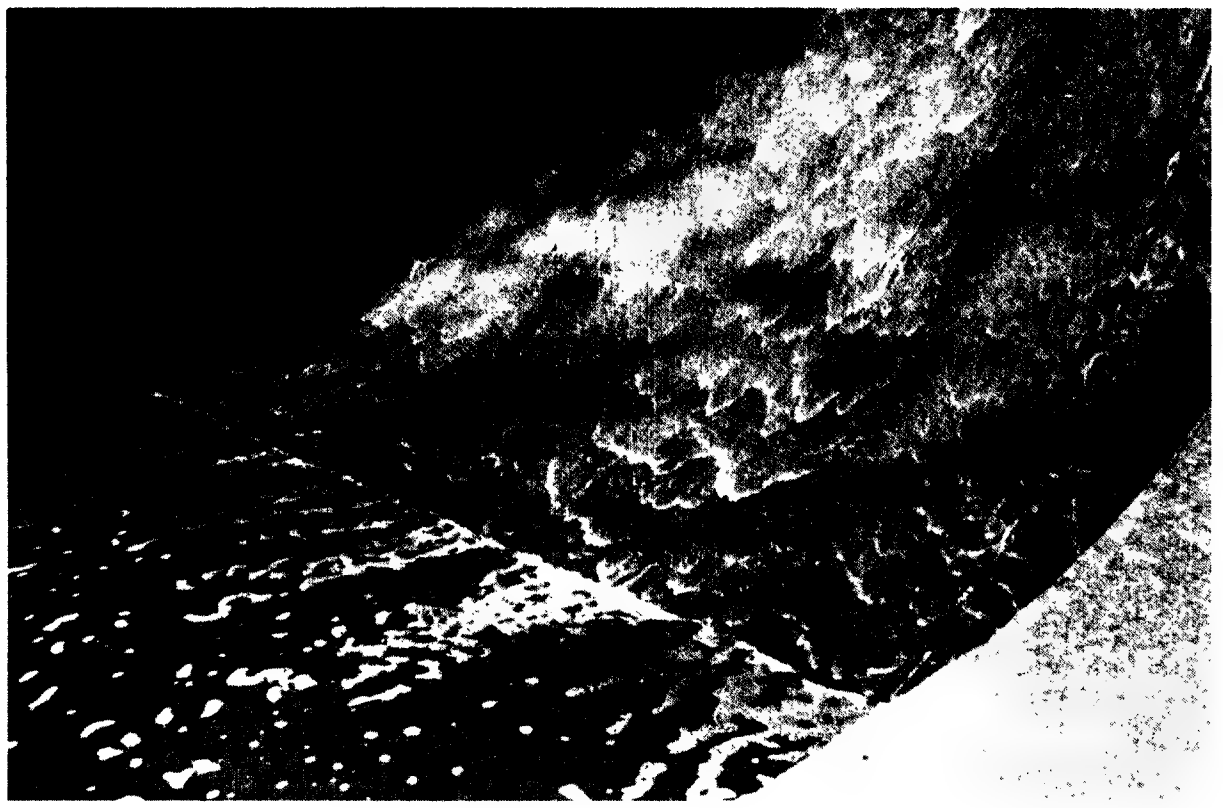
Pág. 8

Dois jovens expõem em duas galerias lisboetas, a Pórtico e a Cómicos. O Ler Escrever dá-lhes o destaque que o seu trabalho merece.

As novas esculturas de Sérgio Taborda e Cristina Iglesias



Sérgio Taborda expõe mármores na Pórtico



Cristina Iglesias: a nova escultura espanhola na Cómicos

Cruz Filipe: a linha quebrada

É na absoluta falta de pensamento que encontramos a poesia, como assim na absoluta falta de vida.

António Maria Lisboa

Talvez seja errado, perante um objecto (seja qual for — por exemplo, a recente exposição, **no Centro de Arte Moderna** da Fundação Gulbenkian, de Cruz Filipe), dele querer dar (ou pedir) uma interpretação (imagem) cerrada, fechada.

Não tem que suceder necessariamente isto: a função de um objecto, apesar das nossas pretensões do Sujeitos (mas não tanto de ser seus sujeitos, de lhes ser sujeitos — de acordo com o antigo sentido de «súbditos»), talvez seja a de constantemente nos escaparem, de nos fugirem, de ante nós surgirem com a figura do Grande-Contradictor.

O carácter em certa medida panorâmico (porque permite um ponto de vista até certo ponto recuado, retrospectivo) da exposição de Cruz Filipe, se por um lado coloca o seu objecto como **problemático** — dando-lhe também o apoio possível (teórico) de ser recoberto por uma problemática (ou o seu substituto, um discurso) — não o faz, contudo, com a intenção de o tornar conclusivo.

Comecemos com três quadros que, colocados não muito separados uns dos outros, nos permitem pelo menos intuir esse ponto de vista problematizante, retrospectivo da exposição: «**Intervalle du temps**» (1982), «**Distância interior**» (1981) e «**Linha quebrada**» (1983).

Se o intervalo de tempo de espelhos do 1.º quadro se abria (ou fechava) para o interior (para o **lugar do Rei:** o «hors-cadre» dessa pintura), a 2.ª tela-«Distância interior» — exterioriza, como íntimo, o que na 1.ª tela é dado, simultaneamente, como especular, fantasmático, e nesse estrito sentido, perdido. A distância (reflexo) interior é o que permite a exteriorização, a apresentação, a visualização como espectáculo do que, no íntimo, é pura Representação (reflexo, **mise-en-scéne** interior).

«Eco — escreve Eric Blumel — não constitui a linguagem do mesmo, ela introduz uma outra linguagem, a linguagem do Outro. Ela introduz a pura diferença como aquilo que constitui a condição mesma do funcionamento simbólico» (E. Blumel, «L'Hallucination du double», in ORNICAR?, **Analytica 22). Se os olhares na 1.ª tela divergem para o exterior (pela janela), e parecem ignorar (ou não o quererem ver) o espelho (que, por isso, não deixa de estar ainda mais presente, ao centro: os olhares confirmam a sua ausência como presença, como o lugar d'oiro,** inocupado, vazio, que só a in-consciência dessa ausência centra), o olhar do modelo, no segundo caso, mesmo que inclinado, enviesado, exterior à representação da representação na tela, fixa essa imagem, e a Representação, como uma cena sempre **exterior.** Lacan: «É da inclinação do espelho que depende que a imagem se veja mais ou menos perfeitamente (...) e isso representa a difícil acomodação do imaginário no homem. Podemos supor que a inclinação do plano-espelho obedece à voz do outro. O que não se verifica no estado de espelho mas que mais tarde se realiza, através da nossa relação com outrem, ou seja, no seu conjunto, a relação simbólica (Lacan, **Séminaire I,** cit.º por Yves Depelsenaire, art.º «Miroir et Mélancolie» do mesmo n.º de **Analytica,** que possui o título genérico **La Perspective et le Temps).**

Duplo modo como se pode colocar a questão da representação (ou dessa relação interior/exterior) na pintura que, de qualquer modo, nos é dado, do nosso ponto de vista, talvez mais satisfatoriamente **irresolvido** na tela referida: «**Linha quebrada**».

Ela é a nossa aresta no espelho. Quero eu dizer que no espelho só há (enfim, simplifiquemos a vasta gama dos processos alucinatórios) uma maneira de nos reflectirmos: como uma superfície. Melhor, como a fatal linearidade (aresta: linha acerada, cortada) de uma superfície.

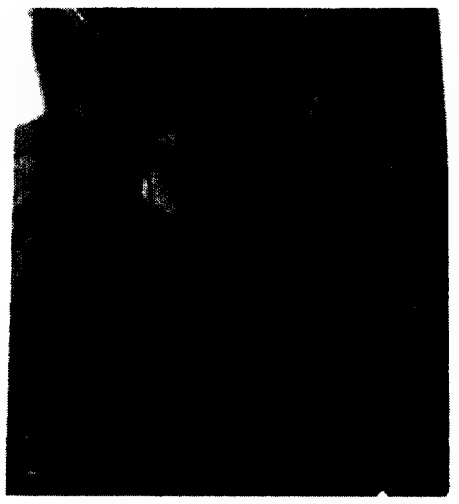
Nesta tela, o que mais nos interessa não são os dois «semelháveis» («semblantes»: a imitação de uma imitação) de Representação que lateralizam o quadro, mas o que eles, no seu desdobramento, nunca iludem: a aresta, a superfície (seja, a pintura), que a linha (o volume, a tridimensionalidade do real: a questão do modelo) fractura. Onde havia um modelo (um volume: essa aparência táctil) o que nos deixa a pintura?: uma linha de tangência, de fractura, i,e., uma superfície. Portanto, e sempre, uma **linha quebrada.**

Entre as duas representações/imagens (uma que remete mais para a História, a história da pintura como imaginário e a outra que remete para o modelo como um processo de **encarnação,** i. e., de doação de «realidade», carne, imaginária), aquilo que ante o nosso olhar mais visivelmente se apresenta é aquilo que eu vou designar como uma **dupla falta** (fractura: fissura). Momento de quebra (ausência) duplamente marcado: 1.º, através do motivo do muro central, espelho branco ou não-espelho (se se quiser, mas talvez não seja também assim tão simples, o lado mercúrio do espelho), 2.º, através da dobradiça negra (secção de prisma, dupla) que separa os dois brancos da parede, ausências. Se o espelho é duplo não é só porque nada se reflecte nele (esse espaço em branco, écrã, está lá mesmo para ser disponível), mas porque o excesso (do defeito) da Representação assinala apenas o seu nódulo mais resistente e duro (o da dobradiça). Escreve ainda Eric Blumel (a citação é um pouco mais longa, mas vale a pena): «Quando esse lugar vazio delineado pela imagem especular, esse espaço que é ao mesmo tempo o espaço da falta, o espaço do objecto-a (lacaniano), se vê ocupado, manifesta-se o **Unheimlich** (a Inquietante estranheza), a angústia. Na imagem espetacular não há imagem para esse lugar, não há imagem da falta; no entanto, se por acaso qualquer coisa aparece nesse lugar e **faz-imagem,** então a própria falta **faz-imagem,** constitui-se uma imagem da falta e o que acaba por faltar é a própria falta. Então, temos a angústia (...) É preciso que esse lugar permaneça vazio para que o desejo perdure como o desejo causado por aquilo que falta (...) (art-cit.º).

A dobradiça é, assim, o **nó-duro** do espelho: não só o seu suporte mas, o que é talvez mais importante se pensarmos na pintura de Cruz Filipe e no seu método de desmultiplicação baralhante das imagens, aquilo que no próprio processo de desdobramento encadeia as imagens (prende: sobre si mesmas as cega nos seus desvios e ausências) e as fracciona/fractura. A questão que se põe é, claro, a da referência ao Uno, ou ao seu desdobramento mítico, Narciso: mas, desenganem-se, Narciso, aqui, não se reflecte porque, por um lado, sente sempre o apelo de Eco — e por outro, as suas imagens fragmentam-se sempre, melhor, **seccionam-se.**

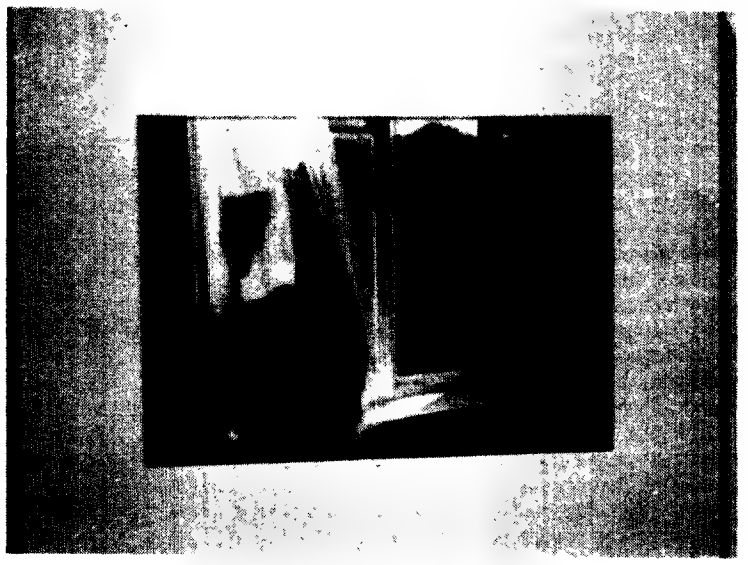
Uma estranha mesmitude

Talvez não interesse muito referirmo-nos, aqui, de novo, aos processos de



«Les portes s'ouvrent sur les miroirs» (1985)

«Feu du soir sur toutes rives» (1986)



«Vertigo» (1985)

conglomeração («Les liaisons dangereuses», «L'ombre du silence», «Le chant des possibles») ou de **inserts** («La porte étroite», «la mer ferme ses ailes») de diversos universos de referência nas (e das) imagens, processos que, frequentemente, lhes comunicam o aspecto descontínuo e baralhado de **puzzles** (cf. o nosso art.º «Cruz Filipe: como fazer o vazio ou esvaziar o exterior de uma pintura», Sup. Cultural de **O diário,** 24/6/84).

Interessa talvez mais sublinhar como esses processos tanto podem conduzir à **acentuação do momento da descontinuidade,** e então o tropo proposto, do ponto de vista da interpretação (leitura), é um tropo do salto, a **Metáfora** (ou a Alegoria) veja-se, p. ex, deste ponto de vista, a legibilidade de «Vent de lumière»: em que sobre um fundo de cor, amarelo, contínuo, confluem as categorias da pessoa e da não-pessoa cuja relativa inconveniência se testa, conjuga), como, noutros casos, através de processos que aproximaríamos mais da **catacrese** (a ausência de um nome seria superada pela cunhagem de um nome impróprio). é essa descontinuidade que **involui,** caminha para dentro e produz efeitos de **cintilações** (em câmaras de rarfacção ou de quase vazio) súbitas (as telas em que é talvez mais detectável a referência ao romantismo alemão e a Friedrich). E ainda assim, essa cintilação poder-se-ia produzir num duplo sentido: para o exterior, **explosivo** («Répos glacé»: o que temos, depois, é um exterior que se escava para dentro — um desastre, como o da **Esperança),** ou interior, **implosivo** («Le sentier de la montagne», p.ex). Nos dois casos procurar-se-ia, talvez, menos produzir um efeito de «estranheza» do que por um **efeito de mesmificação** acentuar a estranheza (enquanto revelação) do Mesmo. Estamos a referir-nos a todo o conjunto das telas que toma como motivo o **Mar** e muito particularmente a «O espelho» em que o processo (em **insert:** o mar invertido no espaço aéreo, nas nuvens) de inversão, não se reduz à dialéctica dos «opostos» (contraditórios), mas acentua como **irreversibilidade** a textura in-amovível do Mesmo.

Em tudo isto, o importante talvez seja não erigir como única linha, de interpretação/leitura a tese, sedutora, da «coincidência dos opostos»: eles, aqui, não coincidem, mesmo se vêm juntos, e se con-incidem não é na tela que se resolve, como se ela fosse um «rébus» ou um puzzle, o seu aparente (contraditório ou não-contraditório) sentido. Ou opostos, pelo contrário, vêm juntos, por **precaução:** para que não coincidam (i. e, para que nenhum ao outro se inter-substitua). Ou seja, para que a **falha** se abra e a questão se ponha (ou se possa pôr) da (im-)possibilidade da não-vinda de um (nenhum) sentido (ou da pintura).

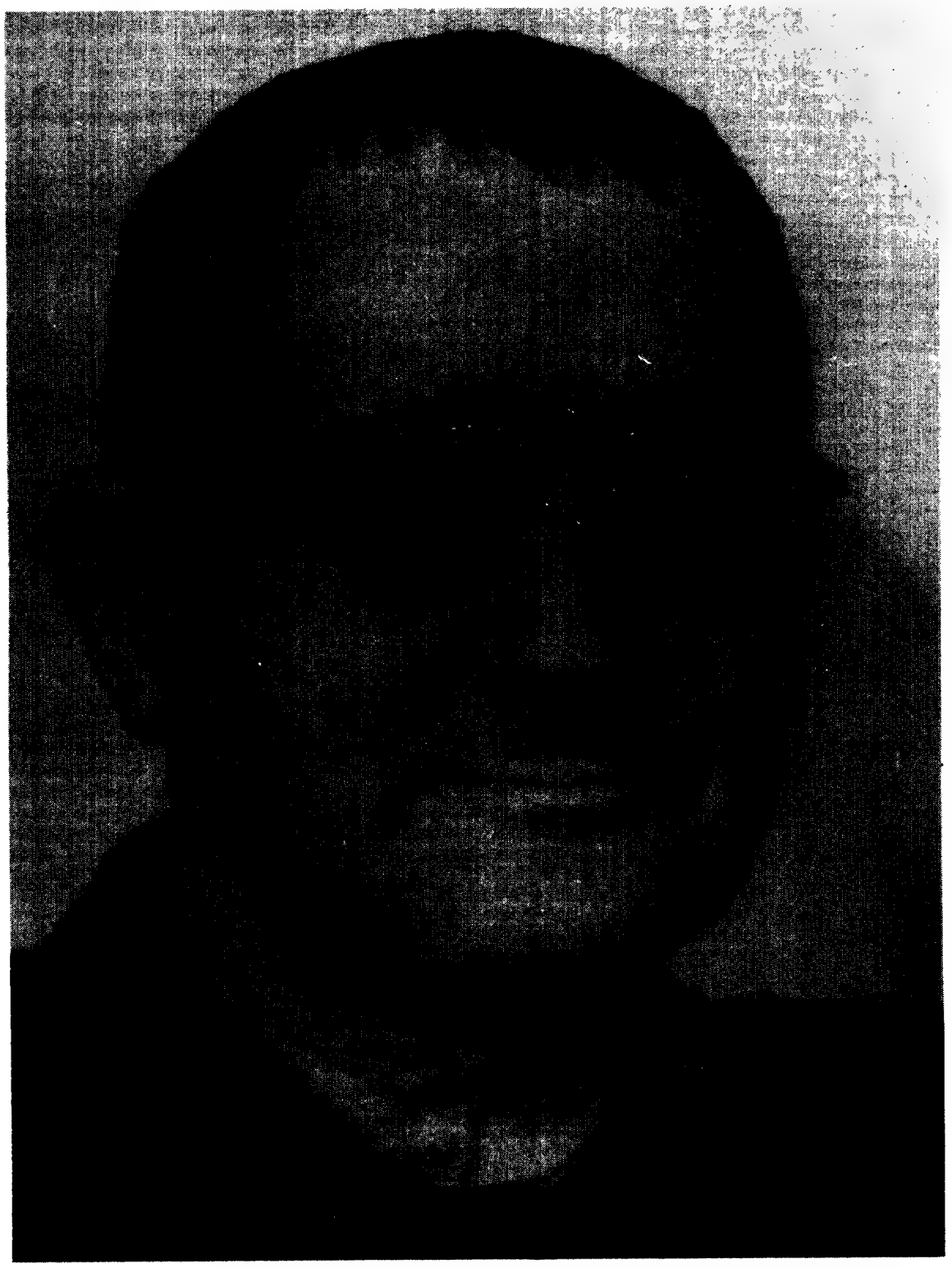
Talvez por isso esta pintura nos parece evoluir mais no sentido da **não-resolução** (ou da **irresolução:** como estética, parti-pris) das suas contradições internas e dos seus espaços (de Representação) de referência (seja, o binómio fotografia-pintura).

Queremos dizer com isto que nas pinturas mais recentes de Cruz Filipe (para nós, as posteriores à exposição da **Quadrum** em 1984) parece manifestar-se uma dupla tendência (postulação) que teria antes de mais que ver com uma **lógica da acentuação** (sim, de **extremação) os extremos** e da própria concepção da Representação (pense-se deste ponto de vista a sala — ou a exposição) como uma **unidade** à partida **cindida e partida.**

Por um lado, teríamos aquilo que à falta de melhor, e muito provisoriamente, designaremos como **puros blocos de pintura.** Simplificando algo que para nós é (de explicitar) muito mais complexo e difícil, diremos que à tendência (anterior) para a tela **ainda** se constituir ou apresentar como um **puzzle** (i. e, um mostruário de pedras, referências, suficientes para permitirem, garantirem — com relativa segurança, basta re-conhecer-lhes melhor ou pior os signos — poder aplicar-se-lhes uma leitura, um sentido) se viria agorar substituir (ou suceder) outra que as telas se apresentam, colocam, antes de mais, como **enigmas** (soletro: **puros enigmas de pintura**). Ao contrário do «puzzle», o enigma não contém em si suficientemente as suas regras de explicação, de saída (o problema «du puzzle» é sempre da ordem da memória — rememoriação das posições, das convergências, das peças — ou então o de alguma peça perdida. Outro problema ainda de memória: onde terá ela caído?) Vasco Graça Moura refere-se a um «fulgor enigmático» (do **Catálogo**) da pintura de Cruz Filipe, e o próprio autor fala em «desocultação» e de «signos de mistério» (idem), mas eu diria que a questão é muito mais cruelmente a de um objecto cuja economia é menos a de fusão do que a da **supressão** das relações intersticiais por onde aparente caminham e inter-comunicam entre si, por um jogo de sinais/relações a descobrir, os sentidos, pelo que estas obras **(objectos)** na própria medida em que se simplificam (sim, é o mesmo: **brutalizam**) colocam-se cada vez mais a si próprias não como problemas de interpretação (algo ainda resolúvel e da ordem do significado), mas como perguntas quanto às suas próprias **origens** (ou origem) — ou seja, incidindo não sobre o **como** mas sobre o **porque** significam (p. ex., «Les yeux verts et la voi pourpre», «Os gestos fora do corpo», «As dobras da noite», entre outras).

Continua na pág. 4

Sobre o Diário de Trabalho de Bertold Brecht



BRECHT, em Portugal, «está feito», e pelos vistos com agrado geral. O que infelizmente muito tememos nunca se fará no nosso teatro é a revolução que a teoria e a prática do poeta alemão implicam.

Entretanto (e agora não falamos no caso português, onde rareiam, até à quase inexistência, textos de reflexão, não só sobre Brecht, mas sobre a problemática do teatro em geral), muitos dos escritores e teatrólogos que ainda se dão ao trabalho de discorrer sobre o legado brechtiano, concedendo-lhe quase sempre um *satisfeccit* cheio de bonomia indulgente, propendem a considerá-lo como um bloco monolítico, sem contradições nem imprevistos, definitivamente catalogado. Outros, e são a maioria, procedem de modo mais sumário: separam o «teórico» do «prático», desligam o sistema da obra, insistindo no mérito desta em detrimento do valor daquele.

A admissão de Brecht no panteão dos escritores de «génio» pressupõe assim a operação prévia que visa reduzi-lo ao seu «talento», e eis como um artista exemplar, cuja actividade criadora se manteve sempre receptiva à vida dos homens e à sua aspérrima luta para transformar constantemente um e outra, é projectado para fora da história, definitivamente integrado na inefável constelação dos poetas universais.

Porém, não é sobre estes tristes casos que pretendo discorrer, mas sobre uma obra genial do pobre B.B.: o seu *Diário de Trabalho 1938-1955*, publicado na Alemanha por W. Hecth e logo traduzido em Itália, Espanha, Inglaterra e França, com um acolhimento irritado da crítica, no fundo satisfeitíssima por redescobrir, através do buraco da fechadura, num alarde de «inteligência» subtil, em Brecht «céptico sobre o valor dos sentimentos, desesperantemente pouco humano».

E tão enraizado o hábito de devorar «casos literários», mesmo que não existam, e a dá-los de pasto a um público ávido de rápidos consumos, que um diário como este não podia deixar de irritar: não tem curiosidades anedóticas, nem tricas de comadres, e tão-pouco nele se rastreará excrescências intelectuais ou exibições narcisistas.

Além, disso, como suportar que um escritor da estatura de Brecht não ponha a nu aqueles sugestivos recessos da própria interioridade onde o génio, numa ambiência de subtismatizados claro-escuros, se torna cúmplice do «humano, demasiado humano»? Como se poderia salvar um escritor que teve o desplante de sempre trabalhar para o comunismo, mesmo em «tempos obscuros», do óbulo com que pode gratificá-lo a indústria cultural, se não se consegue colher nas pregas recônditas da autoconfissão os sinais da capitulação, do desgosto ou da resignação? Estes comunistas — sejam ou não grandes dramaturgos — não têm alma, são áridos, descarnados, avessos à embriaguez (ou «magia»). De facto, o próprio Brecht o disse: «Até o mais mesquinho e mal enjorcado dos burgessos se torna uma espécie de artista depois de ter bebido».

É significativo que a leitura e a compreensão de Brecht sejam ainda tão obstinadamente condicionadas pela aversão «intelectual» a todos os que não se apresentam na cena de um «diário íntimo» segundo os rituais do sentimento ou do cinismo, do despudor ou da provocação fácil, do escândalo ou da invectiva, ocultando a sua «nudez» atrás de uma tinta de chocos feita de sofismas desenvoltos e de falso anticonformismo. Por outro lado, também é inevitável que Brecht desiluda sempre quem dele espere o piscar de olhos cúmplice («afinal, não somos todos socialistas?») ou pretenda desta «vítima da dialéctica» — como Pascal o foi do cristianismo — gritos de dor pela cultura ferida e de acusação contra os burocratas da RDA, etc.

Infelizmente, Brecht mantém-se refractário às interessadas mistificações intelectuais: o deu diário, tão sóbrio e enxuto, é uma espécie de balanço constelado de encontros, projectos, tentativas, reflexões, anotações teóricas. Ainda aqui a escrita se integra numa perspectiva rigorosamente funcional: a crítica, a meditação, a observação, o esboço de análise são condicionados pela exigência de *documentar* os momentos de uma experiência do real concebida como parte integrante do próprio ofício do dramaturgo. Estes momentos, contudo, não constituem pausas densas de arte adivinhatória, clarividências ou divagações solitárias no interior de um processo criativo dobrado sobre os mais íntimos recessos do autor soberano, antes se dispõem numa sólida rede de sondagens e induções.

Seguindo dia após dia o abrir de itinerários hipoteticamente praticáveis, vão-se formando os elementos «discretos» de um conjunto de solicitações concretas, valendo exactamente como fases descritivas de um pensamento que se entende a si próprio como «comportamento social».

Um pensamento, portanto, em luta permanente com outros pensamentos, que constrói o seu espaço expansivo através de uma contínua osmose de experiência e assimilações, de reconhecimento empírico e de abstracção dialéctica. Para Brecht, a quem as «visões do mundo» aparecem como «hipóteses de trabalho», é natural que as páginas de um diário possam transformar-se em veículo de experiências intelectuais, artísticas e políticas, filtradas em rigorosa aderência às condições históricas do presente e marcadas pela tremenda responsabilidade de quem não pode eximir-se à tarefa de fazer incidir a própria obra, o próprio ofício de escritor, nos nós problemáticos do presente.

Contradizendo o que ele próprio afirma acerca dos limites temáticos do seu trabalho, que apenas deveria ter por objecto a «literatura», Brecht recheia-o de notas políticas e acaba por amalgamar os problemas de prática teatral e dramaturgia com as derivações ideológicas dos temas mais propriamente políticos e sociais. Acrescente-se a isto que, como Hecht adverte no breve prefácio à edição alemã, o carácter de «comentário dos elementos relativos às suas obras» sofre «uma transformação após o deflagar da Segunda Guerra Mundial, que influiu de maneira determinante no destino pessoal de Brecht e na temática dos seus trabalhos literários». O comentário torna-se assim uma espécie de colagem adquirindo as características de *testemunho documental* (decerto não desinteressado, mas tendencioso) de *história contemporânea*. Contribuem em igual medida para este testemunho, de modos diversos mas funcionalmente complementares, a escrita e a montagem de fotografias e recortes de jornais, embora não exista uma correlação precisa e pontual entre anotações e «citações». São exactamente estas sequências de imagens e figuras gráficas que sublinham o carácter público e político do diário, onde as inscrições grotescas, catastróficas, sarcasticamente remetidas para os acontecimentos históricos que ocorrem na cena mundial, se tornam outras tantas aplicações do efeito de estranheza, *citações épicas capazes de romper a fechada intimidade do devaneio literário autobiográfico, o encanto burguês do journal intime*.

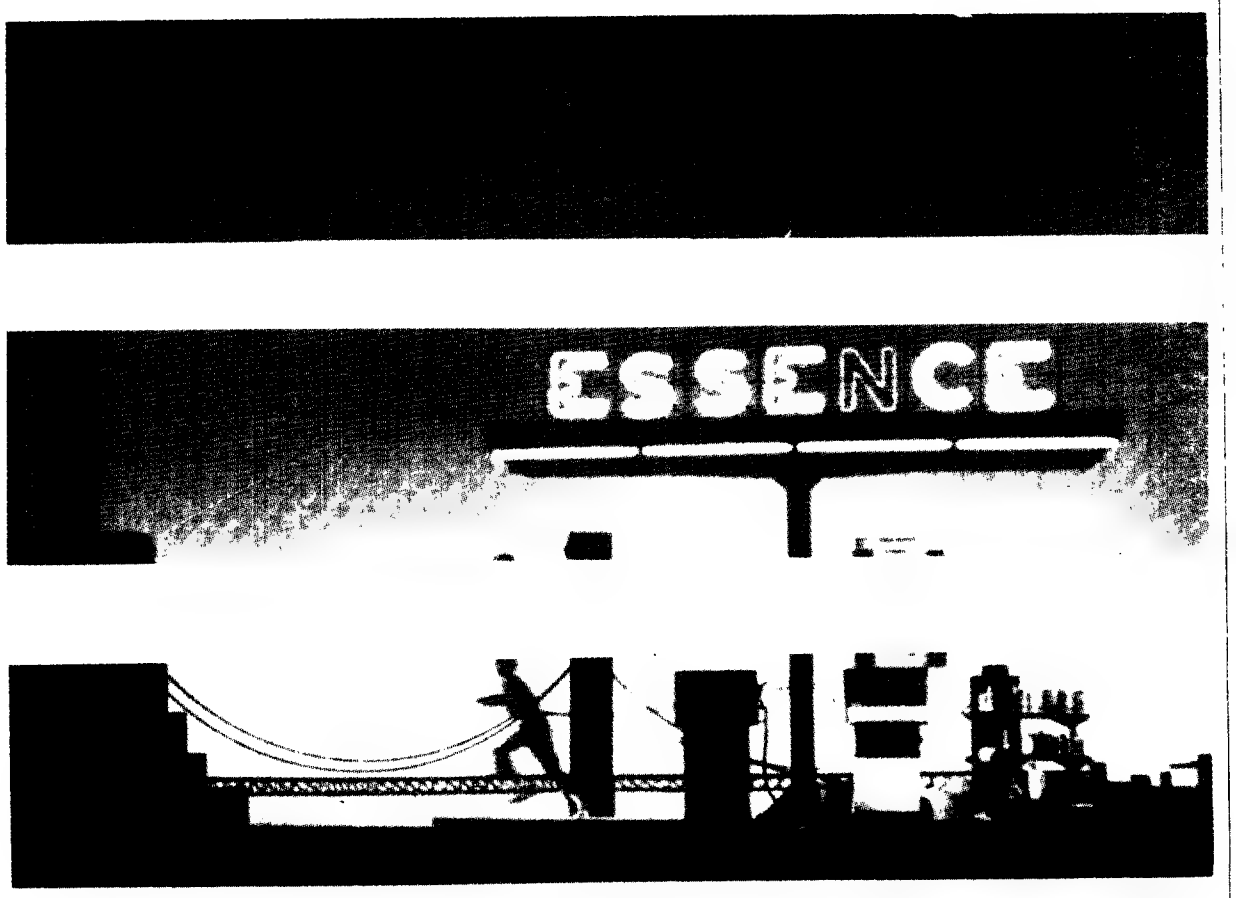
Brecht opera *como dramaturgo* até na redacção destes diários, onde é abolida a distância entre o laboratório do homem de teatro, entre os seus ensaios de experimentador e de encenador e os acontecimentos que não «deveriam» dizer-lhes respeito directamente, tais como o encontro de Mussolini e Ribbentrop ou o passeio de Hitler à frente Oriental. Trata-se de uma única cena onde as remissões, as analogias, os paralelismos são inevitáveis e os acontecimentos e as suas consequências na vida dos homens não entram misteriosamente, mas racionalmente, no universo do escritor. A existência artística rompeu definitivamente o círculo mágico que a isola do mundo da convivência humana, de onde derivam os estímulos do conhecimento e da própria procura ou experimentação criativa. «Quero descobrir — escrevia Brecht no *Messingkauf* — como nascem e acabam os seus (dos homens) empreendimentos porque o meu propósito é descobrir as leis que regulam estas actividades, de modo a colocar-me em situação favorável para fazer previsões.» Nesta perspectiva, a autobiografia intelectual do «pobre B.B.» abrange as áreas geopolíticas dos lugares do exílio, da Dinamarca à Suécia, da Finlândia aos Estados Unidos, reportando as reflexões políticas à luta contra o fascismo e à análise das contradições geradas pelo imperialismo e pelo capitalismo. A substância «passional» só transparece aqui e nos sóbrios testemunhos sobre a dolorosa experiência pessoal dos «erros» do estalinismo, como nas anotações de Janeiro de 1939, quando Brecht constata tristemente a dissolução das relações com certos amigos longínquos, desde o desaparecimento de Tretiakov à prisão em Moscovo de Kolzov, do obstrucionismo político contra Meyerhold até ao inquietante silêncio de Reich e Assia Lacis. Nem neste difícil momento, porém, se turva o sentido da sua escolha de campo, a sua vontade crítica construtiva de revolucionário. «Para os marxistas de fora (da União Soviética) — assim escreve — perfila-se uma atitude muito parecida com a de Marx em relação à social-democracia alemã: positivamente crítica.»

A imagem de Brecht não é um «clássico» a quem só importa progredir na realização da sua própria obra, sobre o fio de uma rigorosa «objectivação», mas a de um lutador infatigável ciente do «estado de angústia» em que vive, «lançado no centro do comércio mundial dos produtos embriagantes». De uma tal atitude, que se vale da crítica para inventar novos modos de «duvidar, verificar, organizar planos», deriva a lição do *Arbeitsjournal*, atravessado pelo instinto plástico da busca e da experiência incessante que constrói o sentido de um objectivo ou meta, até mesmo lá onde tudo parece investido por rajadas de destruição e de morte. Esse trabalho queima até ao fim, sem poses gladiatórias nem apelos parenéticos, tanto as escórias anárquicas da revolta como as mitologias consoladoras da velha inteligência liberal burguesa.

Dir-se-ia que também nestas páginas Brecht demonstra saber antepor à «bondade do velho» a «maldade do novo», cultivando aquele salutar «espírito de cisão» de que falava Gramsci.

Ernesto Sampaio

À luz de Kepler



A sensação de estar isolado será apenas uma sensação que emerge a partir do fundo da psique ou antes obedecerá a algo de concreto e real, que fulminante cerca e separa o sujeito dos acontecimentos morais e mesmo estéticos, com uma frieza e crueldade assustadoras? Mas o que é isto de estar a falar e a escrever de sensações, numa apologética da escrita intimista e pessoal, muito querida dos pensadores e artistas da literatura dos finais dos anos 80. Falo de Portugal, ainda penso em português. Se, por exemplo, dominasse a simbologia rúnica, manifestar-me-ia através de outras sombras do universo. Confinado pelo imaginário que se fixa ou se dilui assiste-se à progressão das esferas temporais com uma indiferença e atenção simétricas cuja máscara quer seja iluminada por um sentimento metafísico ou quer espelhe um acidente local testemunha sempre o mesmo valor de ordem sinergético. Interrompa-se o fluxo; a cor da bandeira é mais viva mais verde do que a loucura, ou de outro modo, do que o amor? É a transcendência destas questões que confere rigor e dignidade à existência humana. O pensamento. Pode tratar-se de um animal rutilante e quente com a sua pele suave e aromática. A memória definida sobre a gramática pela crueldade das formas, o traçado hierático da capital, dos rios, da neve. A ruína do sono com a textura fendida entre a respiração e a fobia da morte. Na ágora, o suicida, ante o espanto do povo que o cercava ignorante, crava a espada no coração. Logo se disse que se tratava de um estrangeiro. Ninguém soube, contudo, explicar como é que o cadáver se transformou num cisne e deixou um rasto branco no fundo do azul. Só Zeus e outras palermices aquietaram a insegurança e o temor do povo. Viro-me a Ocidente; do outro lado, segredam-me «Norte». Noutra latitude o espaço cósmico é tão profundo que o planeta Urano coexiste com a órbita da massa original. As curvas sinozoidais afastam o sol da sua revolução. Já não se pode dizer abertamente que se trata de esquizofrenia ou de outra psíquica, mas antes matemática, ou melhor, astronomia. Iluministicamente astrofísica.

Kepler anotava também pensamentos estranhos nos seus cadernos pessoais — «Se ao menos estivesse a viajar pelo infinito». A sua figura à beira-mar, os olhos escuros, as vestes de qualquer modo, não que desleixadas ou desalinhadas, apenas um ponto ao acaso. A chuva caía continuamente naquela noite absurdamente cálida de Novembro. As linhas do seu pensamento pareciam organizar-se segundo a ordem superior dos astros. A nebulosidade não deixava perceber qualquer foco de luz para além do mercúrio da atmosfera. A luz do farol. Os estudos de Copérnico. Mas Kepler para lá do sentimento lógico que lhe agudiza as percepções inteligentes move-se nitidamente de uma forma obscura. Pode afirmar-se que, a par da sua actividade científica, a magia desenvolve-se-lhe nos nervos. Mais à frente troca duas ou três palavras de circunstância com o estalajadeiro e bebe uma caneca de vinho quente. De regresso a casa a chuva multiplica o seu ritmo e o físico que se passeia com a cabeça descoberta chega ao seu destino com os cabelos secos. A escama ou a poção venenosa do animal mítico que segrega a ciência assemelha-se à glândula da loucura. Os pré-juízos que enformam uma, invertem-se para a compreensão da outra. Os vales acomodam-se aos ritos religiosos, enquanto aquele que fere com o pulsar do sangue as ideias que o viram nascer escolhe para seus companheiros o deserto o tempo e a serpente. A doença cumula os seus fiéis com a indiferença das práticas sublimes da ilusão e da realidade. O sono de um físico não difere do sono de um gravador de esmaltes. Quem passa a pedra ao bronze agita-se entre as operações que medeiam o chumbo à palavra, tanto mais que, e a acreditar em alguns raros testemunhos, tais operadores são imortais. O cruzamento de áreas tão distintas continua ao menos no plano da lógica a ser misterioso e a desafiar a inteligência dos homens. Do mesmo modo as questões levantadas pelo enigma da morte não encontram qualquer alcalóide que satisfaça o aventureiro; ou tudo é então pura sabedoria. As civilizações antigas apesar de um relativo avanço à nossa própria na forma de entender e dispor a entropia acabaram por se definhar de um modo tão breve como aquele que nos está reservado. A consciência é inútil para lidar com as abstracções do universo. Eu, Homem, parte integrante de uma realidade cósmica, conhecedor — na parte que integro — da mecânica celeste ou modernamente nomeado futurista quântico na dependência e na raiz dos fenómenos vitais, posso atravessar aleatoriamente as dimensões que enquadram o meu mundo físico e psíquico, que nem uma só vez fendo a máscara que regula o meu acontecimento biológico. As manchas ou alucinações não diferem dos sentimentos. As antigas epopeias islandesas defendiam que o mundo era uma esfera. As distâncias ou o isolamento do núcleo são matéria que alimentam o espírito filosófico. O pavilhão tinha também outra cor mais quente do que a loucura; ou era a vela do navio que se afundou na morte de Kepler, que separava o isolamento.

L. Miranda

Cruz Filipe: a linha quebrada

Continuação da pág 2

Vemos essa tendência, **por defeito,** em telas como «A Viagem de Vénus» (em que o **insert** da pintura arabizante — romântica ou «pompière — produz um efeito de corte sobre um fundo vazio ou que é esvaziado do seu carácter tradicionalmente **saturado** de referência à pintura). Noutra categoria entrariam as telas em que é **por excesso** que se coloca essa tendência para a **indiferenciação** do fundo da pintura: «A árvore», «Water tales», «L'être et l'absence»; «Le nuage», «Lumière habitée» (t elas em que mesmo quando o fundo é cheio a lógica é a do **corte abrupto:** ou seja, o **insert** ou o fragmento mais marcado tende sempre a reconverter a si o fundo, roubando-lhe essa função compensatória de estrutura).

No conjunto, **puros blocos de pintura** (veja-se, ainda «L'Autoportrait au pour point» e «Inquietude», versões burlesca e obscura de uma mesma pergunta) cuja dimensão ainda figurativa só acentua ainda, (como se estivéssemos perante um recorte numa estrutura geológica, visível à superfície) a sua dimensão enigmática e irresolúvel como pintura. Talvez, repetimos, porque a questão que estas telas antes de mais colocam seja a da **Significação —** a de significarem — e não tanto a do sentido que ainda ou não produzem.

«Twilight»

Outro bloco de obras terá talvez a haver mais com aquilo que consideraremos a **2.ª postulação** (não «superada» do ponto de vista da síntese hegeleniana) da pintura de Cruz Filipe: a da fotografia, mas apenas na estrita medida em que é através da fotografia que se (re)colocam constantemente, descentrando os efeitos centrípetos que poderiam facilmente fechar sobre si mesma esta pintura, a questão do referente e do modelo.

Na passagem de uma problemática a outra, daremos o valor revelador do **sintoma** a duas outras obras (também elas colocadas, na sala, uma junto à outra): 1.º, **«Les portes s'ouvrent sur les miroirs»** (1985) em que encontramos concentrado um **máximo de especularidade** (a referência ao Maneirismo — Parmigiano, Escola de Fontainebleau, Tiziane — associaria a dimensão especular do Fantástico com a deslocação e a «faille» da metonímia) (Escreve o próprio autor: «O Fantástico é uma das falhas por onde a vertigem nos espreita», idem); a 2.ª tela é **«Feu du soir sur toutes rives»** (1986), obra amálgama — cujos estudos preparatórios detectamos (sic) em «Ausência» e «Le livre de la Lune» — em que se manifestaria um **efeito de sobre impressão** (resultante, talvez, de uma **sobre exposição:** à heterogeneidade da não-relação modelo/referência clássica) de dois campos e registos diferentes de Representação e de expressão (a pintura e a fotografia).

Para Cruz Filipe esta tela talvez corresponda, de momento, a «Júpiter e Io» de Corregio. Ou seja, aqui, é de **possessão** que se trata, de um processo de possessão pelo (in)visível. Quem sabe se o mais invisível não é essa ilusão referencial (que faz de todo o real puro espectro) da Fotografia. «As fotografias fantomatizando a realidade» («o tempo suspenso»), escreve Cruz Filipe; «como se o imaginário partisse, não de uma explicação, mas de uma implicação dos sonhos, para fotogramas do inter-dito» (Vasco Graça Moura, **Catálogo**): mas, talvez, ainda mais do que isso, a fotografia seja a única representação possível não do inter-dito, mas do **interdito:** sim, do que nunca é ou não pode ser dito, do próprio objecto de exclusão da representação que a impossibilita (i. e., só como impossível possibilita).

Pela referência à fotografia seria a **relação ao modelo** que se marcaria como impossível. Esgotadas as ilusões (da Representação) da pintura, a fotografia seria essa última barreira, limite: a evidenciação mais sensível (no sentido químico e experiencial do termo) desse impossível e, ao mesmo tempo, o seu nível de manifestação mais interdito (o excelente texto de Michel Tournier, «Les Suaires de Veronique», de que há uma tradução portuguesa, é um bom exemplo disso — assim como o texto de Georges Didi-Hubermen, «L'Indice de la Plaie Absente. Monographie d'une Tache», in **Traverses 30-31,** sobre o «Santo Sudário»). A fotografia, com efeito, convoca esse momento em que o objectivo, em queda, perdido parece atravessar o sujeito através do Fantasma (conseguindo mesmo ter «prise» sobre o Fantasma): o Sujeito, então, ainda segundo Eric Blumel, «reencontra a causa insustentável do seu desejo». «Momento extremamente sensível e de perigo para o Sujeito, e o seu equilíbrio, em que «o especular sai do campo do imaginário para se tornar o real». «Na ausência da falta, ele está (manifesta-se) em excesso» (Eric Blumel, **art.º cit.º).**

Para terminar, referir-nos-íamos ainda a **dois estados** possíveis da relação da pintura de Cruz Filipe com a fotografia.

Um primeiro momento teria a haver com a persistência do que designaremos como um princípio **gelatinoso.** Ou seja, enquanto superfície, camada, substância de impressão e de revelação, a tela apresentar-se-ia num estado ainda pré-fotográfico, i. e., anterior ao instantâneo, em que é na própria substância, na materialidade viscosa da substância, que se vem fixar o negativo, melhor, o revelado, a fotografia. Não tanto o negativo como a substância: ou melhor, a gelatina como a substância que contém a **propriedade** de ser impressionável (revelável) pelo objecto (pelo negativo). Três telas, magníficas: **«Au flanc du vide»** (valerá a pena falar de Heidegger, «Des Chemins qui mènent nulle part» e em particular desse texto fulcral, vd. **Questions III,** «Serenité»?); **«Pluie du soir»** (terá sentido dizer que apenas Léon Spilliaert poderia ter pintado assim?) e **«Luz de Inverno»** (talvez a tela mais substancial de toda a exposição: no sentido plasmático que aqui utilizamos, em que a corporalidade física ou psíquica dos corpos se derrama, derrete, para se tornar unicamente indistinta e una, como sucede com o sr. Valdemar do conhecido conto do Poë).

Um 2.º conjunto de telas, para nós, obedece à lógica do **instântaneo.** Qual é? O objecto aparece e a fotografia é a revelação atrasada dele ter sido. Daí, já não a referência à gelatina, mas a esse estado mais moderno da fixação do objecto pela película: o **negativo.** «Soliloquio» e «A janela» têm também a haver com o que dizemos, mas queríamos sobretudo chamar a atenção para três exemplos, para nós, muito mais precisos: o díptico **«Vertigo»** e **«Ombre»** (é um fantasma, espectro-**spectrum,** que faz vir ao de cimo, unicamente se manifesta — a «aura» de um objecto-na fotografia), e, sobretudo, **«Twilight»,** tela em que os espaços não só se cruzam (V.G. Moura refere-se também à «ambiguidade de coordenadas e de direcções») como, assim o queria também o Tao tântrico, eles se verticalizam e **espiralizam.**

Não se trata de facto de fotografia, nem sequer de pintura: mas, talvez, de outra coisa, **nódulos escuros.** Questões insolúveis.

Fernando Guerreiro

Lemos para si

Bestiário (contos), Júlio Cortázar
Publicações Dom Quixote, 1986, 450$00

«*QUANDO sinto que vou vomitar um coelhito, ponho os dedos na boca como uma pinça aberta, e espero na garganta a impressão da pelugem morna que sobe como uma efervescência de sais de frutos. Tudo é veloz e higiénico, transcorre num brevíssimo instante. Tiro os dedos da boca e trago neles um coelhito branco preso pelas orelhas. O coelhito parece feliz, é um coelhito normal e perfeito, só que muito pequeno, pequeno como um coelhito de chocolate, mas branco e realmente um coelhito.*» (1)

Como entender o espanto sem espanto? Como digeri-lo, como descrever os 'pânicos' irreais de existir? As personagens destes contos de Cortázar, situadas nos limites entre a realidade possível e a 'neblina' suportável que se lhe interpõe, vivem num grande «puzzle» insolúvel de metáforas de elas mesmas. Como, aliás, todos nós... Sabê-lo sem compreendê-lo?

Numa prosa directa e deliciosa, Júlio Cortázar evoca um quotidiano — como chamar-lhe? — poético: construções imaginárias de gestos e percursos palpáveis, aqui e ali, entre *mim*, os *outros* e as *coisas*.

«*De Délia restavam as manias delicadas, a manipulação de essências e animais, o seu contacto com coisas simples e escuras, a proximidade das borboletas e dos gatos, a aura da sua respiração a meias com a morte.*» (2)

O espaço concreto povoa-se de animais, fantasmas, pessoas e vozes. Que 'transtorno' da consciência faz acreditar que se toca a realidade?

«*No fundo do ónibus, instalados no comprido assento verde, todos os passageiros olharam para Clara, pareciam criticar qualquer coisa em Clara, que lhes aguentou o olhar com um esforço crescente, sentindo que era cada vez mais difícil, não pela incidência dos olhos nela nem pelos ramos que levavam os passageiros, mas antes porque tinha aguardado um desenlace amável, um motivo de riso como ter uma farrusca no nariz (mas não tinha)*». (3)

Não podermos falar de «loucura», mas pressenti-la, como a «fuga cega de uma centopeia». Como uma suave distorção do mundo.

«*Não nos sentimos bem. Um de nós é* Aconitum, *quer dizer que deve medicamentar-se com* aconitum *altamente diluído se, por exemplo, o medo lhe provoca vertigens.* Aconitum é uma violenta tempestade que passa depressa. *De que outra forma descrever o contra-ataque a uma ansiedade que nasce de qualquer insignificância, do nada.*» (4)

Encontramo-nos com personagens em cisão interior, buscando identificação consigo e com o mundo, perseguindo símbolos, sentidos, crenças, sensações... porque não há outras formas para existir.

«*Não estamos inquietos, o pior é lá fora, se há lá fora. Olhamo-nos sobre o manual, e se um de nós alude com um gesto ao uivar que cresce cada vez mais, voltamos à leitura como se estivéssemos certos de que tudo está agora ali, onde algo vivente caminha em círculo uivando às janelas, aos ouvidos, o uivar das mancúspias a morrerem de fome.*» (5)

São oito os contos, escritos com uma espécie de simplicidade que prende e nos envolve ficcionalmente num clima de estranhada normalidade, mas que nada se estranha... Uma leitura 'reconstituinte'...

Leonor Areal

Notas
1) pág. 25, 2) pág. 45, 3) pág. 53, 4) pág. 68, 5) pág. 82.

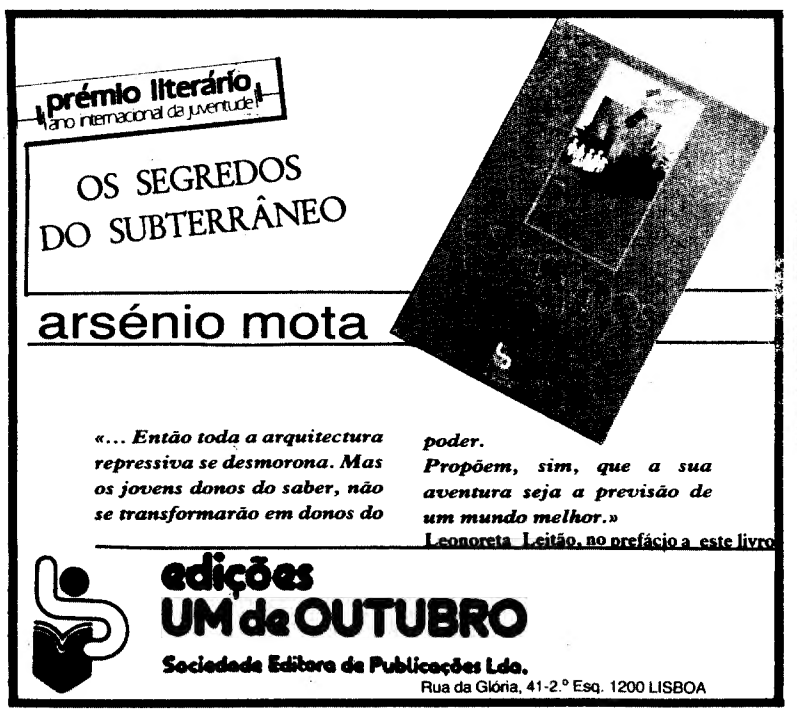
La folie du voir (A loucura do ver), Christinne Buci-Glucksmann, Galilée, 1986

Na **Raison Baroque** (Galilée, 1984), Ch. Buci-Glucksmann tinha inaugurado uma reflexão sobre o barroco, a partir das obras de Baudelaire e Benjamin. Continua agora o seu trabalho, através de uma espécie de «libretto» que reenvia-nos à idade barroca para melhor deixar-nos entender o que lhe deve o pós-modernismo. Começando por um «prelúdio», acabando por um «final», **La Folie du voir** revela, na sua própria estrutura, a importância da ópera para a compreensão do olhar barroco. Espacializando o som, a ópera barroca realiza o paradoxo e joga com todos os elementos essenciais: a partilha do dizer e do ver, a teatralidade, o intervalo e a dramaturgia das paixões. Fazendo apelo a Monteverdi, Gracián, Tesauro ou Caravaggio, C.B-G assinala a perversidade do olhar barroco, desse olhar anamórfico que mistura o real com o seu fantasma e que, por conseguinte, não remeta para o Imaginário, mas para o 2Ir-real, afastando-se assim de uma estética platónica da mimese e anunciando uma estética lacaniana, um espaço catastrófico (Thom) e uma circulação do fractal (Mandelbrot). O olhar barroco entretém uma relação estreita com o dizer, na medida em que utiliza a retórica aristotélica, pervertendo-a. É o reino da alegoria que leva o real ao seu cúmulo; não se trata mais do verosímil, mas do **admirável** ou do **nada,** do «mirabile» ou do «furor» que surge sempre num efeito de claro-escuro. Notamos aqui a importância de Leibniz para quem o «situs», o ponto de vista, podia tornar o confuso claro. Temporalmente; este ponto é o do «kairos», momento estratégico onde se opera a captura do informe, do feio, considerado como força activa de negação (i.e. Rocco). Antes de Kant, o barroco elogia as figuras da falta e do nada, inventando uma semântica de objectos paradoxais que atravessará toda a «epistèmè» clássica. C.B-G. descobre o poder do nada, — a função do vazio num Tintoretto, a arte do silêncio —, que introduz no estranho-admirável, funda uma tópica do impossível e institui o Ser no que Merleau-Ponty chamava a «loucura do ver». Na nova partilha do visível que ele estabelece, o olhar barroco aproxima-se de uma ontologia merleau-pontyana onde o «pensamento dos olhos» se baseia numa perca irremediável, onde a incerteza perturba os referentes visuais e enfrenta o Aparecimento. Na sua busca dos traços do nada, C.B-G reenvia às concepções espaciais de Desargues e Pascal, pondo, em relação a esse último, uma equivalência entre as noções de 'vazio' e 'nada' que todavia Pascal define precisamente e distingue radicalmente. A melancolia do barroco, este luto do nada dado a ver no jogo de sombras e de luzes, numa coexistência de fragmentos, estará presente em Baudelaire no que C.B-G. chama uma «estetica do palimpsesto» que pressagia e fundamenta a pós-modernidade em pintura (Rainer, Kiefer), ou no teatro (Pina Bausch e Bob Wilson, que procuram teatralizar as temporalidades disjuntas). A última parte da obra, aberta e fechada com as palavras de Pessoa, conduz curiosamente o autor ao limiar de um rococó (pós-moderno...).

Chaké Matossian

Quanto rende um pequeno investimento num suporte publicitário especializado? É difícil responder sem ter experimentado

Ler Escrever



Cesário Verde, o bucolista do realismo

Continuação da pág. 1

Alexandria. Com efeito, como acentua Harry Levin, «o pastoralismo é um fenómeno urbano«[4], o que, por sua vez, leva a que o género pastoril assente sobre uma série de paradoxos fundamentais: é uma literatura sobre a cidade cujo significante é o campo; uma literatura sobre o presente cuja matéria é o passado; uma literatura crítica cuja expressão é o louvor. O que dificilmente poderá ser é uma literatura do campo e para o campo, já que o campo que louva só existe como antinomia da cidade que critica.

Ao longo dos séculos, o género pastoril foi sofrendo mutações e incorporando enriquecimentos, dos quais porventura os mais importantes terão sido, primeiro, a sobreposição do mito pagão da Idade de Ouro na metófora da Arcádia; segundo, a articulação de ambos com o mito cristão do Jardim do Paraíso e a Queda; e, finalmente, como já prenunciado na Écloga IV de Vergílio, a transposição da imagem da Idade de Ouro de um passado mítico para um futuro utópico. Esta tendência, que o milenarismo judaico-cristão alimentou, acentuou-se com o crescimento das cidades no Renascimento e, após a subsequente neutralização do visionarismo pastoril num bucolismo meramente decorativo, teve um poderoso recrudescimento laico na visão socialista das sociedades do futuro com que o séc. XIX respondeu à grande explosão das cidades da Revolução Industrial.

E aqui chegamos de novo a Cesário, mas não antes de recordar que um dos muitos méritos do estudo já mencionado de David Mourão-Ferreira foi o de ter feito, antes de qualquer outro, uma aproximação explícita entre o contraste cidade-campo na obra de Cesário e a temática do bucolismo recorrente na literatura portuguesa desde Sá de Miranda. As melhores leituras críticas contêm muitas vezes sugestões cujo valor só mais tarde se torna evidente, e nem sempre por total concordância com a argumentação que as justifica. Mas cumpre a quem modificadamente as retoma assinalar a homenagem devida. Mourão-Ferreira fez a aproximação de Cesário com o bucolismo para dela se afastar, considerando, aliás correctamente, que na sua obra o contraste cidade-campo não corresponde já a um tema literário imitado dos antigos «mestres exemplares»: se, como eles, Cesário tomou o partido do campo, foi «porque a sua natureza particular, a sua época, a sua cultura, assim o determinaram». Mourão-Ferreira também assinala que *«o encontro»* com esses mestres exemplares «apresenta problemas muito curiosos». Mas, como conclui, «isso é já outra história«[5]. Julgo que essa «outra história» — que, de certa maneira, é a que procuro considerar aqui — resulta da própria evolução do bucolismo como tradição literária, a qual, por sua vez, foi sendo sucessivamente determinada pela natureza particular, a época e a cultura de cada escritor que nela diversamente se integrou.

Na obra de Cesário, o modelo pastoril primeiro definido em 'Setentrional' recorre mais ou menos explicitamente num número significativo de poemas. Por exemplo, e para citar dois dos menos óbvios, a antibaudelairiana *passante* d 'A Débil' («uma pombinha tímida e quieta num bando ameaçador de corvos pretos») é uma imagem contrastiva do tempo-espaço presente de uma cidade pormenorizadamente caracterizada em termos político-sociais (um rei defunto, «os titulares», o clero, o alto funcionalismo, a «turba ruidosa, negra, seca», o poeta que «bebia cálices de absinto»): a sua límpida indiferença a tudo o que a rodeia é o estímulo bastante para fazer desejar «uma família, um ninho de sossego» antitéticos à estridente e desvirilizadora corrupção da «Babel»; e, em 'Num Bairro Moderno', a rústica vendedeira de fruta e hortaliça é uma equivalente pesonificação metafórica do campo a invadir a cidade com «as forças, a alegria, a plenitude» que curam o citadino narrador do poema das suas habituais «tonturas de uma apoplexia» e, por extensão, trazem saúde à própria cidade metamorfoseada. Nestes dois poemas, tal como em 'Setentrional', o campo representa uma ordem normativa oposta à cidade real, um *dever ser* que caracteriza a norma vigente da cidade, tanto em termos éticos quanto em termos psicológicos, como *anormal*. E é precisamente dessa anormalidade instituída em norma que Cesário fez a representação literária (não a confissão pessoal, como tantas vezes e tão apressadamente se tem julgado) nos seus poemas de temática exclusivamente citadina, começando por aqueles onde um frígido erotismo de humilhação tem um significado opostamente complementar ao da plácida e fértil sensualidade do desconfinado amor campestre. Nos quadros dramáticos ou ficções narrativas naturalistas de 'Esplêndida', 'Deslumbramentos', 'Frígida' e 'Humilhações', a sexualidade perversa que as serpentinas «mulheres fatais» personificam é um correlativo da cidade e das formas de poder com ela associadas, justificando (em 'Deslumbramentos') a revolta colectiva dos «povos humilhados» contra os «bárbaros reais», e manifestando-se (em 'Humilhações') na brutalidade da «guarda» que «espanca o povo». Do ponto de vista da tipificação literária pastoril, é de acentuar que a imagem bíblica da serpente que serve para descrever a Mulher Fatal nesses poemas tem uma significativa equivalência moderna na sua identificação nacional com a Inglaterra que, no séc. XIX, era o Poder emblemático do triunfo da indústria sobre a agricultura e da ordem urbana sobre a ordem rural[6].

A cidade perversora da liberdade e do amor, representada como um claustrofóbico encadeamento de prisões na admirável lição de leitura que é 'Noite Fechada', vai ter a sua mais plena caracterização em 'O Sentimento dum Ocidental', onde todos os tópicos tradicionalmente associados à infernal Babel convergem numa estrutura narrativa tanto mais poderosa quanto nela a simbolização mítica deriva da observação concreta inerente à estética realista de Cesário. Até este momento supremo da evolução da sua obra o campo continua a ser um contraste idealizado da cidade — uma recordação, um projecto, uma «lírica excursão», «as notas pastoris de uma longínqua flauta». Mesmo a pesadélica visão do pauperismo rural de 'Em Petiz' é formulada em termos da nostalgia do adulto que «hoje entristece» ao recordar uma infância ainda incapaz de entender a realidade da miséria na perdida Arcádia. E embora já haja um correctivo implícito nesta visão retrospectiva, só no último poema que completou, 'Nós' (cerca de quatro anos depois de 'O Sentimento dum Ocidente') irá Cesário contrapor à cidade um campo caracterizado como uma alternativa no mesmo plano do real.

A organização estrutural de 'Nós' — cidade/campo/cidade — é no entanto ainda semelhante à de 'Setentrional', onde a experiência do campo é também um parêntese inserido no tempo-espaço da cidade. E a própria paisagem rural de 'Nós' começa por ser descrita, em oposição à apocalíptica cidade invadida pela Febre e pela Cólera, como se fosse a de um pré-lapsário reino de Astreia e de Saturno («vegetação pletórica, potente»; «socalcos... como uma escadaria de gigantes»; «olmeiros seculares»; «macieiras» como «pólipos enormes, diluviais»; «torrão espontâneo»; «pomos» que «no chão pousam os ramos»). Dir-se-ia que a metáfora existe, que a Arcádia é habitável. Mas esta imagem edénica é gradualmente corrigida pelas necessidades utilitárias da produção agrícola («uma maçada de mil demónios») e do lucro comercial, mudando o foco do poema da regeneração espontânea que o campo parecera oferecer aos fugitivos da «capital maldita» para o valor regenerativo da posse da terra — uma «Terra» pós-lapsária que, «para parir, há-de ter dor».

O sentido arcádico tradicional do campo como regeneração moral e espiritual é, assim, tornado ao mesmo tempo específico e concreto ao reflectir o pensamento proudhonista que a Geração de 70 identificara com a própria função social da literatura realista. Para Proudhon, o futuro da humanidade dependia da substituição da Propriedade («o roubo» e «o suicídio da sociedade») pela Posse («um Direito» e «a condição básica da vida social»: «suprima-se a Propriedade mantendo-se a Posse e... ter-se-á revolucionado a lei, o governo, a economia e as instituições; ter-se-á expulsado o mal da face da terra«[7]. As palavras de Proudhon fazem o seu próprio comentário sobre os antecedentes arcádicos desta nova visão da Idade de Ouro.

'Nós' é o mais pessoal e autobiográfico de todos os poemas de Cesário, mas é também aquele — e porventura por isso mesmo — onde mais explicitamente lida com ideias. Na sequência do seu longo desenvolvimento, as concepções proudhonistas que lhe são subjacentes vão ser reforçadas através de duas reversões ideológicas fundamentais: a do determinismo histórico positivista, que justificava a inevitabilidade linear do progresso das nações industriais do Norte; e a do darwinismo social que, confirmando essa justificação com o cientifismo organicista da teoria de Herbert Spencer sobre «a sobrevivência do mais forte» (ou, melhor traduzido, do mais «adequado»), ia ainda mais longe ao concluir como inevitável a condenação histórica dos organismos sociais e nacionais que não tivessem triunfado na «luta natural pela sobrevivência». Não é difícil reconhecer nestas doutrinas uma amplificação da polarização económica, social e política entre a cidade e o campo — ou a riqueza e a pobreza — para abranger os correspondentes valores urbanos do Norte industrializado e os do Sul agrário. Cesário (que já tinha usado as ideias de Spencer para caracterizar a antibucólica cidade de 'Cristalizações') é nestes termos que as entende, ao alargar também o contraste entre a cidade e o campo que o poema começara por fazer num contraste entre a Inglaterra industrial e o Portugal rural. E Cesário, o produtor das «'maçãs de espelho' que Herbert Spencer talvez tenha comido!», é de novo o partido do «campo» que vai tomar: os «Anglo-Saxónicos» são (numa quase citação de Proudhon) «ricos suicidas» que têm «que invejar» o «aqui» onde «tudo é espontâneo, alegre, tosco, facílimo, evidente, salutar». Os sobreviventes naturais não podem portanto ser eles: são antes «os abrutados», que têm a «riqueza química no sangue» de que a sua própria «pobre... geração exangue de ricos» também carece. O feixe de associações que inclui o eco bíblico-pastoril sobre quais os verdadeiros herdeiros do mundo, ao mesmo tempo que denuncia a concepção organicista de Spencer como antinatural, também implicitamente reforça a concepção proudhonista de uma sociedade futura em que o mal tivesse sido expulso da face da terra.

No poema que Cesário não chegou a completar, 'Provincianas', os valores da ética pastoril ocupam o primeiro plano da sua ainda mais explícita significação social e política. O poema abre como uma alba do bucolismo lírico tradicional para se desenvolver como uma expressão não menos tradicional do bucolismo crítico. O «encontro» (para usar a palavra de Mourão-Ferreira) entre Cesário e Sá de Miranda — o mestre exemplar do bucolismo português — é manifesto e profundo, permitindo até que se consiga fazer uma razoável montagem poética em que chega a ser difícil distinguir imediatamente quais são as cinco quintilhas tiradas de 'Provincianas' e quais as cinco tiradas da écloga 'Basto'. O leitor que o tente, como exercício ilustrativo:

Cresce o relevo dos montes,
Como seios ofegantes;
Murmuram como umas fontes
Os rios que dias antes
Bramiam, galgando pontes.

Pelo sol e pela neve,
Natureza, a grande madre,
Que aos filhos também o deve,
A tudo acudir se atreve,
Por mais que este ventre ladre.

Mas nem tudo são descantes;
Por esses longos caminhos,
Entre favais palpitantes,
Há solos bravos, maninhos,
Que expulsam seus habitantes!

É nesta quadra de amores
Que emigram os jornaleiros
Ganhões e trabalhadores!
Passam clãs de forasteiros
Nas terras de lavradores.

Tudo lhes o demo deu,
Até razões más que nos dão!
Quando te hão mister és seu;
Quando os hás mister és teu,
Que não tens amos então!

Falas-me nos animais,
A que nós brutos chamamos,
Que guardam leis naturais:
Nós outros não nas guardamos,
A isso obrigados mais!

Tal como existem mercados
Ou feiras, semanalmente,
Para comprarmos os gados,
Assim há praças de gente
Pelos domingos calados!

Estes homens com quem tratam
(Não homens, mas leões bravos)
Por força tudo rematam:
Os leões não se resgatam,
Não se vendem por escravos!

Não têm repartida a terra
Por marcos tão desiguais,
De sangue e fogo, por guerra.
Um possui de serra a serra,
Outro nada, ou dois tojais!

E os campos, milhas e milhas,
Com povos de espaço a espaço,
Fazem-se às mil maravilhas;
Dir-se-ia o mar de sargaço
Glauco, ondulante, com ilhas!

O que imediatamente ressalta é que a linguagem poética de ambos os poetas é a mesma, a indignação a mesma, os tópicos arcádicos os mesmos.

Nas duas últimas estrofes que escreveu para 'Provincianas', Cesário concentra a imagem da perversão social do mundo natural numa personagem-tipo da «geração exangue de ricos»: uma «branca fidalga» que estiola languidamente «ao meio-dia na cama» enquanto as «suas irmãs de leite» «vivem minadas da pulga, / negras do tempo e da lama». A correlação imagística que associa a mãe-ama camponesa com a madrugadora terra primaveril descrita no início do poema («Que mocetona e que jovem / a terra!», «Cresce o relevo dos montes, / como seios ofegantes») e ao mesmo tempo dissocia a «branca fidalga» de ambas, também torna evidente a correspondência temática entre a concepção mirandina da apropriação e repartimento da «grande madre» comunitária «por marcos tão desiguais» e o que Joel Serrão caracterizou no poema de Cesário como «um antagonismo de classes tão claramente posto«[8].

Mas esta e todas as outras correspondências também encerram a diferença fundamental entre os dois poetas, as suas épocas e as suas culturas. Essas diferenças são as mesmas que existem entre o comunitarismo pastoril tradicional e o comunitarismo social moderno. Aquele, representa uma visão contemplativa do passado no presente degradado, mesmo que esse passado pudesse ser concebido como restaurável num futuro tempo cíclico; este, uma visão activa do futuro num tempo histórico concebido como a correcção material da degradação presente; o contexto ideológico daquele reflecte uma concepção mítica ou religiosa da decadência de um mundo melhor; o deste, uma concepção social e política da evolução de um mundo a melhorar. Em suma, o comunitarismo tradicional nunca poderia incluir a ideia do progresso material que é inerente ao comunitarismo moderno e antes sempre tendeu a condenar tudo o que veio a ser entendido como progresso material. É concebível que um bucolismo tradicionalista condenasse a concepção de progresso representada pelo organicismo de Spencer; mas também condenaria qualquer ideia alternativa de progresso entendida no mesmo plano material.

Se Cesário Verde é um poeta bucólico — e porventura o mais notável na literatura portuguesa desde Sá de Miranda —, só o é na medida em que é um poeta moderno. O seu bucolismo seria obsoleto e postiça a sua modernidade se, no plano da significação poética, não reflectissem e não fossem o reflexo das ideologias contemporâneas que, tal como a sua poesia realista, receberam e modificaram a herança da tradição pastoril. Assim, se a imagística pastoril serve a Cesário para condenar a perversão social do mundo natural, é porque também condena a tautologia organicista sobre «a sobrevivência do mais forte» que, no seu tempo e na sua cultura, justificava essa perversão ao justificar o poder social dominante pelo facto de ser dominante e de ter poder. E se a mesma imagística prevê uma alternativa «Idade de Ouro» futura em que o «conflito de classes tão claramente posto» por Cesário em 'Provincianas' ficasse resolvido, é só em função das ideologias comunitárias do seu tempo e da sua cultura que a prevê. O comunitarismo oitocentista reencontrou a linguagem do comunitarismo pastoril ao significar o seu propósito regenerador social de «expulsar o mal da face da terra». Uma equivalente recuperação poética da tradição pastoril tornou Cesário Verde, o poeta realista da «era das ideologias», num mestre exemplar do bucolismo moderno.

Notas

1 Joel Serrão, *Cesário Verde: Interpretação, Poesias Dispersas e Cartas* (Lisboa, 1957); 2.ª ed., Lisboa, 1961, pp. 66-113.

2 David Mourão-Ferreira, «Notas sobre Cesário Verde: III. Da Cidade para o Campo» (1949), *Hospital das Letras* (Lisboa, 1966); 2.ª ed., Lisboa, 1981, pp. 71-85.

3 Hélder Macedo, *Nós: Uma Leitura de Cesário Verde* (Lisboa, 1975); 3.ª ed., Lisboa, 1986.

4 Harry Levin, *The Myth of the Golden Age in the Renaissance* (Indiana, 1969), Nova Iorque, 1972, p. 37.

5 David Mourão-Ferreira, *op. cit.*, p. 73.

6 Cf. Hélder Macedo, «Cesário Verde et l'érotisme de l'humiliation», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. 22, Lisboa-Paris, 1986.

7 Pierre Joseph Proudhon, *Qu'est-ce que la propriété?*, Paris, 1840, pp. 43 e 285.

8 Joel Serrão, *op. cit.*, p. 113.

Hélder Macedo

O Sete Ponto Sete no Ler Escrever

Sérgio Taborda, a poética das ruínas

Esculturas de Sérgio Taborda na galeria Pórtico

Configurações. É assim que Sérgio Taborda intitulou a sua última exposição onde as obras põem efectivamente em forma um certo espaço. As peças de mármore obrigam-nos a circular, não tanto na galeria que proporciona um local reduzido, mas a outros níveis. E, talvez, este outro tipo de deslocamento advenha justamente da própria dificuldade que há em deambular na galeria. Impossibilitando qualquer deslocação física, o espaço da exposição convida-nos a uma deslocação pela reflexão ou pela imaginação. O que se encontra «configurado» aqui é um espaço do paradoxo onde se embaralham os limites, onde a noção de fronteira é posta em questão, tanto do ponto de vista geográfico como histórico ou estético.

Obras como *Pórtico* ou *Cariátides* remetem obviamente para templos gregos e provocam deste modo a infiltração de um género artístico num outro. Sérgio Taborda esculpe a arquitectura. Além disso, a arquitectura esculpida nasce com a marca de sua história. É ruína, quebrada, amputada, mostrando-nos assim que o princípio da arte reenvia a um *traço*, a algo que resistiu às forças da natureza, sobreviveu aos actos de vandalismo. Jogando com as inversões, Sérgio Taborda pôs as suas cariátides de cabeça em baixo, como se o corpo inteiro estivesse amortalhado e o capitel desaparecido tivesse permitido às colunas crescer ao longo do tempo, esmagando cada vez mais estas mulheres de pedra, tomando o seu lugar com um orgulho fálico. As cariátides, cujas cabeças ornam a base das colunas em vez dos capitéis, ocupam ainda, do ponto de vista cristão, agora, o lugar do monstro.

Nos Jerónimos ou em qualquer outro claustro, os monstros e o inferno decoram a base das colunas.

O pórtico (em Vitrúvio, por ex.) tem como função permitir uma espécie de passeio, um vaivém entre o interior e o exterior, entre o jardim e o templo. Do mesmo modo, entre as suas colunas, o ar circula e a visão permanece. Neste sentido também, o espaço da galeria Novo Século desempenha um papel essencial: deixa-nos perceber a diferença, que notava Hegel na sua *Estética,* entre colunas, paredes e pilares. As quatro paredes da galeria, o pilar central, constituem-se como negativos, cavilhas, insistindo sobre a abertura do Pórtico, a sua recusa simultânea da obturação seguradora da parede e a utilidade inestética do pilar. Obras como *Movimento de cabeças* e *A Boca de Ana* lembram o Egipto. A cabeça cercada de uma coifa de mármore ou repousando sobre um suporte / corpo estendido de textura diferente (cara humana, corpo animal) evocam a Esfinge. E a Boca de Ana, único vestígio intacto de uma cara, põe ainda o enigma, assinalando através da sua entreabertura, a circulação necessária do ar no que diz respeito à vida, à visão. Ela remete então para o *Pórtico* et as *Cariátides,* para as colunas quadradas (mais um paradoxo) entre as quais o ser passeia e olha. As *Cariátides* ainda que cabeças, aparecem aqui enquanto pés das três colunas. A obra escolhe assim a última parte do famoso enigma: o que anda com três patas à tarde ou seja, o homem na velhice. As obras não deixam de dialogar entre si, como ruínas de vestígios, vestígios de ruínas; como o próprio mármore que, segundo Buffon, era composto por um aglomerado de inumeráveis pequenos detritos marítimos, de milhões de pequenas conchas pertencendo à matéria primordial do universo, o vidro. Se a fossilização permanece nos regos cavados por Sérgio Taborda no *Pórtico*, o movimento da vida não deixa de continuar a marcar as obras. O mármore, dizia Hegel, torna mais visíveis os jogos de luz e sombra e a sua transparência amacia os contornos. As pedras vivem, envelhecem, adoecem, morrem. Cortadas, elas ainda crescem. O mármore, atravessado por mil veias carregadas do sangue da terra, representa em si só histórias do mundo. Microcosmos surgem, como imagens num espelho turvo. Os mármores são pinturas — (como o mostrou magnificamente J. Baltrušaitis reenviando-nos à obra de Ulysse Aldrovandi (séc. XVI) — como uma pele tatuada. Na encruzilhada (de Tebas) Sérgio Taborda consegue esculpir o monumento (arquitectural) na tela pintada (o mármore), entre o Egipto e a Grécia, entre o interior e o exterior, entre o antes e o depois. A obra circula no intervalo espácio-temporal para dar, através das imagens do mármore, das suas reminiscências, a *Configuração,* aqui e agora, de um mundo.

Chaké Matossian

Galeria Novo Século, até 16 de Dezembro, de 2.ª a sábado, 14-20 h.

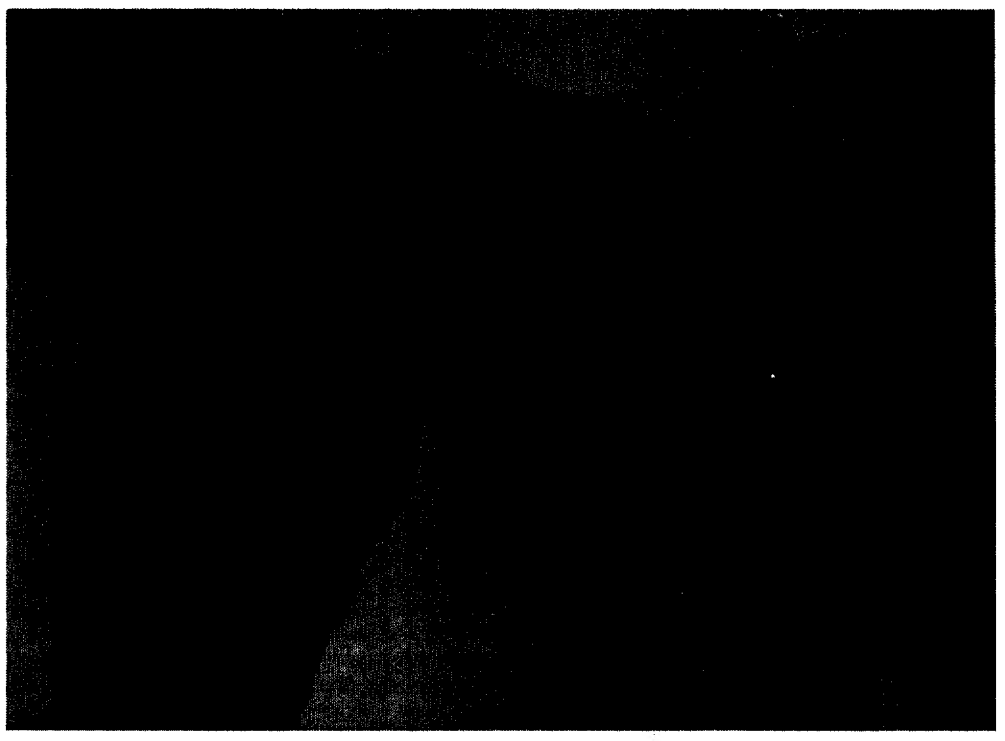
Cristina Iglesias na Cómicos

REPRESENTANTE de Espanha na última edição da Bienal de Veneza, conjuntamente com Miquel Navarro, Ferran Garcia Sevilla e José Maria Sicilia (que expôs na Galeria Cómicos em Outubro de 1985), Cristina Inglésias (San Sebastian, 1956) expõe agora em Lisboa as suas mais recentes esculturas, apresentando uma instalação de apenas quatro peças (algumas monumentais), o que constitui um passo decisivo na evolução do seu trabalho.

Tendo vindo a afirmar-se como uma das artistas mais originais da Arte Contemporânea Espanhola, as actuais obras constituem (...) «um mundo de arquitecturas em contínua metamorfose e, também, um mundo de signos — rumores que se configuram em significações, arquipélagos do sentido que se faz e desfaz —, o mundo (...) que está entre a criação e a destruição (...), esse ponto que é o coração».

A propósito das suas obras, escreve Cristina Inglésias no catálogo da exposição: «Algumas piezas obligan a er entendidas desde ciertos lugares. Exigem de quién las atiende, colocar-se em el punto óptimo, aquel donde la luz se concentra» (...). «El color, el hueco, una placa de acero, uma viga, el plano de la parede (...) son elementos figurativos y también aquello que a un miesmo tiempo encubierto, se perfila y concentra».

A exposição, que se inaugurou dia 2 de Dezembro (terça-feira) pelas 18 horas na Galeria Cómicos (R. Tenente Raul Cascais — a S. Mamede —, 1B), contará com a presença da artista que se desloca expressamente a Lisboa para a montagem e apresentação das suas obras e estará patente ao público até 31 de dezembro próximo.



Cristina Iglesias, sem título, 1986, ferro cimento e vidro (cortesia da galeria Cómicos)

Acabados de Chegar

■ **O Assassino à Chuva e Outras Histórias, O Jade do Mandarim e Outras Histórias**, Raymond Chandler, **Contos Policiais, vols. 1 e 2. Ed. Afrontamento**

Chandler, cujos romances a **Livros do Brasil** publicou na colecção **Vampiro** de bolso, é igualmente autor de várias dezenas de **short stories**. Boa parte destas novelas foram, pelo autor, publicadas em revistas de leitura ligeira, um género que desapareceu, mesmo nos Estados Unidos. Na sua maioria, essas histórias curtas vieram a ser aproveitadas para os romances, e Chandler não quis vê-las reeditadas em livro. No entanto, os direitos de todas elas estão a ser vendidos sem distinção, e contra o que fora a vontade expressa do autor. A **Afrontamento** pôde, assim, adquirir o direito a publicar todas as **short stories** do autor do «Imenso Adeus», de «À Beira do Abismo» de «A Dama do Lago», de «Perdeu-se uma Mulher»... e está a publicá-las, pela primeira vez, em português. A estes dois primeiros volumes seguir-se-ão, no próximo ano, três outros. Os amadores de Chandler reconhecerão, aqui, muitos dos temas, muitas passagens integralmente recuperadas, curiosas fusões e casamentos entre materiais que vieram primeiro a lume como novelas antes de darem, mais tarde, entrada na cozinha chandleriana das grandes narrativas policiais. O Ler/Escrever no pode senão regozijar-se com esta iniciativa, embora não tenha opinião formada sobre o não-respeito da vontade expressa de um autor a respeito dos seus próprios textos. Aqui aproveitamos para recordar que o «Diário de Lisboa» editou em folhetim, por acordo com a **Livros do Brasil**, «O Imenso Adeus» em tradução de Mário Henrique Leiria — esse mesmo, o dos «Contos do Gin Tónico» — quando o romance se encontrava esgotado. Posteriormente, foi reimpresso e relançado pela editora. A **Livros do Brasil** tem igualmente programada a publicação do «Chandler Integral» na colecção **Vampiro Gigante**, onde divulgou Agatha Christie e Erle Stanley Gardner. Tanto quanto sabemos, porém, não tenciona incluir nessa edição as «short stories» que Chandler não quis republicar. Também o **Círculo de Leitores** vai publicar

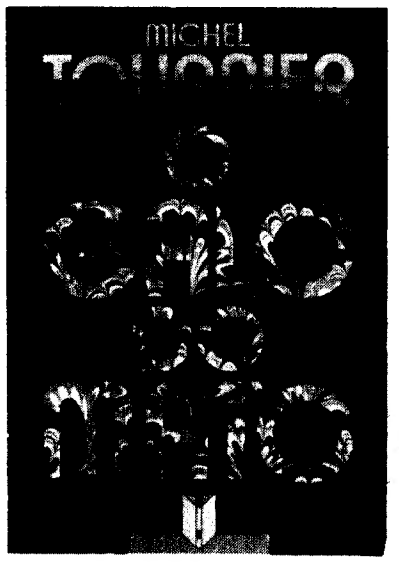
Chandler para os seus sócios. A tradução destes dois volumes da **Afrontamento** é geralmente boa: trabalho de Carlos Leite. O primeiro volume inclui, como prefácio, um pequeno e interessante estudo de Philip Durham, da Universidade da Califórnia, sobre o autor e as suas novelas.

Sonhos de Inverno, F. Scott Fitzgerald, Ed. Relógio D'Água

A fatalidade atravessa os três contos de Fitzgerald que integram o volume agora editado pela Relógio D'Água. O tempo, como o destino, jogam contra os personagens: Dexter que em «Sonhos de Inverno» é apanhado pela revelação de que o «objecto» da sua paixão frustrada é sobretudo a medida da sua juventude; Roxanhe, Jeffrey e Harry, em «Resíduos da Felicidade», derrotados pela doença e por uma vida sem sentido; e Charlie Walles em «Regresso à Babilónia», sobrevivente dos anos da Depressão, mas enredado pelo passado. Três contos amargos narrados por um Fitzgerald que recusa os excessos.

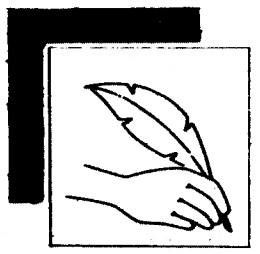
O Galo do Mato, Michel Tournier, Publicações D. Quixote, Biblioteca de Bolso

A D. Quixote tinha já editado dois romances de Tournier: «Gaspar, Belchior & Baltasar» e «O Rei dos Álamos». O volume agora publicado integra catorze narrativas de temática variada e é imprescindível para os que se deixaram cativar pela escrita deste nome grande da literatura francesa actual.

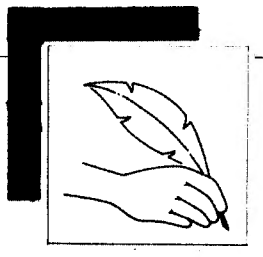


■ **Genet, de Yukio Mishima, seguido de O Condenado à Morte, de Jean Genet, Ed. Hiena, Col. Memória do Abismo**

Febre de Mishima, febre de Genet: Aníbal Fernandes traduz para a **Hiena** o precioso texto de Mishima sobre Jean Genet, e a primeira obra deste último,



escrita e publicamente lida na prisão. O que mais espanta no texto de Mishima é talvez a sua atmosfera «batailliana» (de George Bataille) e o conhecimento que o autor japonês mostra da literatura francesa. Citem-nos um europeu que conheça a literatura asiática de modo comparável, e o nosso espanto perderá a



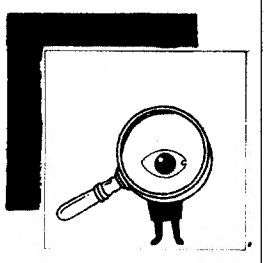
sua razão de ser. Vertentes menos conhecidas do labiríntico conflito Leste-Oeste... Quanto ao longo poema de Genet, bastar-nos-á, aqui, dizer que foi este o texto que imediatamente o projectou para uma notoriedade sem par. Foi este texto que permitiu a Jean Cocteau encabeçar o pedido que acabou por retirar o autor da cadeia. Uma curiosidade a que o Ler/Escrever já se referiu, na morte, este ano, de Genet: Sartre e Simone de Beauvoir apoiaram a petição de Cocteau. Camus, tanto quanto se sabe, não.

■ **O Céu e o Inferno, Aldous Huxley, Ed. Hiena, Col. Memória do Abismo**

É um texto de 1954, escrito na sequência de «The Doors of Perception», que resultou das experiências de Huxley com mescalina. Este «Heaven and Hell» é uma reflexão sobre a cosmologia, a arte, a experiência interior própria e dos outros. Ambos os textos foram «ressuscitados», no início dos anos 70, pela contracultura «hippie»: tratava-se, então, de dar a conhecer os antepassados de Carlos Castañeda e de outros autores que promoviam a exploração dos «novos campos da consciência».

Aviso Por Causa da Moral, Fernando Pessoa, Hiena Editora

Passada que é a euforia «pessoana», a Hiena resolve agora editar três textos de Pessoa sobre a mentalidade portuguesa e a excepçao que no seu entender foi António Botto. O título da edição é o de um «manifesto» contra o empenho dos estudantes «em moralizar toda a gente».

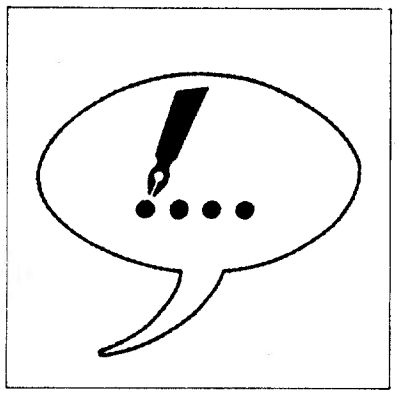


A Barca dos Sete Lemos, Alves Redol, Publicações Europa-América, Col. Século XX

Recordar Alves Redol representa, antes de mais, reviver o neo-realismo português de que foi o nome de marca. «A Barca dos Sete Lemos», cuja 8.ª edição foi agora publicada, retoma de uma forma mais apurada a descrição do Tejo e das suas gentes feita por Redol em «Avieiros» e conta-nos a história de um homem na qual o número mágico-sete — não é mais de que os percursos da sua vida retratados em outras tantas alcunhas.

O Som Disforme e A Vespertina Luz, Luís de Miranda Rocha, Ed. Sete Estrelo

O nosso antigo camarada de redacção Luís de Miranda Rocha pública dois novos libretos de poemas que assim se vêm juntar a um trabalho poético iniciado em 1968. Miranda Rocha tem igualmente três ensaios publicados: «Luís Furtado Leite», e continua a colaborar com textos críticos no «Diário de Lisboa» e seus suplementos.



O eu nos outros

O nosso íntimo uivo

IAM-SE ambos pela serra de Sintra, subindo lentamente o silêncio verde, os olhos buscando na paisagem (ora sim, ora não) um qualquer motivo que, sendo velho, lhes parecia, por momentos, tal uma criança acabada de nascer. Esta sensação de novo, de parto permanente, subsistia nas palavras de Anselmo desde o começo do passeio — e Eurico ouvia-o quase não se atrevendo a uma interrupção...

— Porque de uma coisa tu podes estar certo: enquanto conjecturas sobre mundos habitados para além da Terra, intuindo planetas noutras galáxias com seres dotados de inteligência (e não vamos agora discutir que espécie de inteligência...), a verdade é que nós, o homem, que viemos dos confins dos tempos até esta manhã tão azul e verde, sempre fomos vivendo num planeta que, afinal, são vários planetas... Vários planetas num só planeta! Não sei se...

— Eu sei, eu sei — interrompeu, por fim, Eurico. — Ao desdobramento do nosso planeta também eu já cheguei... Eu sei o que tu vais dizer... Tu vais dizer, por exemplo, que em paralelo com a Terra dos homens, que somos nós, existe também a Terra dos mares, dos rios e das fontes... E que também circula pelo espaço a Terra de cada espécie animal, de cada espécie vegetal, de cada espécie mineral... Teríamos, assim (e desculpa-me a ironia), a Terra dos nossos gatos domésticos, dos cães que nos saúdam com as patas apoiadas no nosso peito, das formigas que, ordenadas, nos vão ao açúcar e o levam para os seus labirintos secretos... Mais, Anselmo: haveria também o planeta Terra dos leopardos, e o dos leões, e o das girafas, e o das baleias, e o das águias voando sobre isto tudo... Depois, e passando por alto sobre muitos outros planetas, teríamos ainda o planeta Terra de todos os minerais que o homem foi descobrindo... Belo, sem dúvida: o planeta Terra Ouro, o planeta Terra Prata, o planeta Terra Diamante... Ofuscante, na verdade! Mas...

Anselmo passou os dedos pelo musgo de uma pedra, sorriu, sentou-se. E disse:

— Sim, era a tudo isso que eu me ia referir... Só que não empregaria esse tom de caricatura que foi o teu ao falar sobre o desdobramento do planeta que é o nosso. Asseguro-te, aqui nesta serra, aqui em Sintra, aqui ambos em rotação pelo espaço, que a Terra não é um só único planeta. É um entrelaçamento de vários planetas, todos eles se sobrepondo em grande harmonia, embora diferentes a cada instante, embora a cada instante exibindo diversos seres vivos, homem, gato, cão — e a cada instante mostrando também reinos vegetais (esta serra, homem!) e reinos minerais ora escondidos, ora descobertos! Esta, Eurico, é a Terra! O múltiplo planeta, Eurico, a que damos o nome de Terra...

Eurico encolheu os ombros, nos olhos um tom longinquamente triste:

— Poeta que tu és! — disse. — A Terra será isso tudo, será, mas não me chega... Preciso de outros mundos habitados... Atenta só no seguinte... Nesta tua Terra, assim tão multiplanetária, que encontros podemos ter...? Que outros seres diferentes, racionais, podemos nós encontrar...? Encontramo-nos, sim, com os irracionais, com os vegetais, com os minerais, com os mares, os rios, as fontes... Mas onde uma outra inteligência, que não a da Terra, que não a humana, com a qual o homem possa viver numa outra intersubjectividade...? Olha, Anselmo, uma coisa te digo: não será que um simples cão não terá noutro planeta um qualquer irmão...? Uivemos por outras razões que entendam a nossa razão! A verdade é esta, Anselmo, nua e crua: não uivam os cães, todos!, não uivam os cães à Lua...?

Pedro Alvim